

Instituto São Paulo Contra a Violência

Projeto

Em busca de um parque sustentável e pacífico:

Parque Anhangüera

DIAGNÓSTICO DA VIOLÊNCIA

Rua Líbero Badaró, 377 - 27º andar – CEP 01009-906 – São Paulo, SP, Brasil

Tel. (55-11) 2168-2912 . Fax (55-11) 2168-2857

www.ispcv.org.br

Instituto São Paulo

Contra a Violência

Projeto

Em busca de um parque sustentável e pacífico:

Parque Anhangüera

DIAGNÓSTICO DA VIOLÊNCIA



Abril de 2009

Ficha Técnica

INSTITUTO SÃO PAULO CONTRA A VIOLÊNCIA

Presidente

Eduardo Ribeiro Capobianco

Presidente do Conselho Deliberativo

Abram Szajman

EM BUSCA DE UM PARQUE SUSTENTÁVEL E PACÍFICO: PARQUE ANHANGÜERA

Coordenador Geral

José Roberto Bellintani

Coordenador Técnico-Científico

Marcelo Batista Nery

Consultor

Tulio Kahn

Assistente de Projeto

Maria da Penha Silva Gomes

Produção Cartográfica

Cristiane De Leo Ballanotti

Auxiliares de Pesquisa

Érika Gibaja de Oliveira
Leandro Carneiro de Souza

Revisão

Oficina Editorial Ltda Me.

Agradecimentos

Secretaria de Segurança Pública de São Paulo
Subprefeitura de Perus
Programa de Aprimoramento em Informações sobre Mortalidade de São Paulo
CEU Perus
Funcionários do Parque Anhanguera
Life ONG
Instituto Romã

ISPCV: seus projetos e atividades

Em busca de um parque sustentável e pacífico: Parque Anhangüera trata-se de um projeto desenvolvido sob a responsabilidade do **Instituto São Paulo Contra a Violência**, neste trabalho denominado simplesmente **ISPCV**.

Fundado em 25 de novembro de 1997, o **ISPCV** é uma organização que tem como objetivo apoiar e desenvolver programas e ações para a formulação, implementação, monitoramento e avaliação de políticas e projetos de combate e prevenção da violência. Para atingir este fim, o **Instituto** promove parcerias e atua na identificação e resolução dos problemas que afetam a segurança dos cidadãos, a qualidade de vida da população e o fortalecimento da organização comunitária.

Em todos os seus trabalhos o **ISPCV** enfatiza ações integradas em quatro áreas: justiça criminal; sistemas correccionais (penitenciário e Fundação Casa); segurança pública; políticas sociais e urbanas, sendo que estas duas últimas expressam bem a experiência do **ISPCV** na realização de projetos como este aqui proposto.

Além de desenvolver atividades como a coordenação do **Disque Denúncia** (em parceria com a Secretaria de Estado da Segurança Pública), a secretaria executiva do **Fórum Metropolitano de Segurança Pública** (constituído pelos prefeitos dos municípios da Região Metropolitana de São Paulo) e a coordenação do **Fórum da Cidadania Contra a Violência** (um movimento social independente, pluralista e suprapartidário que discute e promove políticas, programas e ações contra a violência no Estado de São Paulo)¹, o **ISPCV** é responsável por projetos como **Projeto Abrace seu Bairro** e **Prevenção da Violência e Criminalidade**.

O **Projeto Abrace seu Bairro**, executado entre março de 2004 e fevereiro de 2005, objetivou contribuir para a prevenção da violência a partir do incentivo ao protagonismo juvenil e à capacitação de jovens para o desenvolvimento de

¹ Essas são algumas das ações do **Instituto São Paulo Contra a Violência** que, segundo o *Mapa da violência dos municípios brasileiros 2008*¹, configuram “um dos eixos explicativos centrais para as quedas sistemáticas nas diversas taxas indicativas de violência na Região Metropolitana de São Paulo” (Waiselfisz, 2008).

projetos que atuem diretamente sobre o(s) fator(es) gerador(es) de violência em seu respectivo bairro, integrando e articulando as ações de grupos de jovens, da comunidade escolar e de organizações governamentais e não-governamentais ali existentes.

Colocado em prática desde março de 2005, **Prevenção da Violência e Criminalidade** trata-se de um programa que compreende ciclos de palestras, seminários e cursos que desenvolvem atividades educacionais com a finalidade de informar e capacitar as pessoas para a adoção de medidas de prevenção, a atuação em situações de violência e o acompanhamento de programas de prevenção e redução da violência e da criminalidade.

Em meados de 2008, o **Fundo Especial do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (FEMA)** realizou uma seleção pública para financiar projetos de organizações não-governamentais, relacionados à educação ambiental, que abrangessem regiões ou bairros da Cidade de São Paulo. Assim, o Fundo objetivava sensibilizar, mobilizar e capacitar a população que reside ou transita nos locais onde os projetos seriam desenvolvidos, principalmente áreas verdes e mananciais.

Ao se deparar com essa oportunidade, pensou-se na pertinência da união entre educação ambiental e educação cidadã contra a violência, uma vez que a conservação do meio ambiente não pode negligenciar o fator humano como intrínseco à ambiência que se deseja proteger. Não é aceitável, principalmente em contextos urbanos, a simples eliminação das atividades humanas. A saída é harmonizá-las com a conservação da biodiversidade e com uso racional dos recursos naturais – solução que está diretamente ligada à identificação dos principais problemas sociais de uma comunidade e de como eles se inter-relacionam.

É inegável que a violência é um dos mais graves dentre esses problemas, uma vez que afeta as sociedades e constitui-se séria ameaça ao desenvolvimento sustentável e econômico, à estabilidade e à qualidade de vida dos cidadãos. Diante disso, um dos principais focos dos projetos de conservação e recuperação ambiental são as ações de promoção social e cidadania. Não por acaso muito tem sido investido tanto na urbanização e recuperação de habitações e

loteamentos irregulares e no monitoramento dos espaços verdes como na disseminação de informações sobre a integração entre o homem e o lugar que ele ocupa. De tal modo, a sociedade civil e seus agentes estão no centro das discussões, o que torna iminente o desenvolvimento de duas atividades interdependentes e complementares: uma intervenção educacional e, antes, o fornecimento de subsídios consistentes para orientar essa ação.

Observa-se que o primeiro passo implica a necessidade de realizar um diagnóstico capaz de identificar as características locais, os fatores de risco e as causas que contribuem para a ocorrência de atos violentos contra o patrimônio, as pessoas e o meio ambiente. O diagnóstico é, portanto, uma radiografia que permite atender à demanda por informações qualificadas para implantar e desenvolver ações de curto, médio e longo prazos que possibilitem minimizar perdas ambientais, materiais e humanas.

Portanto, o ISPCV espera que o diagnóstico do projeto **Em busca de um parque sustentável e pacífico: Parque Anhangüera**, além de iniciar um processo de (re)estruturação e (re)apropriação do parque pelos frequentadores e pela sociedade local, tenha como resultado um melhor entendimento das ocorrências criminais que atingem o Parque do Anhangüera, os lugares mais adequados para a intervenção e as mediações apropriadas para cada localidade, a mobilização da comunidade e a formação e a capacitação de cidadãos quanto às questões ligadas ao meio e à violência.

Marcelo Batista Nery

Sumário

--

Página

Lista de Figuras

Lista de Tabelas

1	Introdução	11
2	Perfil da Região.....	15
2.1	Perspectiva acadêmica	16
2.2	Perspectiva criminal	17
2.2.1	Crimes pessoais.....	18
2.2.2	Crimes patrimoniais.....	19
2.2.3	Indicadores de atividade policial.....	20
3	Metodologia.....	22
4	Violência no Parque Anhangüera.....	25
4.1	O tráfico.....	25
4.2	Os homicídios	29
4.3	As mortes por agressão	32
4.4	Roubo de carga.....	34
5	Violência no entorno Parque Anhangüera.....	38
5.1	Homicídios por período do dia.....	38
5.2	Tentativas de homicídios	47
5.3	Furtos.....	49
5.4	Roubos.....	53
5.5	Furtos de veículos	56
5.6	Roubos de Veículos	59
5.7	Denúncias	63
5.8	O desenvolvimento das práticas	66
6	A percepção local em áreas de vulnerabilidade	67
6.1	Jardim do Russo	67
6.2	Bamburral.....	69
6.3	Recanto dos Humildes	71
7	Avanços que contribuíram para a prevenção e combate à violência no Entorno do Parque Anhangüera	73

8	Principais desafios a serem enfrentados para redução da violência e promoção de uma cultura de paz no Parque Anhangüera.....	74
9	Principais desafios a serem enfrentados para redução da violência e promoção de uma cultura de paz no entorno do Parque Anhangüera.....	75
10	Opinião pública sobre insegurança no Parque Anhangüera e entorno.....	77
10.1	Entrevistas no Parque Anhangüera.....	77
10.1.1	Dinâmica de segunda à sexta-feira.....	78
10.1.2	Dinâmica nos sábados, domingos e feriados.....	78
10.2	Percepção sobre o Parque Anhangüera	79
10.2.1	Segurança	79
10.3	Percepção dos grupos em relação ao entorno do Parque.....	80
10.3.1	Relacionamentos na comunidade.....	81
10.3.2	Segurança e instituições de direitos que servem à comunidade.....	84
10.3.3	Avaliação da atuação da polícia	84
10.3.4	Avaliação das instituições.....	85
10.3.5	Percepção quanto a comentários de acontecimentos violentos no Parque Anhangüera e entorno	86
10.3.6	Expressão sobre os direitos humanos	88
11	Mobilização da comunidade	89
11.1	Sobre a redução da violência	89
11.2	Sobre o diagnóstico.....	90
12	Segurança no Parque	91
12.1	Sugestões para promoção de uma política de desenvolvimento socioambiental.....	91
12.2	Prevenção criminal através do desenho ambiental	93
12.3	Avaliação do Parque Anhangüera	98
12.4	Programas para a comunidade	104
13	Considerações finais	106
	Referências bibliográficas.....	108
	Anexo	112

Lista de Figuras

	Página
1	Áreas verdes e manchas quentes de homicídio. São Paulo, 2007 12
2	Homicídios ocorridos nas proximidades do Parque Anhangüera. São Paulo, 2007 13
3	Padrão socioeconômico do entorno do Parque Anhangüera. São Paulo, 2007..14
4	Parque Anhangüera e entorno 23
5	Densidade de ocorrências de tráfico. Área de estudo, 2000- 2007 26
6	Densidade de denúncias de tráfico. Área de estudo, 2008 28
7	Densidade de homicídios dolosos e Qualificados. Área de estudo, 2008 30
8	Densidade de mortes por agressão. Área de estudo, 2000- 2007 33
9	Densidade de roubo de carga. Área de estudo, 2000- 2007 36
10	Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2000 38
11	Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2001 39
12	Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2002 40
13	Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2003 41
14	Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2004 42
15	Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2004 43
16	Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2006 44
17	Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2007 45
18	Densidade de tentativa de homicídios. Área de estudo, 2000- 2007 47
19	Densidade de furtos. Área de estudo, 2008..... 51
20	Densidade de roubos. Área de estudo, 2000- 2007 54
21	Densidade de furtos de veículos. Área de estudo, 2000- 2007 57
22	Densidade de roubos de veículos. Área de estudo, 2000 a 2007 60
23	Densidade de denúncias de maus tratos. Área de estudo, 2000- 2007 63
24	Densidade de denúncias. Área de estudo, 2000- 2007 64
25	Esgoto a céu aberto em viela no Jd. do Russo (a) e percurso de esgoto em área de passagem no Jd. do Russo (b)..... 67
26	Vista de casas no Jd. Do Russo (a) e esgoto próximo a casa no Jd. Do Russo (b)..... 67
27	Casas na favela do Bamburral 68

28	Entulho e lixo em morro da favela do Bamburral (a e b).....	69
29	Córrego na favela do Bamburral (a) e moradia próxima ao córrego (b).....	69
30	Vista do aterro Bandeirante (a) e Advertência do aterro Bandeirante (b)	70
31	Vista de casas no Recanto dos Humildes	70
32	Vieira do Recanto dos Humildes (a) e projetos de urbanização no bairro (b).....	71
33	Placas de sinalização e informações na entrada do Parque	97
34	Bicicletário do Parque.....	98
35	Administração do Parque e telefones públicos.....	98
36	Banheiros públicos do Parque	99
37	Área de lazer infanto-juvenil do Parque.....	99
38	Paredes dos banheiros públicos do Parque sem pichações	100
39	Ciclovía.....	100
40	Área de eventos no Parque.....	101
41	Ciclovía e vegetação lateral da via.....	101
42	Guarita e bebedouro no Parque.....	102
43	Áreas afastadas no Parque	102
44	Carro estacionado na entrada do Parque.....	103

Lista de Tabelas

--

	Página
1 Homicídios, lesões corporais e estupros	18
2 Roubos e furtos.....	20
3 Tráfico e porte de arma	21
4 Percentual de frequentadores que ouviram falar de situações violentas no Parque Anhangüera	85
5 Percentual de frequentadores que ouviram falar de situações violentas no entorno do Parque Anhangüera	86

1 Introdução

Tulio Kahn

A maioria dos equipamentos públicos e áreas de lazer e cultura está concentrada tradicionalmente nas zonas nobres e centrais da cidade, o mesmo acontecendo com os equipamentos de saúde e de educação. Vários motivos explicam esta ocorrência, a antiguidade da ocupação das áreas centrais, a densidade populacional e a influência econômica e política dos moradores destas regiões. As periferias, pelos motivos inversos, são em geral bastante carentes de equipamentos públicos de lazer, esporte e cultura.

Por outro lado, não raramente alguns bairros periféricos são beneficiados pela proximidade de áreas verdes. Isto acontece quando áreas de ocupação mais recentes, próximas dos limites urbanos da cidade transformam-se em parques. Foi o que ocorreu, por exemplo, com o Parque do Carmo, encravado na Zona Leste de São Paulo; com o Parque Estadual da Cantareira, na Zona Norte fazendo divisa com Mairiporã; com o Parque do Estado, na Zona Sul; e com os Parques do Jaraguá e Anhangüera, na região Noroeste da cidade, nos limites com os municípios da Grande São Paulo.

Em comum estes parques mencionados partilham do fato de estarem fixados em regiões de grande pobreza e de terem sido criados nestes locais quase que por “acidente da natureza”, embora a transformação de uma área verde em parque possa ser acelerada pela pressão da população e de políticos locais.

Diferentemente do que ocorre com o Parque Ibirapuera, o Vila Lobos, ou mesmo o Parque da Luz, no Centro, que atraem pessoas de longe e de todas as demais regiões da cidade, os parques periféricos são quase sempre frequentados apenas pelos moradores do bairro e de bairros vizinhos. São antes parques da “comunidade” do que parques da “cidade”. Tal condição, aliada à falta generalizada de opções de lazer na periferia, pode conferir a estes parques um lugar de destaque na vida local.

Do ponto de vista do perfil de criminalidade, estes parques estão inseridos em contextos de grande violência contra a pessoa, predominando crimes como homicídios, lesões corporais e estupros, bem como roubo de carga e em coletivos.

O mapa a seguir (Figura 1) traz a localização das maiores áreas verdes da cidade, bem como as manchas quentes de homicídio da capital no ano de 2007. Nota-se a presença de altas concentrações de homicídios próximas do Parque Ecológico de Guarapiranga, na zona Sul, do Parque Ecológico do Tietê, na zona Leste, e um *hot spot* de homicídios nos arredores do Parque Anhangüera, conforme se mostra no detalhe da área, com 11 homicídios (Figura 2).

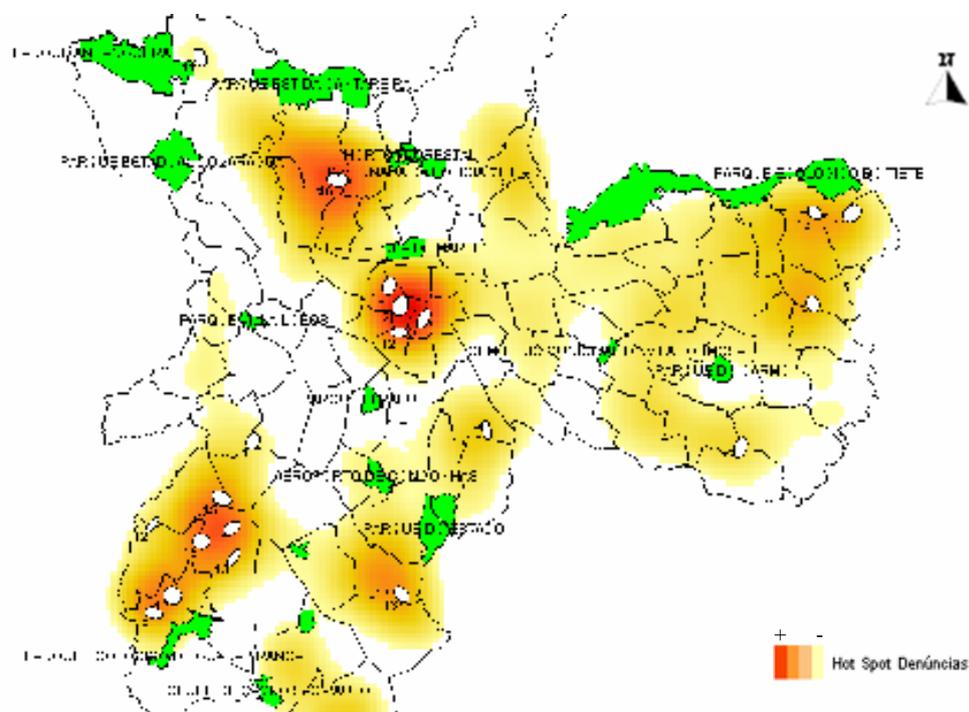


Figura 1 – Áreas verdes e manchas quentes de homicídio. São Paulo, 2007.

Na parte do Parque Anhangüera voltada para o bairro de Perus, nota-se a existência de diversas favelas, com destaque para os Recantos dos Humildes e do Paraíso. A precária situação física e social destas moradias, o tráfico de drogas e a proliferação de bares ilegais são fatores criminógenos que exponenciam a violência ao redor do parque.

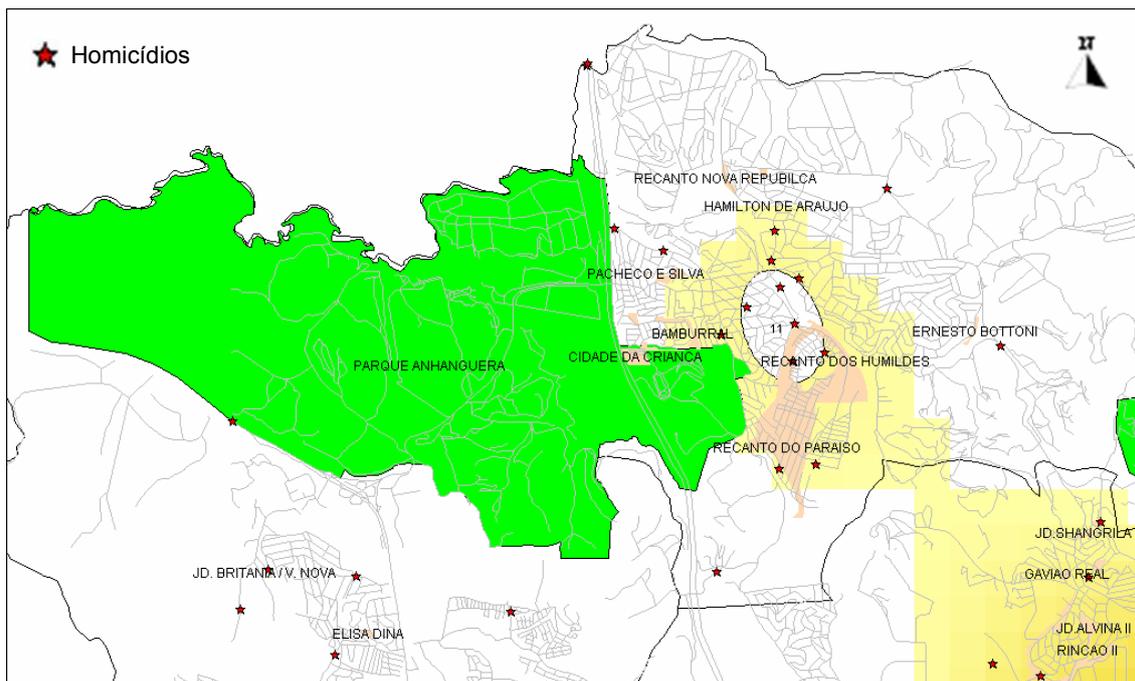


Figura 2 – Homicídios ocorridos nas proximidades do Parque Anhangüera. São Paulo, 2007.

De um modo geral, no entorno do Parque Anhangüera predominam as moradias horizontais de baixo padrão socioeconômico, que são as áreas vermelhas no mapa de zoneamento urbano (Figura 3), sendo limitadas às atividades comerciais ou industriais, com exceção de uma zona industrial ao Norte (em azul), próxima à estação ferroviária. Ressalte-se a existência de um núcleo de casas de padrão um pouco superior (em verde) bem perto da favela. Finalmente, no que diz respeito à rede viária, observe-se que o parque é cortado ao Norte, horizontalmente, pela linha férrea e, verticalmente, pela Rodovia dos Bandeirantes, que o divide em dois. A margem inferior, por fim, faz limite com a Rodovia Anhangüera, que não chega a atravessá-lo. No seu interior, o Parque é cortado por uma série de pequenas estradas, como Estrada do Corredor, dos Adubos, Santa Fé etc.

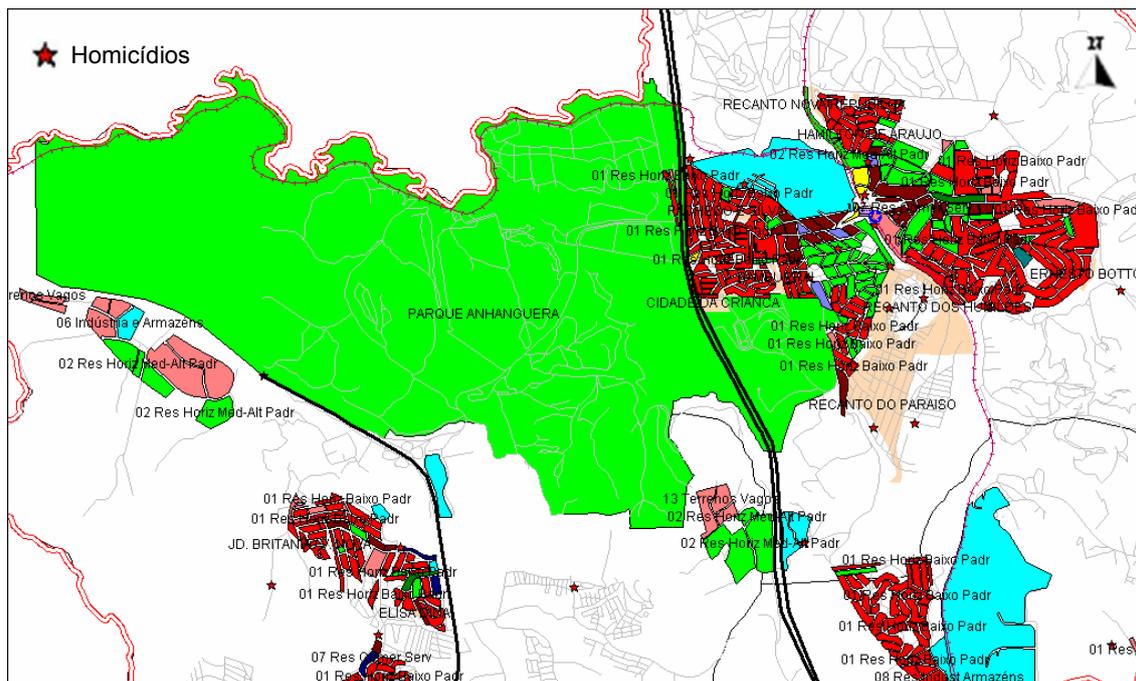


Figura 3 – Padrão socioeconômico do entorno do Parque Anhangüera. São Paulo, 2007.

Mas se a localização periférica, a proximidade de favelas e a concentração de moradias de baixo padrão são fatores de risco para os crimes contra a pessoa, o fato de se tratar de locais vigiados, parcialmente fechados, sem moradores e frequentados apenas no período diurno, etc. são elementos protetores que previnem a ocorrência criminal em seu interior.

2 Perfil da Região

Situada no extremo noroeste da capital paulista a área de intervenção, foco deste projeto, possui uma extensão de aproximadamente nove milhões de metros quadrados e uma infraestrutura que inclui estacionamento para duzentos carros, heliponto e equipamentos de lazer com campos de futebol, ciclovia, represas, várias nascentes, orquidário, quiosques e *playgrounds*. O Parque Anhangüera oferece toda essa estrutura, constituindo-se em uma área onde são encontrados múltiplos aspectos que evidenciam sua importância para esta região noroeste da cidade de São Paulo.

O Parque compõe um admirável complexo de conservação ambiental da região urbana. Segundo a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente², verifica-se que aí subsistem elementos da flora original, principalmente nas matas ciliares, e uma riqueza de ambientes, com campos secos e alagados (brejos), capoeiras e eucaliptal. Ademais, a grande quantidade de cursos d'água, os brejos e as várzeas sustentam uma fauna diversa que inclui animais de 154 espécies, de diversas classes (*Arachnidae*, *Osteichthyes*, *Amphibia*, *Reptilia*, *Aves* e *Mammalia*), e duas espécies possivelmente ameaçadas de extinção³.

Assim, a qualidade ambiental urbana desse lugar vai além da extensão de suas áreas verdes e biodiversidade, pois outros aspectos devem ser levados em consideração para avaliar as condições do homem e do seu bem-estar. Estão inter-relacionadas questões como infraestrutura e serviços de saneamento básico (abastecimento de água, coleta de lixo e rede de esgoto, por exemplo), presença de loteamentos clandestinos e altos índices de criminalidade. Nesse contexto, a região do Parque Anhangüera também pode ser caracterizada pela escassez de equipamentos públicos de educação e saúde e de espaços de cultura e lazer. Não por acaso, em um único fim de semana a frequência de usuários pode superar 4.500 pessoas, notadamente oriundas dos distritos de Perus e Anhangüera.

² <http://www.prodam.sp.gov.br/svma/parques/Anhangüera/index.htm>.

³ Segundo Decreto N°. 42.838/98: 2.

2.1 Perspectiva acadêmica

Do ponto de vista dos estudos acadêmicos, se por um lado é possível encontrar publicações das mais diversas áreas, por outro, a maior parte das análises da região do Parque Anhangüera privilegia um lugar, o Distrito de Perus⁴.

Na área da Saúde Pública, por exemplo, destaca-se a pesquisa intitulada “População de Trabalhadores Rurais Sem Terra e o Sistema Único de Saúde: acesso de mulheres à prevenção de câncer de colo de útero na Atenção Básica” (Miyahiro, 2005). Trata-se de um trabalho que busca verificar o acesso de mulheres trabalhadoras rurais sem terra à prevenção do câncer de colo de útero, no acampamento Irmã Alberta, situado em Perus, próximo à sua fronteira com o Município de Cajamar. Outro trabalho interessante é o “Sistema de informação em AIDS: limites e possibilidades” (Nichiata, 1999), no qual se analisa o Sistema de Informação em AIDS, relatando as dificuldades para caracterizar o modo e a evolução da epidemia da AIDS na Administração Regional de Saúde de Pirituba-Perus, no ano de 1995. Ainda abordando a mesma localidade, existem estudos na área de nutrição, como “Avaliação nutricional da dieta fornecida em duas creches municipais da área de Pirituba-Perus” (André, Peres e Lima, 1987).

Diversas pesquisas podem ser citadas na área de Geologia, como, por exemplo, as publicações de Daniel Atencio “Weeksita rica em Bairro de Perus, Município de São Paulo” (Atencio, 1990), “Novos dados sobre minerais uraníferos secundários do Pegmatito de Perus, Município de São Paulo” (Atencio, 1990) e “Furcalita e outros minerais uraníferos secundários de Perus, SP” (Atencio, 1991).

Também são recorrentes estudos sobre o aterro sanitário Bandeirantes. Um exemplo de trabalhos com esse tema é o estudo de Mônica de Abreu Azevedo, “Avaliação do risco à saúde da população vizinha às áreas de disposição final de resíduos sólidos urbanos: o aterro sanitário como cenário de exposição ambiental” (Azevedo, 2004), que visa avaliar o risco para a saúde da população residente próxima à área do aterro, contemplando assim os bairros de Perus.

Do mesmo modo, é importante citar os trabalhos sobre a Cimento Perus. Na área do Direito, por exemplo, o artigo de revista “A greve da ‘Perus’ nos tribunais: autos parciais do processo da Cia. Brasileira de Cimento Portland Perus” (Revista dos Tribunais, 1967). Na História, as publicações “Cimento Perus: 40 anos de ação

⁴ Segundo pesquisa realizada na Internet em fevereiro e março de 2009.

sindical transformam velha fábrica em centro de cultura municipal” (Organização de Mário Carvalho de Jesus, 1992) e “Da Periferia ao Centro da(o) Capital: perfil dos trabalhadores do primeiro complexo cimenteiro do Brasil. São Paulo, 1925 – 1945” (Chaves, 2005). Na Medicina, o estudo “Contribuição para o estudo do movimento contra o pó de cimento no bairro de Perus, São Paulo: o significado das questões de saúde e doença” (Santos, 1984). Em Ciências Humanas, a análise do espaço da periferia de São Paulo considerando a produção do carnaval em Perus em “O Espaço do Carnaval na Periferia da Cidade de São Paulo” (Frangiotti, 2007).

Referindo-se ao Distrito de Anhangüera, destacam-se as pesquisas “A questão ambiental nas séries iniciais: práticas de professoras do Distrito de Anhangüera – São Paulo” (Pinesso, 2006), que analisou as práticas educacionais relacionadas ao meio ambiente de professoras em Anhangüera, e “Segmentação x totalidade: paradigma funcionalista de pé-quebrado no governo da reconstrução” (Pires, 2005), que investigou a política de comunicação social do governo municipal de São Paulo durante a gestão (2000-2004), por meio das ações de comunicação das Subprefeituras de Perus/Anhangüera e de Santana/Tucuruvi/Mandaqui.

Nomeadamente sobre o Parque Anhangüera, encontrou-se o trabalho publicado pela Prefeitura do Município de São Paulo intitulado “Parque Anhangüera: proposta do arquiteto Rogério A. Dorsa Garcia e do historiador Ernani Silva Bruno” (PMSP, 1992). Outrossim, não foram encontrados trabalhos que tratassem especificamente da questão da violência e da criminalidade no Parque e em seu entorno.

2.2 Perspectiva criminal

No que se refere à organização policial da cidade, a região do Parque Anhangüera está inserida na área do 46º Distrito Policial de Perus, que abrange tanto o Distrito de Anhangüera quanto o de Perus, com cerca de 109 mil habitantes – o que equivale à cerca de 1% dos moradores da Capital (estimados em 10.990.249, em julho de 2008⁵). Nesse contexto, é interessante analisar a evolução dos principais indicadores criminais da área a partir de 2001, comparando com a evolução da Capital como um todo, com o intuito de verificar no que Perus acompanhou a tendência da cidade e em que se

⁵ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE.

destacou, diferindo da tendência geral. Os indicadores estão divididos em crimes pessoais, crimes patrimoniais e indicadores de atividade policial.

2.2.1 Crimes pessoais

O Distrito Policial de Perus concentra 2% dos homicídios dolosos da cidade e, embora a tendência tenha sido de queda entre 2001 e 2008, a redução ali foi menor que a observada na cidade de São Paulo. Isto significa que a região passou de 1,5% dos homicídios dolosos da capital em 2001 para 3,3% em 2007 (maior percentual do período) e para 2,1% em 2008, demonstrando piora na situação relativa. Na tentativa de homicídio, por outro lado, a tendência de queda em Perus foi superior à da capital⁶.

Tabela 1

Homicídios, lesões corporais e estupro
Município de São Paulo e Distrito Policial de Perus
2001-2008

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Total	Varição 08-01
Homicídio Doloso										
Capital	5.174	4.631	4.268	3.368	2.469	1.985	1.538	1.263	24.696	-75,59%
Perus	77	64	101	82	39	52	51	27	493	-64,94%
Participação	1,49%	1,38%	2,37%	2,43%	1,58%	2,62%	3,32%	2,14%	2,00%	
Homicídio culposo por acidente de trânsito										
Capital	879	823	800	756	842	800	774	709	6.383	-19,34%
Perus	27	37	30	36	25	22	27	35	239	29,63%
Participação	3,07%	4,50%	3,75%	4,76%	2,97%	2,75%	3,49%	4,94%	3,74%	
Tentativa de homicídios										
Capital	2.539	2.653	2.645	2.782	2.261	1.905	1.278	1.120	17.183	-55,89%
Perus	56	36	34	63	40	40	24	17	310	-69,64%
Participação	2,21%	1,36%	1,29%	2,26%	1,77%	2,10%	1,88%	1,52%	1,80%	
Lesão corporal dolosa										
Capital	28.695	31.111	34.927	35.941	40.387	39.372	37.577	35.928	283.938	25,21%
Perus	352	282	539	701	672	577	659	411	4.193	16,76%
Participação	1,23%	0,91%	1,54%	1,95%	1,66%	1,47%	1,75%	1,14%	1,48%	
Lesão corporal culposa por acidente de trânsito										
Capital	18.741	20.452	23.355	26.132	27.608	27.746	29.535	28.372	201.941	51,39%
Perus	223	255	231	299	377	268	345	329	2.327	47,53%
Participação	1,19%	1,25%	0,99%	1,14%	1,37%	0,97%	1,17%	1,16%	1,15%	
Estupro										
Capital	1.262	1.303	1.261	1.262	1.291	1.097	977	1.035	9.488	-17,99%
Perus	12	11	11	7	21	25	17	16	120	33,33%
Participação	0,95%	0,84%	0,87%	0,55%	1,63%	2,28%	1,74%	1,55%	1,26%	

Fonte: Secretária de Segurança Pública. São Paulo, 2009 - Resolução SSP 160/01.

⁶ Deve-se analisar a redução da tentativa de homicídio observando questões como a queda de porte de arma (Tabela 3).

Nos crimes de trânsito, nota-se uma pronunciada queda dos homicídios culposos na capital paulista em 2008 (provavelmente devido à Lei 11.705, apelidada de "lei seca"), mas o mesmo não ocorre em Perus. Diante disso, há uma piora relativa em Perus que concentrava 3% dos homicídios culposos da cidade em 2001 e passou a 4,9% em 2008. Já as lesões corporais por acidente de trânsito seguiram comportamentos semelhantes em ambas as áreas, com aumentos significativos entre 2001 e 2007 e importante redução em 2008.

As lesões corporais dolosas agravaram-se na cidade como um todo até o ano de 2007, mas se destaca na área do 46º DP o fato deste ritmo de crescimento ser cerca de três vezes maior, aumentando 87% no período 2001-2007. Finalmente, com relação aos estupros, os comportamentos foram opostos, uma vez que enquanto esta modalidade criminal diminui cerca de 18% na capital paulista, no Distrito de Perus aumenta 33%. Embora os números sejam baixos, em termos absolutos Perus passou a concentrar 1,55% dos estupros da cidade em 2008, enquanto em 2001 representava apenas 0,95%.

Como citado anteriormente, o 46º DP reúne 1% dos moradores da cidade, porém concentra mais de 1% em quase todos os crimes pessoais, reforçando o que se discute com relação às áreas pobres e periféricas da Capital, que tendem a registrá-los com maior intensidade, em contraste com as zonas ricas, onde comumente acontecem proporcionalmente mais crimes contra o patrimônio. Em relação a este último tipo de ocorrência, como revela a Tabela 2 a seguir, a participação de Perus no total da cidade fica quase sempre abaixo de 1%, sugerindo que se trata de área proporcionalmente menos afetada por crimes desta natureza.

2.2.2 Crimes patrimoniais

Embora entre 2001 e 2008 o roubo de veículos tenha caído significativamente na Capital (39,6%), no Distrito de Perus o aumento desses roubos ultrapassa 38%, o que também revela o aumento de sua participação relativa desse último no quadro geral de assaltos.

Tabela 2
Roubos e furtos
Município de São Paulo e Distrito Policial de Perus
2001-2008

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Total	Variação 08-01
Roubo de veículos										
Capital	52.357	44.805	41.873	46.401	44.118	37.772	34.324	31.611	333.261	-39,62%
Perus	288	263	217	261	281	248	248	399	2.205	38,54%
Participação	0,55%	0,59%	0,52%	0,56%	0,64%	0,66%	0,72%	1,26%	0,66%	
Roubo outros										
Capital	112.031	120.654	132.410	114.201	111.064	105.913	108.901	109.637	914.811	-2,14%
Perus	668	637	753	675	589	602	713	721	5.358	7,93%
Participação	0,60%	0,53%	0,57%	0,59%	0,53%	0,57%	0,65%	0,66%	0,59%	
Furto de veículos										
Capital	56.294	51.464	51.007	56.425	57.625	52.834	44.153	43.080	412.882	-23,47%
Perus	185	185	281	317	347	296	220	168	1.999	-9,19%
Participação	0,33%	0,36%	0,55%	0,56%	0,60%	0,56%	0,50%	0,39%	0,48%	
Furto outros										
Capital	115.380	126.099	142.694	166.095	176.181	172.297	148.305	154.539	1.201.590	33,94%
Perus	625	719	1.028	1.163	958	916	935	768	7.112	22,88%
Participação	0,54%	0,57%	0,72%	0,70%	0,54%	0,53%	0,63%	0,50%	0,59%	

Fonte: Secretária de Segurança Pública. São Paulo, 2009 - Resolução SSP 160/01.

Na categoria roubos – outros, notam-se tendências distintas na cidade de São Paulo e na região, sendo que a queda da Capital (2,1%) não é acompanhada por Perus. No que tange aos furtos de veículos, ocorre redução em ambas as áreas, mas ela é menos intensa em Perus, atingindo 23,4% e 9,1%, respectivamente. Contrariamente, os furtos – outros apresentam maior aumento na capital, 33,9%, enquanto em Perus o acréscimo é de aproximadamente 23%.

2.2.3 Indicadores de atividade policial

A categoria tráfico de entorpecentes é antes um indicador da atividade policial do que um indicador criminal, como ocorre quase sempre com os “crimes contra a sociedade”, ou seja, crimes sem vítimas onde um boletim de ocorrência significa invariavelmente um flagrante policial. Aceita esta interpretação – embora o aumento de circulação de drogas numa área possa também incrementar este indicador – observa-se o expressivo crescimento na atividade de repressão às

drogas tanto na cidade quando em Perus, embora aqui num ritmo um tanto menor. A apreensão de armas, por outro lado, despensa de forma generalizada após o Estatuto do Desarmamento de 2003 e este efeito pode ser constatado tanto na cidade quando na área do 46º DP (Tabela 3).

Tabela 3
 Tráfico e porte de arma
 Município de São Paulo e Distrito Policial de Perus
 2001-2008

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Total	Varição 08-01
Tráfico de entorpecentes										
Capital	2.115	2.845	3.242	3.389	3.340	3.604	4.755	5.823	29.113	175,32%
Perus	19	29	32	37	35	59	51	55	317	189,47%
Participação	0,90%	1,02%	0,99%	1,09%	1,05%	1,64%	1,07%	0,94%	1,09%	
Porte de arma										
Capital	4.531	4.318	4.281	3.655	3.085	2.453	2.256	1.762	26.341	-61,11%
Perus	59	87	57	54	58	34	33	34	416	-42,37%
Participação	1,30%	2,01%	1,33%	1,48%	1,88%	1,39%	1,46%	1,93%		

Fonte: Secretária de Segurança Pública. São Paulo, 2009 - Resolução SSP 160/01.

Em suma, pode-se dizer que nos últimos anos o 46º DP de Perus destaca-se pelo crescimento dos roubos, embora a magnitude absoluta não seja expressiva. Chama a atenção igualmente a quantidade desproporcional de homicídios dolosos e culposos por acidente de trânsito, levando-se em conta que reside na área apenas 1% da população da Capital.

3 Metodologia

Para o desenvolvimento de um Diagnóstico da Violência, o primeiro passo é a certificação da existência e acesso a dados sistematizados e armazenados em formato digital como também às representações territoriais para a área de estudo em formato digital adequado a exploração por um Sistema de Informação Geográfica (SIG). De tal modo, são levantados dados referentes ao crime e à violência por meio de fontes policiais (boletins de ocorrências e informações criminais) e não policiais (atestados de óbito e atendimentos em serviços de saúde).

Uma vez conseguidos os dados necessários à montagem do SIG, será possível determinar se os eventos criminais na área de estudo exibem algum padrão sistemático e também detectar os aglomerados espaciais (*clusters*). Essa análise permitirá constatar a existência de contiguidades, estimar padrões espaciais e construir expressões territoriais, o que implicará, posteriormente, formas de abordagens diferenciadas de tratamento e representação (tanto em mapas coropléticos quanto em mapas baseados em técnicas de análise espacial). O uso das técnicas de geoinformação autorizará a percepção das distribuições relativas ao espaço, a descoberta da existência de padrões de associação ou de aleatoriedade e a identificação de observações atípicas (*outliers*) dos crimes.

Contudo, tanto no diagnóstico como nas ações por ele orientadas não se pode estabelecer as delimitações de estudo ou intervenção sem prévia análise, uma vez que se torna evidente a possibilidade de ignorar elementos relevantes que podem influenciar diretamente uma região, mas que acontecem, por exemplo, em seu entorno. O uso das técnicas de geoinformação possibilitou determinar uma região de interesse aqui denominada área de estudo (Figura 4), na qual foram detectados padrões na distribuição espaço-temporal para os eventos criminais observados⁷.

⁷ Alguns dos eventos citados (registros criminais, de mortalidade e denúncias) são apresentados nos mapas presentes na metodologia proposta para o diagnóstico.

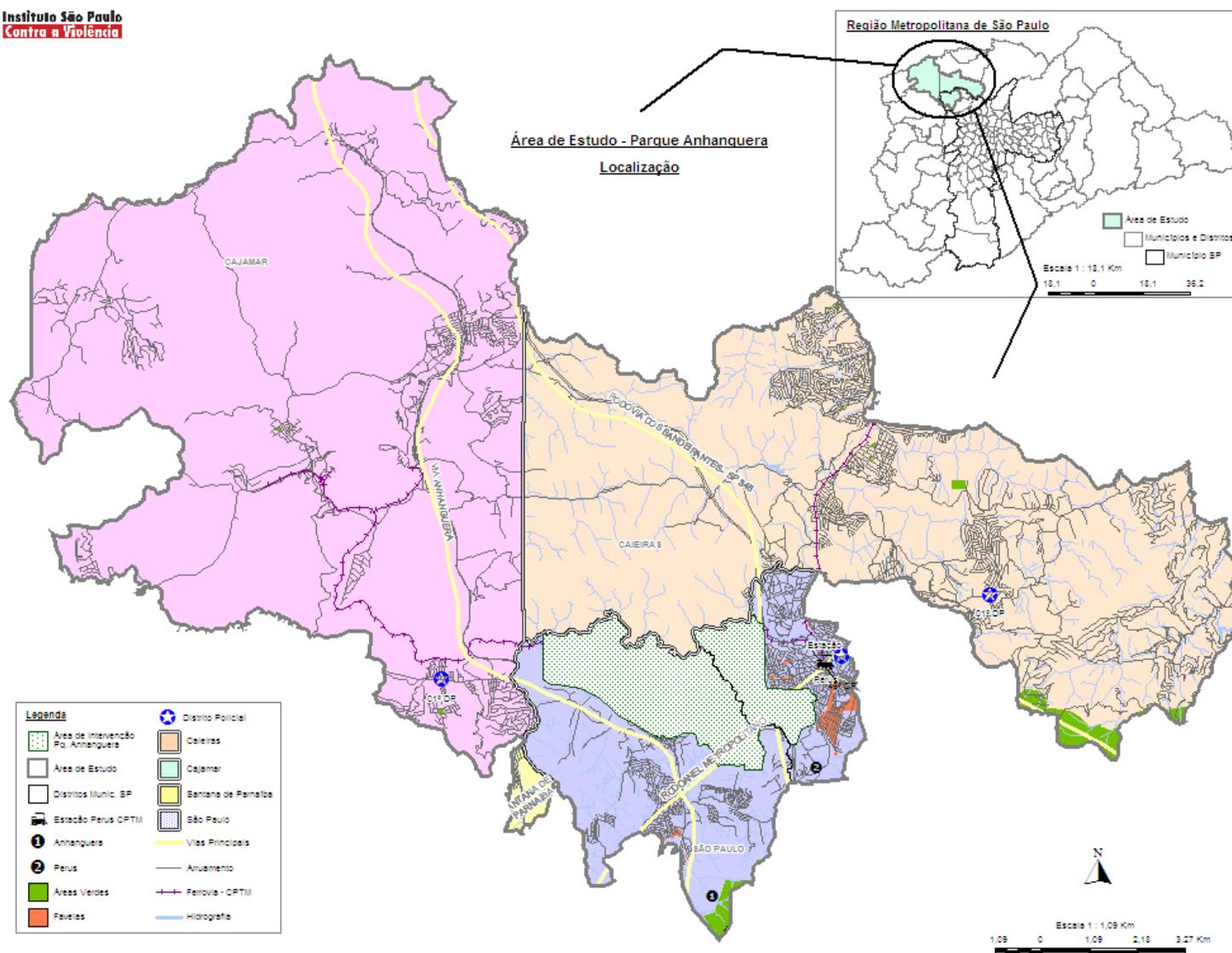


Figura 4 – Parque Anhanguera e entorno.

Parte da área de estudo está no Município de São Paulo. Na capital paulista, ela corresponde às subprefeituras de Anhangüera e Perus e ao Distrito Policial de Perus (46º DP). Esse território também pode ser entendido como a agregação de 85 unidades geográficas, os setores censitários⁸, que devido à sua reduzida dimensão, formadas em regra por cerca de 200 a 300 domicílios, proporcionam uma análise mais detalhada do local em questão. O estudo ainda abrange os municípios de Cajamar, Caieiras e uma pequena parcela de Santana de Parnaíba⁹. Isso porque as análises preliminares assinalam que a dinâmica dos crimes que ocorrem nesses municípios, nas proximidades de suas fronteiras com São Paulo, pode estar associada à atividade criminal que atinge o Parque Anhangüera.

Tomando como base a área sobre citada, serão criados mapas temáticos aplicando o estimador de densidade conhecido como Kernel (Bailey e Gatrell, 1995). Esses mapas mostram as intensidades de crimes, mortes e denúncias, representadas por cores que variam do branco, ausência de casos, ao vermelho, elevada concentração de ocorrências. A densidade de eventos é dada como alta quando ela supera a amplitude dos maiores valores anuais, mensurados no decorrer da série histórica apresentada.

Concomitantemente, serão avaliadas pesquisas de opinião e entrevistas com representantes da sociedade civil, do setor privado e dos poderes públicos – especialmente os envolvidos com ações de prevenção e repressão de atos violentos. As pesquisas têm por objetivo identificar problemas não mensuráveis, tais como a percepção do funcionamento das agências públicas encarregadas em debelar o crime ou o grau de exposição à violência da população. As entrevistas são importantes, entre outros instrumentos, para auxiliar o aperfeiçoamento dos serviços públicos de repressão do crime e para a identificação de potenciais parceiros na elaboração e implementação de ações e programas de prevenção.

⁸ Totalizando 13.278 na capital paulista, Setores Censitários são unidades territoriais utilizadas pelo IBGE para a coleta de informações; são também entendidos como subdivisões dos Distritos Censitários.

⁹ Nota-se que os territórios de Cajamar e Caieiras são apresentados integralmente. O diagnóstico irá considerar as ações de segurança pública desses municípios e, principalmente, seus dados globais de violência. Todavia, o diagnóstico focará essencialmente as localidades próximas ao Parque Anhangüera.

4 Violência no Parque Anhangüera

Segundo a percepção das entidades sociais entrevistadas, o Parque Anhangüera não é violento, pois consideram que, devido à atuação da Guarda Civil Metropolitana (GCM), as pessoas que o frequentam com “boa intenção” podem desfrutar momentos de lazer e recreação, o que contribui para torná-lo um local seguro.

As impressões dadas pelos representantes do poder público não são diferentes. Para eles, o Parque Anhangüera “não é violento e nem ocorrem eventos de criminalidade”, uma vez que a atmosfera é “harmoniosa e respeitosa”, motivada pela grande frequência de famílias durante os finais de semanas. Porém, trata-se de um momento em que, potencialmente, devido ao grande número de frequentadores, maior número de ocorrências pode ser registrado.

Do mesmo modo, os agentes de segurança pública não divergem dos representantes das entidades e do poder público com relação ao ambiente do parque, classificando-o como tranquilo e seguro. Mas, diferem quando se referem a toda extensão interna do parque, e não somente ao espaço destinado ao lazer dos frequentadores.

Nesses lugares, haveria casos de pessoas que utilizam drogas e exageram no consumo de bebidas alcoólicas. Como exemplo desse fato, as entidades citaram que um determinado grupo de amigos se reúne para beber e usar entorpecentes e expressam esse encontro com a seguinte frase: “Hoje é dia de Parque!”.

4.1 O tráfico

O tráfico de entorpecentes merece uma atenção especial, uma vez que constitui não apenas uma questão de segurança, mas também um problema social e de saúde pública. Diante disso, primeiramente, vale destacar a importância de identificar onde as ocorrências de tráfico são recorrentes (Figura 5).

Tráfico de Entorpecientes
2000 a 2007

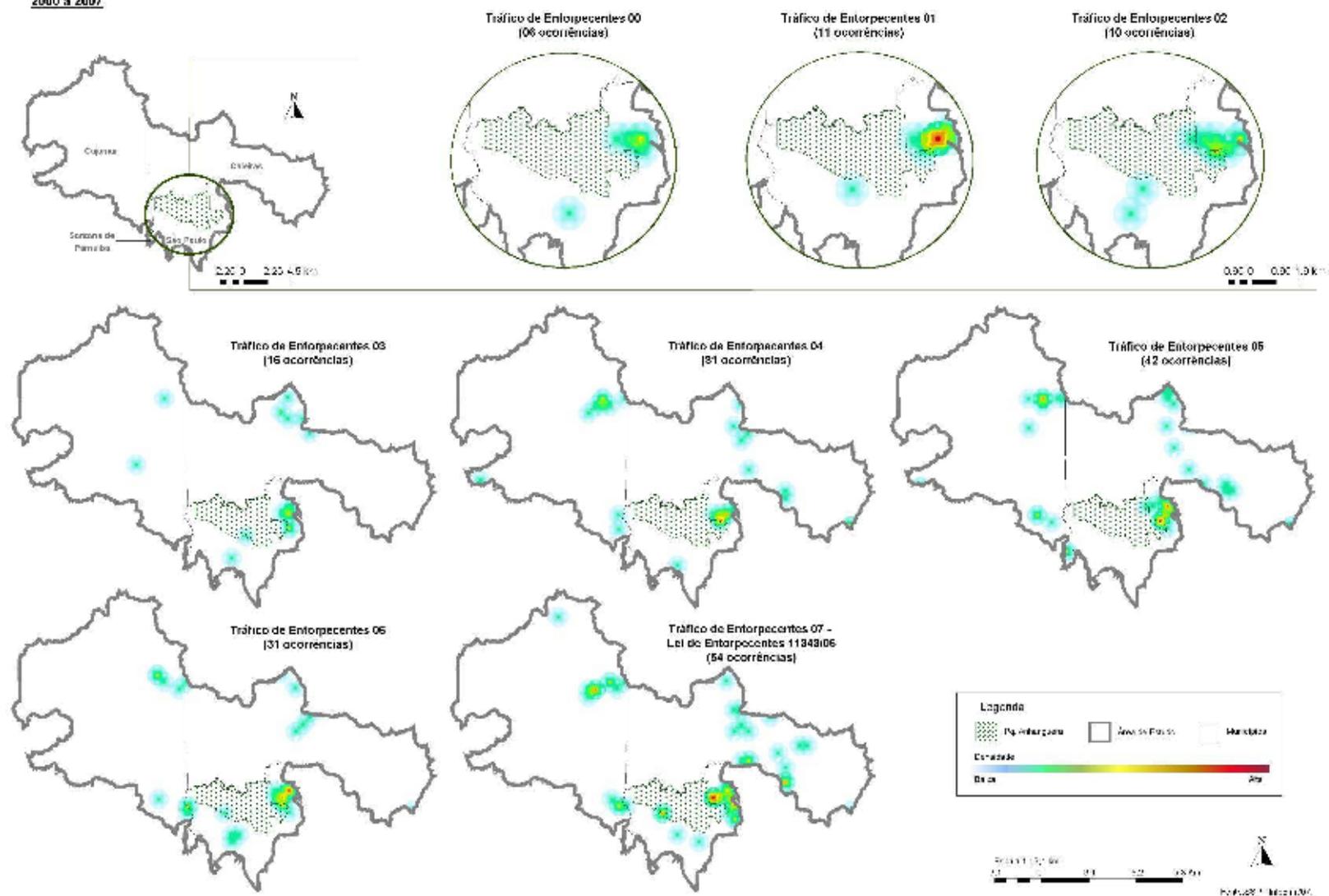


Figura 5 – Densidade de ocorrências de tráfico. Área de estudo, 2000-2007.

Na observação do mapa que representa a densidade de casos de tráfico registrados entre 2000 e 2007, pode-se notar que nos primeiros anos as principais concentrações de ocorrências estão localizadas nos distritos de Perus, a nordeste, e de Anhangüera, ao sul.

Em 2001, houve considerável aumento de densidade de ocorrências de tráfico, comparativamente ao ano anterior. Naquele ano, o maior número de registros foi efetuado nas proximidades da rodovia Bandeirantes, da estação ferroviária de Perus, da Rua Mogeiro e da Avenida Dr. Sylvio de Campos. Em 2002, a concentração desses crimes volta a diminuir. Essa redução está vinculada ao não registro de casos de tráfico na avenida citada, o que não acontece na Rua Mogeiro, onde eles persistem. Ao mesmo tempo, um novo foco pode ser detectado na Avenida Domingos Antônio di Sandro.

No ano seguinte, a partir do acesso aos dados de Caieiras e Cajamar, torna-se possível uma visão mais clara sobre o que incide no entorno do Parque, onde se observa também um alto índice de tráfico concentrado em Cajamar (Distrito de Jordanésia) e alguns focos dispersos ao sul deste município e de Caieiras. Em toda a área de estudo é proeminente o tráfico de maconha.

A partir de 2004, é notável o aumento das ocorrências em Perus, principalmente nas proximidades do Bairro Bamburral, e uma dispersão do foco desses crimes ao longo da Rua Mogeiro, até o seu início, próximo à Rodovia dos Bandeirantes. Em 2006, os focos estão espalhados no Distrito de Perus, tendo uma maior concentração na Rua Joaquim de Souza Araújo, Rua Mogeiro e Rua Rosa do Japão. No Distrito de Anhangüera há pontos na extensão das ruas José Gladiador e Alberto Gentili.

O ano de 2007 apresenta aumento significativo no número de ocorrências, o que pode apresentar alguma ligação com a Lei de Entorpecentes 11343/06, que instituiu o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD. Entretanto, os locais com maior densidade de registros não apresentam mudança significativa.

Não obstante, a análise do tráfico de entorpecentes empregando apenas dados policiais apresenta limitações. Os estudos criminológicos desenvolvidos pelo **ISPCV** apontam para a dificuldade em se mensurar o tráfico, uma vez que as estatísticas oficiais refletem em grande parte a atividade policial e não necessariamente a distribuição do delito em si, o que torna fundamental valer-se de diferentes fontes de informações. Diante disso, os dados do **Disque Denúncia** foram utilizados para corroborar ou contradizer a percepção sobre o tráfico de drogas oriunda dos registros policiais (Figura 6).

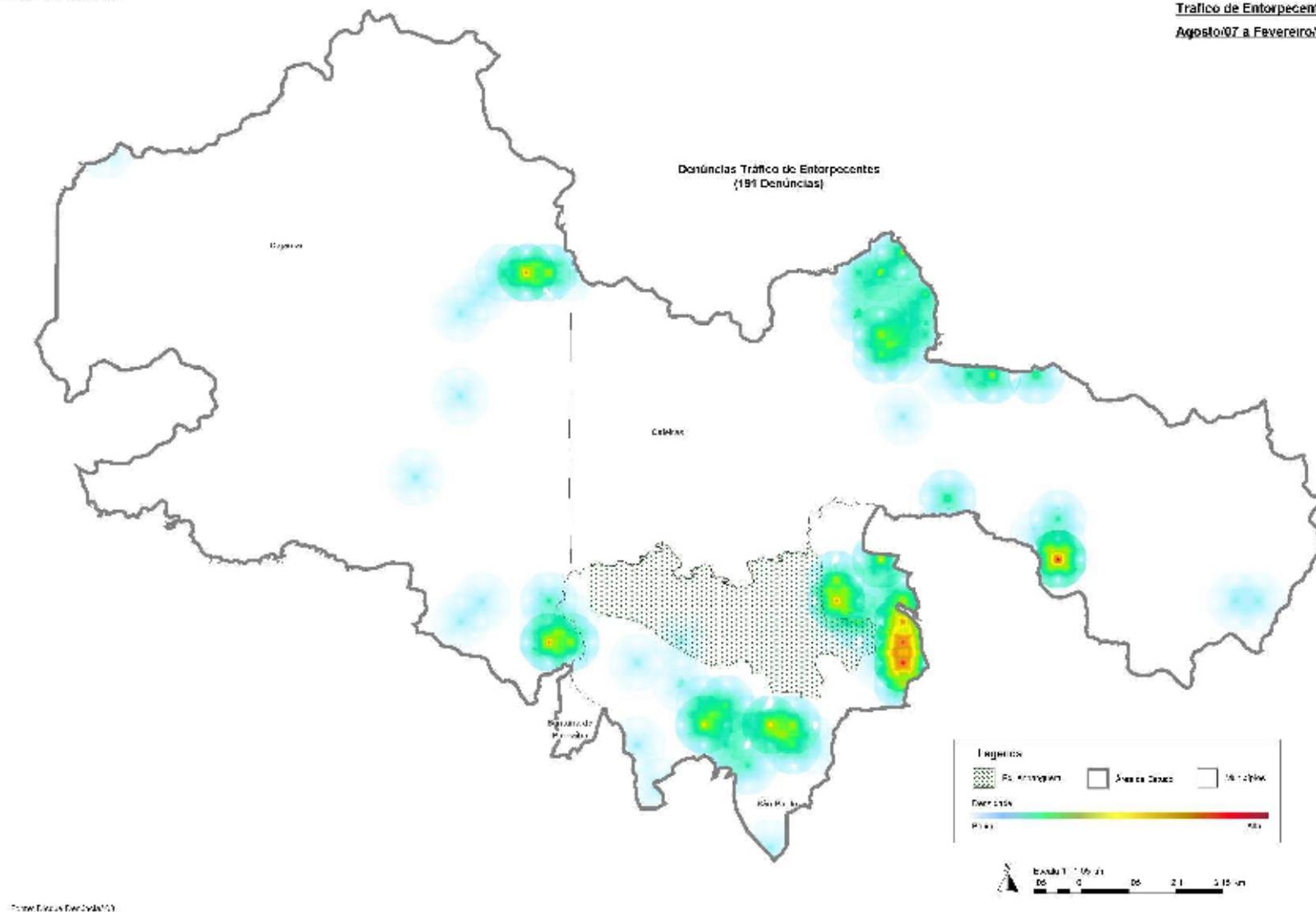


Figura 6 – Densidade de denúncias de tráfico. Área de estudo, 2008.

De acordo com o mapa de denúncias de tráfico, percebe-se que a concentração mais expressiva está localizada na área abrangida pelas favelas do Distrito de Perus, com destaque para o Recanto dos Humildes e o Recanto do Paraíso. Ainda no Município de São Paulo, a região que envolve as favelas do Morro Doce e arredores também concentra um número representativo de denúncias. Comportamento similar é observado em Cajamar e Caieiras, que também apresentam grande quantidade de denúncias espalhadas por quase todas as suas áreas urbanizadas.

Grosso modo, vê-se a coincidência das altas concentrações de ocorrências policiais e de denúncias. Contudo, ressalta-se que, apesar das denúncias compreenderem um período pequeno, há indícios de que o número de ocorrências pode ser maior do que o registrado pela Secretaria de Segurança.

4.2 Os homicídios

O tráfico de entorpecentes pode ser um condicionante de outras modalidades criminais e também estar relacionado tanto a pequenos furtos para alimentar o vício como a confrontos com a polícia e a ocorrências de crimes violentos.

Dentre os vários fatos ocorridos dentro do Parque, vale destacar o relato de tiroteio entre responsáveis pela segurança da área e caçadores. Em outras narrações de casos, são citados o consumo de drogas no parque e a ocorrência de um número impreciso de estupros, de sequestros relâmpago e de encontro de cadáveres em áreas contíguas.

A ilustração da distribuição de homicídios dolosos e qualificados¹⁰ na área de estudo, no período 2000-07, serve como indicativo dessa situação (Figura 7). Os mapas revelam focos de densidade de ocorrências localizados principalmente na região leste do Parque Anhangüera, abrangendo uma grande extensão ocupada pela ferrovia e a estação de trem no Distrito de Perus, por 27 escolas municipais, estaduais e particulares, por uma unidade de saúde do PAS e por 22 favelas que, de acordo com os mapas descritos anteriormente, coincidem com a área que apresenta intensa atividade de tráfico de entorpecentes.

¹⁰ Quando o homicídio é cometido voluntariamente, visando o resultado de morte ou assumindo-se o risco de produzi-la, é chamado de doloso. Já o homicídio qualificado envolve, entre outros, um alto grau de crueldade ou premeditação.

Homicídio Doloso
2000 a 2007

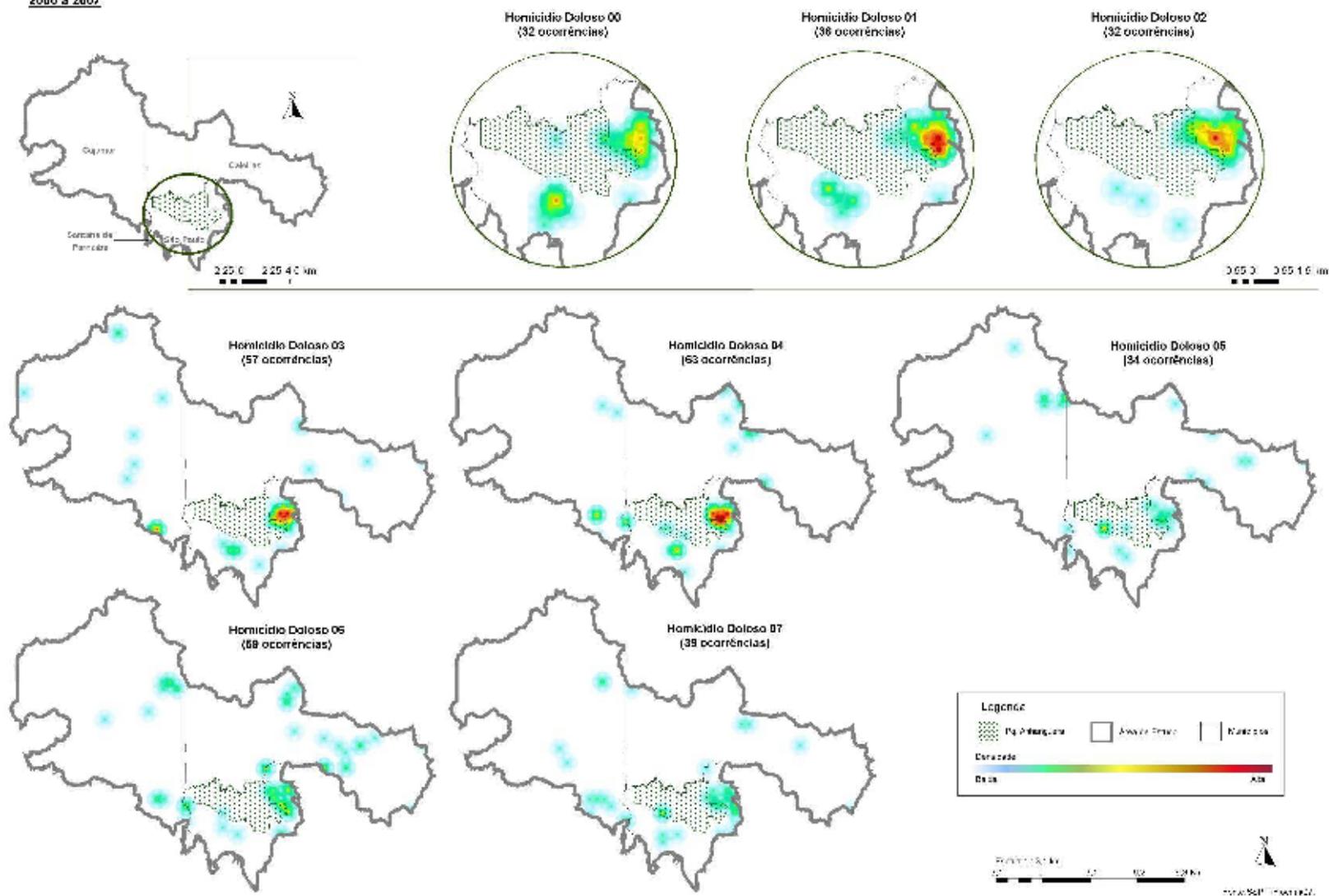


Figura 7 – Densidade de homicídios dolosos. Área de estudo, 2000-2007.

Na série de mapas apresentados anteriormente, observa-se inicialmente um adensamento considerável do foco no distrito paulistano de Perus (a leste do Parque). No primeiro ano, 2000, a principal concentração de ocorrências é registrada nas proximidades das ruas Julio Maciel e Braz Baltazar Silveira, no Bairro Recanto do Paraíso, do Bairro Beija-Flor e da Estação Ferroviária de Perus. Em 2001, há o adensamento desse foco e a expansão das ocorrências na região sul do Parque. No ano seguinte, as ocorrências se dispersam.

A partir de 2003, é perceptível nos municípios de Cajamar e Caieiras que as ocorrências acontecem com maior frequência em suas regiões mais urbanizadas. Inicialmente, os focos de homicídios encontram-se bem dispersos e pouco densos, porém, com o decorrer do tempo, torna-se cada vez mais evidente a existência de uma série de assassinatos no extremo sul de Cajamar, a oeste do Parque. Tais ocorrências eram concentradas nas proximidades da Rua Campos do Jordão, no Distrito de Polvilho e exatamente na divisa entre este município e o Distrito de Anhangüera, próxima às Avenidas Ten. Marques e Alto Alegre.

Em 2003 e 2004, um gradual adensamento é visível a sudoeste do Parque Anhangüera. Nesse período, registra-se maior número de ocorrências nas extremidades do leste do Parque Anhangüera no Distrito de Perus, especificamente nas ruas Joaquim de Souza Araújo, Rosa do Japão e João Gonçalves de Lima. Ainda no ano de 2004, percebe-se uma dispersão em Perus para o sul do Parque, na Rua Leopoldo de Passos Lima, próximo à Avenida Pierre Renoir, e homicídios em locais onde eles não aconteciam anteriormente, como nas ruas Ylídio Figueiredo e Ten. Alexandre Conty.

Em 2004, ao contrário dos distritos paulistanos de Perus e Anhangüera, os crimes na cidade de Cajamar (Distrito de Jordanésia), a noroeste do Parque, diminuem consideravelmente. Entretanto, um novo foco surge neste mesmo município, novamente no extremo sul (Distrito de Polvilho), mas um pouco acima daquele detectado em 2003, o que pode sugerir uma migração das ocorrências. Este novo foco é observado nas proximidades da Avenida Ten. Marques e Rua Americana. Já em Caieiras, as ocorrências aproximam-se espacialmente e aumentam em quantidade. Os principais pontos estão localizados próximos às ruas Minas Gerais e Eva.

O ano de 2005 apresenta uma grande diminuição em ambos os focos. Nos dois anos seguintes, o foco em Anhangüera mantém-se constante, enquanto o de Perus apresenta leve adensamento em 2006, voltando a diminuir em 2007. É importante citar a Rua Mogeiro, cuja concentração de ocorrências ainda existe, apesar das oscilações de densidade e, neste último ano, ela também registra casos de homicídios na parte mais afastada do centro do bairro, próximo à Rodovia dos Bandeirantes.

Nos anos de 2005, 2006 e 2007 torna-se rara a recorrência de homicídios no mesmo local, exceção feita à região delimitada pelas ruas Mogeiro, Rosa do Japão, Joaquim de Souza Araújo e Diogo Antônio Feijó. Nesse mesmo período, ocorre a dispersão de focos no Distrito de Anhangüera. Contrariamente, nos municípios de Cajamar e Caieiras os focos se adensam em 2005 e 2006 e voltam a reduzir no último ano.

4.3 As mortes por agressão

Para qualificar as análises dos homicídios, outras fontes de dados de mortalidade também foram empregadas com o objetivo de ratificar os dados policiais, como feito na análise do tráfico de entorpecentes. Para tanto, definiu-se como fonte de informações a Base de dados do Programa de Aprimoramento em Informações sobre Mortalidade (PRO-AIM) do Município de São Paulo. Vale lembrar que se os homicídios considerados anteriormente têm como origem os Boletins de Ocorrência e como referência o local de acontecimento do crime, as mortes por agressão são registradas em Declarações de Óbito e identificam o local de residência da vítima.

As mortes por agressão ocorridas em Perus e Anhangüera (Figura 8) mostram um padrão semelhante aos homicídios. Tal situação indica que os lugares com maior concentração de ocorrências de homicídios e as localidades com maior número de vítimas de mortes por agressão são em grande parte coincidentes.

Morte por Agressão - Residência da Vítima
2000 a 2005

Instituto São Paulo
Contra a Violência

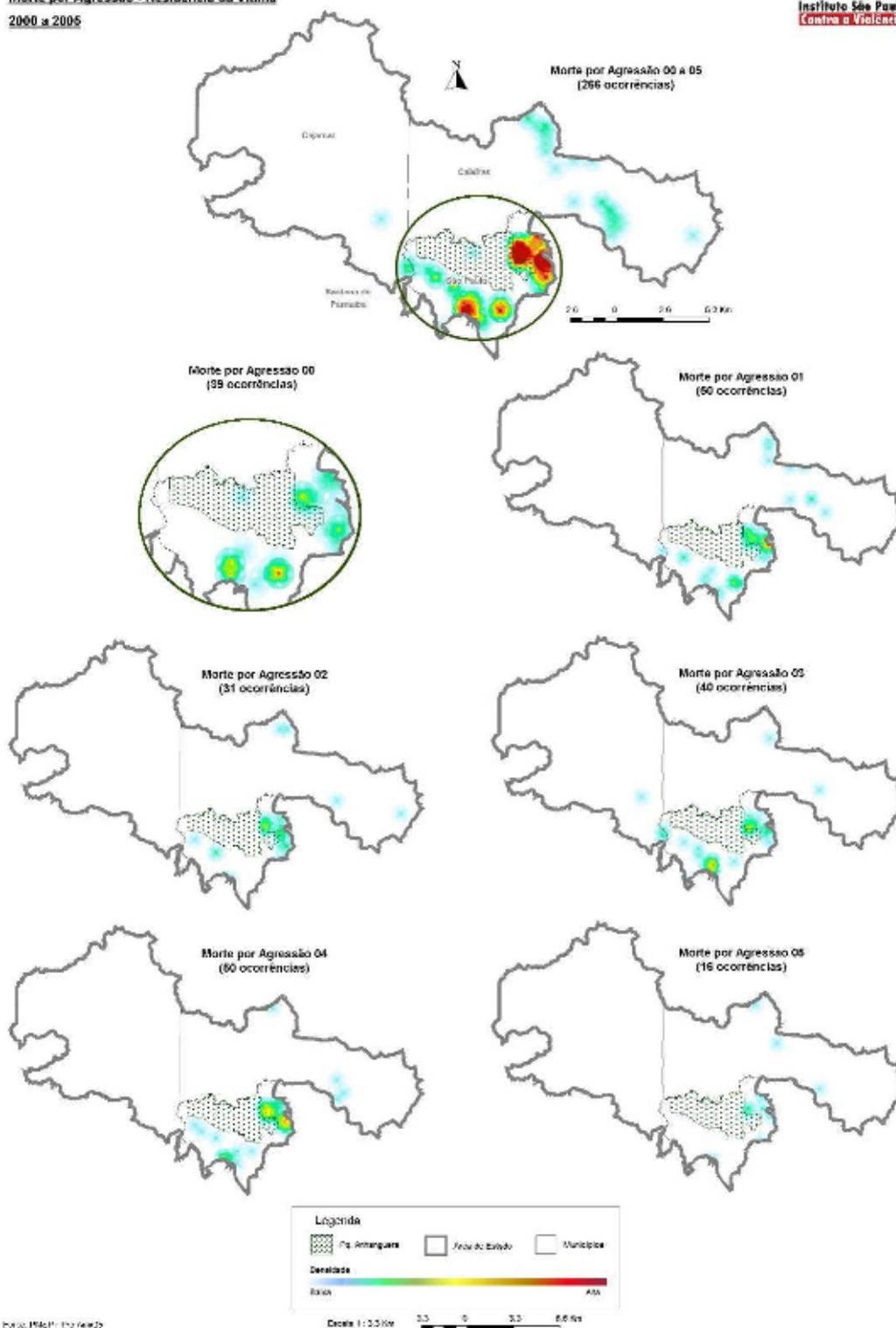


Figura 8 – Densidade de mortes por agressão. Área de estudo, 2000-2007.

As ocorrências de mortes por agressão de residentes nos distritos Anhangüera e Perus seguem uma dinâmica variada ao longo do tempo. Em 2000 e 2001, pode-se perceber em Perus, a leste do Parque, focos cuja maior incidência ocorre nos arredores dos Bairros Botafogo, Jardim Russo, Bamburral e no Recanto do Paraíso. Já no foco a sul do Parque, no Distrito de Anhangüera, tem-se uma concentração nas proximidades das ruas Alberto Callix e Mário Palmerio e outra nas ruas São João e Chico Mendes, no bairro Sol Nascente. A densidade destes focos é menor no ano de 2001.

Distingue-se no ano de 2002 uma diminuição de densidade para ambos os focos, porém é notável uma dispersão espacial das ocorrências. Em 2003, os locais não se modificam significativamente, todavia o foco de Perus reduz enquanto no Distrito de Anhangüera surge uma nova concentração que pode ser observada entre a Avenida Felippo Sturba e a Rua Failcal Murad, no Morro Doce. O ano de 2004 revela um aumento significativo de óbitos de moradores em Perus, principalmente na Avenida Pavão e na Rua Violeta dos Alpes, nos Recantos do Paraíso e dos Humildes; na Rua Bernardo José de Lorena e nas proximidades dos bairros Beija Flor e Recanto da Alegria. Anhangüera continua apresentando uma concentração adjacente à Rua Mário Palmerio. A partir de 2005, o expressivo acréscimo das mortes observado em 2003 é interrompido e inicia-se uma contínua diminuição das ocorrências.

4.4 Roubo de carga

Por fim, os relatos que indicam práticas delituosas de grupos organizados devem ser ressaltados. A identificação de ferramentas (cabos de aço e “canhão-zinhos” com projéteis comumente empregados como armadilhas para a caça animal) e a de carcaças de veículos, inclusive de caminhões, foi confirmada reiteradamente.

Não foram identificadas nos registros do Disque-Denúncia no período observado (agosto de 2007 a fevereiro de 2008) denúncias de tráfico de animais, sendo que roubo de carga não é um dos crimes mais recorrentes da área de estudo. No entanto, ao ter acesso aos dados desses roubos, torna-se importante estudá-los, uma vez que podem ser um indicativo da ação de organizações criminosas.

Os mapas a seguir descrevem o movimento do crime de cargas na área de estudo do Parque Anhangüera e arredores (Figura 9). Nesta série, nota-se que a ocorrência de roubo de carga nos três primeiros anos acontece apenas no Distrito de Perus (leste do Parque) – com exceção de um caso no Distrito de Anhangüera (sul do Parque) em 2001, localizado na alça de acesso à Estrada de Perus. Naqueles anos, nota-se o aumento dos crimes, que acontecem principalmente na Rodovia dos Bandeirantes e em Perus, onde se destacam as ruas Fiorelli Peccicacco e Ylídio Figueiredo.

Os anos que seguem não apresentam variações muito grandes em densidade e dispersão neste foco, podendo-se verificar concentrações nas ruas Mogeiro e Julio Maciel, Avenida Dr. Sylvio de Campos e no Bairro Beija-Flor. Contudo, surge um foco de baixa densidade em Anhangüera, que corresponde às ocorrências dispersas que acontecem no interior do bairro e nas proximidades da Rodovia Anhangüera. Em 2003, surgem focos no Município de Cajamar e ao longo da via Anhangüera, próximos às estradas do Campo Limpo Paulista e Francisco Misse, destacando que a via Anhangüera, segundo dados do Sindicato das Empresas de Transportes de Carga de São Paulo e Região (SETCESP) – que possui informações detalhadas sobre a incidência de crimes de carga em estradas –, está entre as rodovias que mais apresentam delitos de roubo de carga em São Paulo, juntamente com as rodovias Dutra, Régis Bittencourt e, por fim, porém com menor número de ocorrências, a Fernão Dias.

A partir de 2004, é possível visualizar a formação e crescimento de um foco nos limites do Parque Anhangüera, a leste da área de estudo, localizado na Rodovia Anhangüera, próximo ao Pedágio. Em Cajamar, existem pontos na fronteira entre Caieiras e Franco da Rocha e na Rodovia dos Bandeirantes. Um outro foco de roubo de cargas persiste no extremo noroeste do Município, no cruzamento entre a Rodovia Anhangüera e a Estrada Francisco Misse.

De 2005 a 2007, alguns pontos surgem em Caieiras, localizados ao longo da Avenida Paulicéia, nas proximidades das Ajoá e Morro Grande de Santa Inês. Já na área de Perus, há uma mudança no local de concentração das ocorrências, que migra da Rodovia dos Bandeirantes para a Rua Mogeiro, próxima ao Rodoanel metropolitano, e que apresenta uma expansão em sua área de abrangência até 2007, estendendo-se até a linha férrea e seguindo ainda pela Rodovia dos Bandeirantes no limite com o Município de Caieiras. Ao mesmo tempo, do lado oeste do Parque, por onde passa a via Anhangüera, no distrito de mesmo nome,

há o aparecimento de um foco que é intensificado na sequência histórica, aumentando de 04 ocorrências no ano de 2004 para 14, em 2007.

Roubo de Carga
2000 a 2007

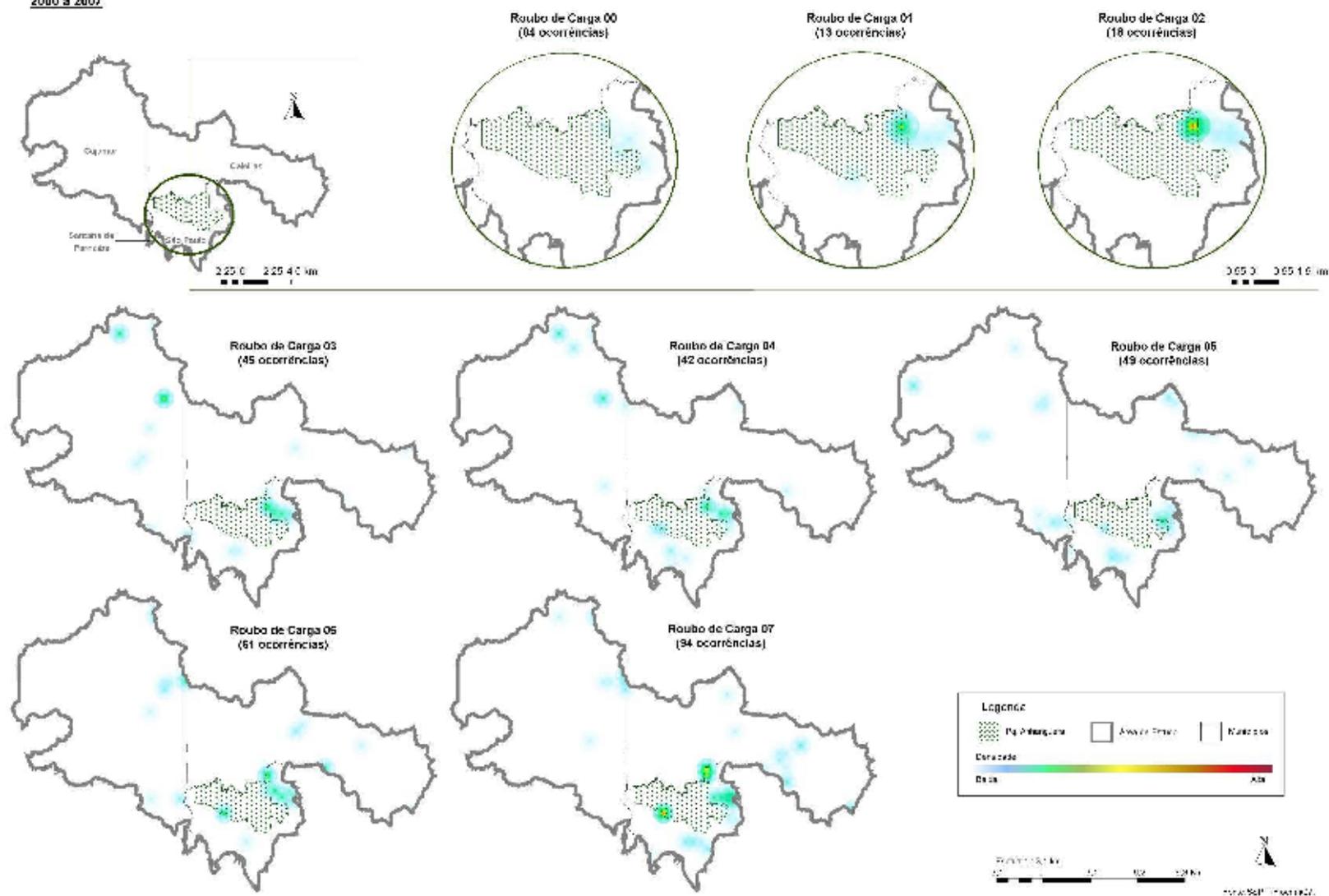


Figura 9 – Densidade de roubo de carga. Área de estudo, 2000 -2007.

5 Violência no entorno Parque Anhangüera

Conforme os representantes das entidades sociais, em muitos bairros localizados no entorno do Parque Anhangüera ocorrem fatos violentos com frequência. Relataram-se dois casos acontecidos nesse período: um homem que teria sido assassinado e jogado em um córrego e um morador de rua que teria morrido carbonizado após moradores terem atado fogo em seu corpo. Segundo os entrevistados, os homicídios ocorreriam principalmente nos finais de semana à noite.

5.1 Homicídios por período do dia

Na análise dos homicídios por períodos, a percepção de que a maior incidência desses crimes se dá predominantemente à noite é parcialmente confirmada. De acordo com os mapas, a noite é geralmente o período em que este crime é cometido com maior intensidade. Entretanto, não é incomum a ocorrência de assassinatos na madrugada e pela manhã, sobretudo nos arredores do Parque Anhangüera.

No amanhecer, registram-se homicídios com maior frequência em locais adjacentes à Rua Leopoldo de Passos Lima e à Avenida Pierre Renoir. No período da manhã, o maior número de ocorrências acontece nas extremidades do leste do Parque Anhangüera, no Distrito de Perus, especificamente nas ruas Joaquim de Souza Araújo, Rosa do Japão e João Gonçalves de Lima.

Homicídio Doloso
 Período do Dia - 2000

Instituto São Paulo
 Contra a Violência

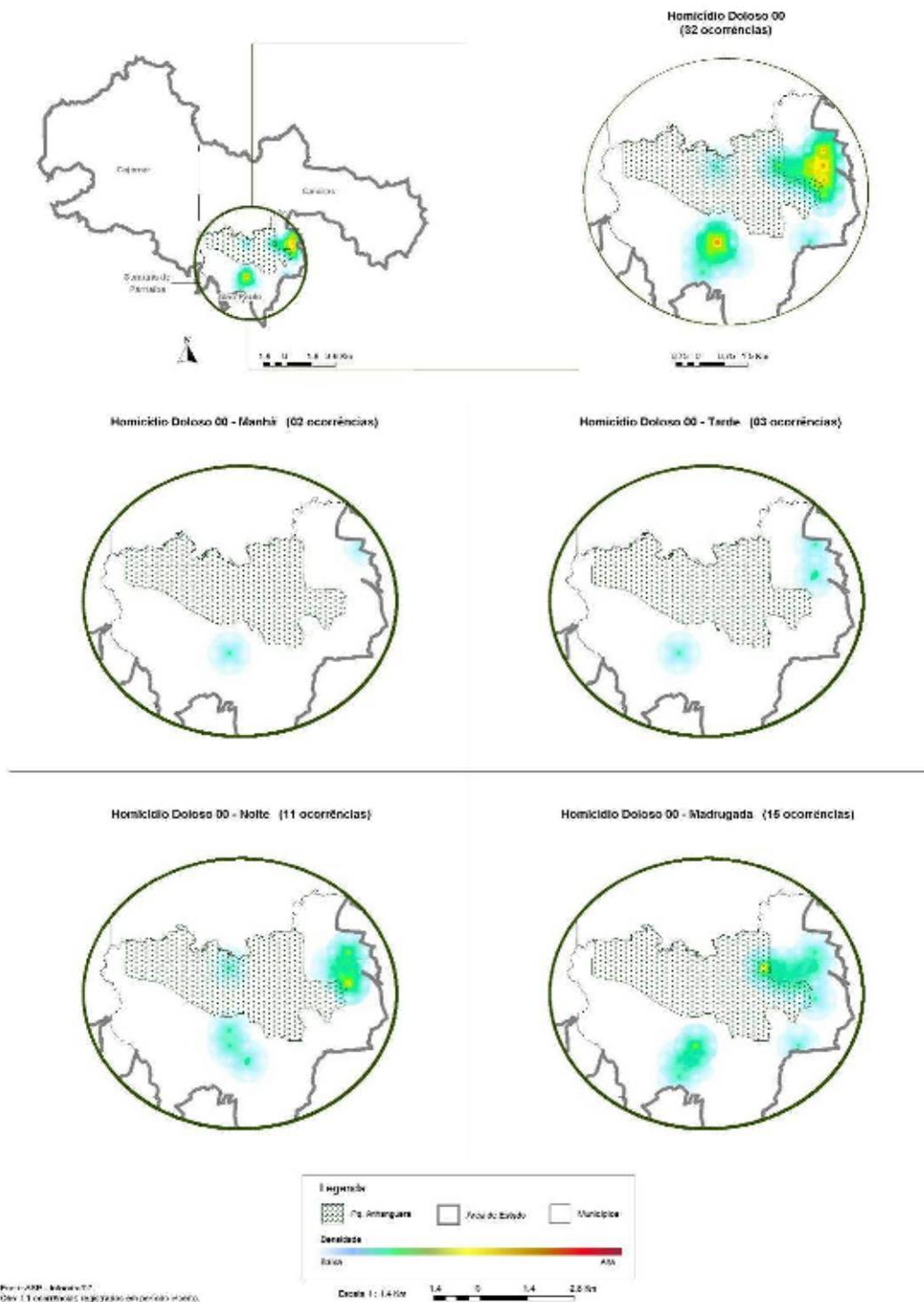


Figura 10 – Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2000.

Homicídio Doloso
 Período do Dia - 2001

Instituto São Paulo
 Contra a Violência

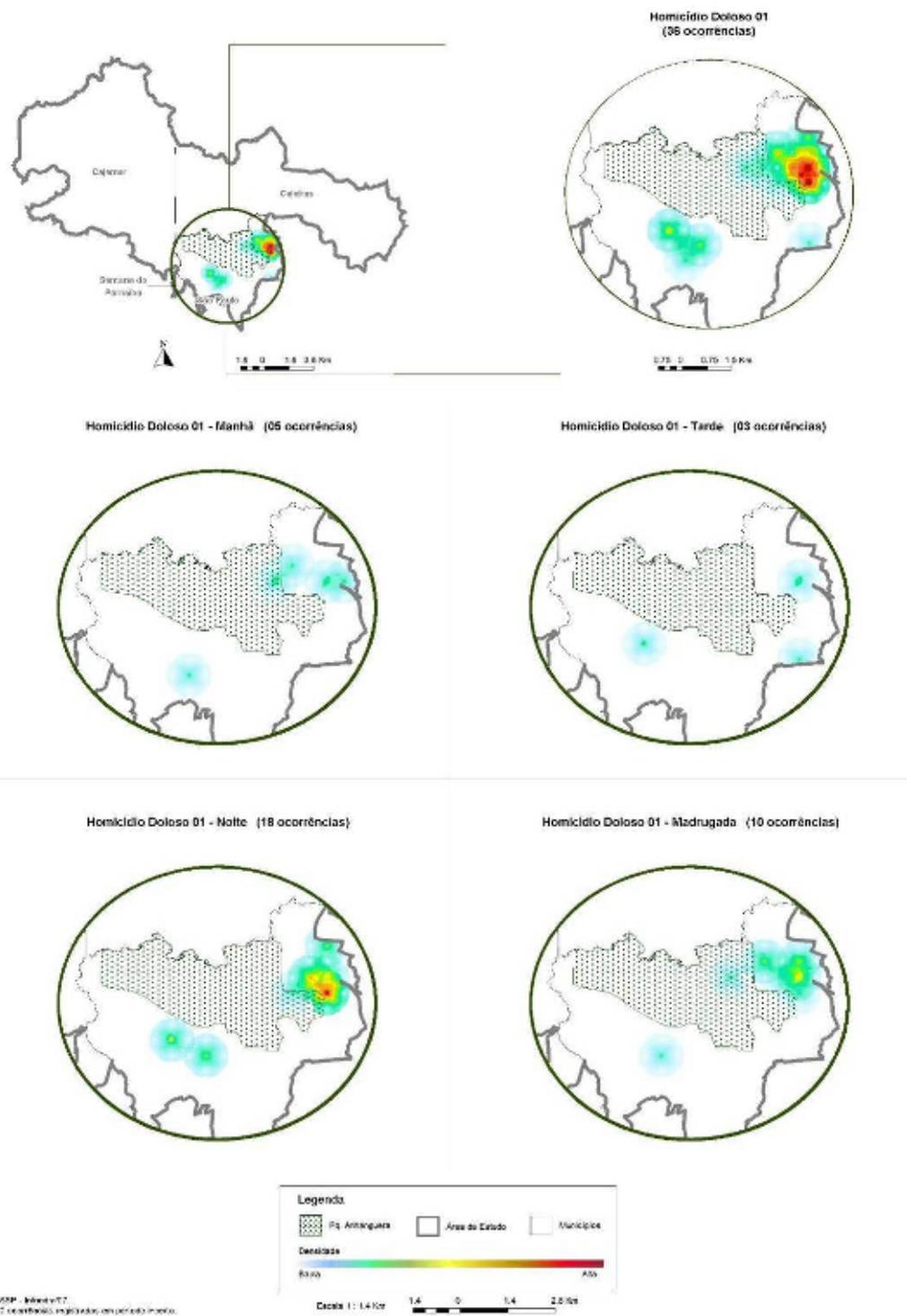


Figura 11 – Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2001.

Homicídio Doloso
 Período do Dia - 2002

Instituto São Paulo
 Contra a Violência

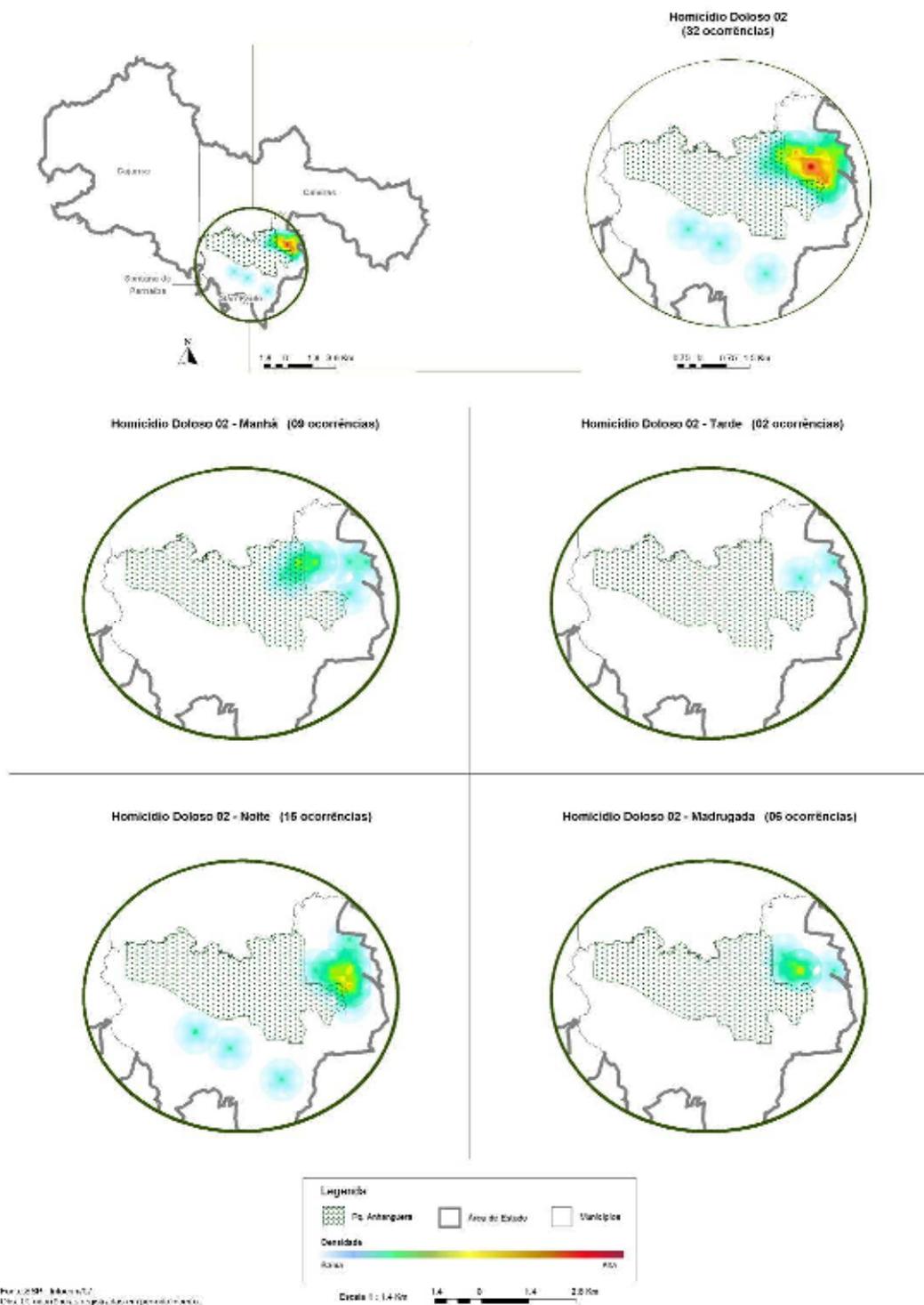


Figura 12 – Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2002.

Homicídio Doloso
 Período do Dia - 2003

Instituto São Paulo
 Contra a Violência

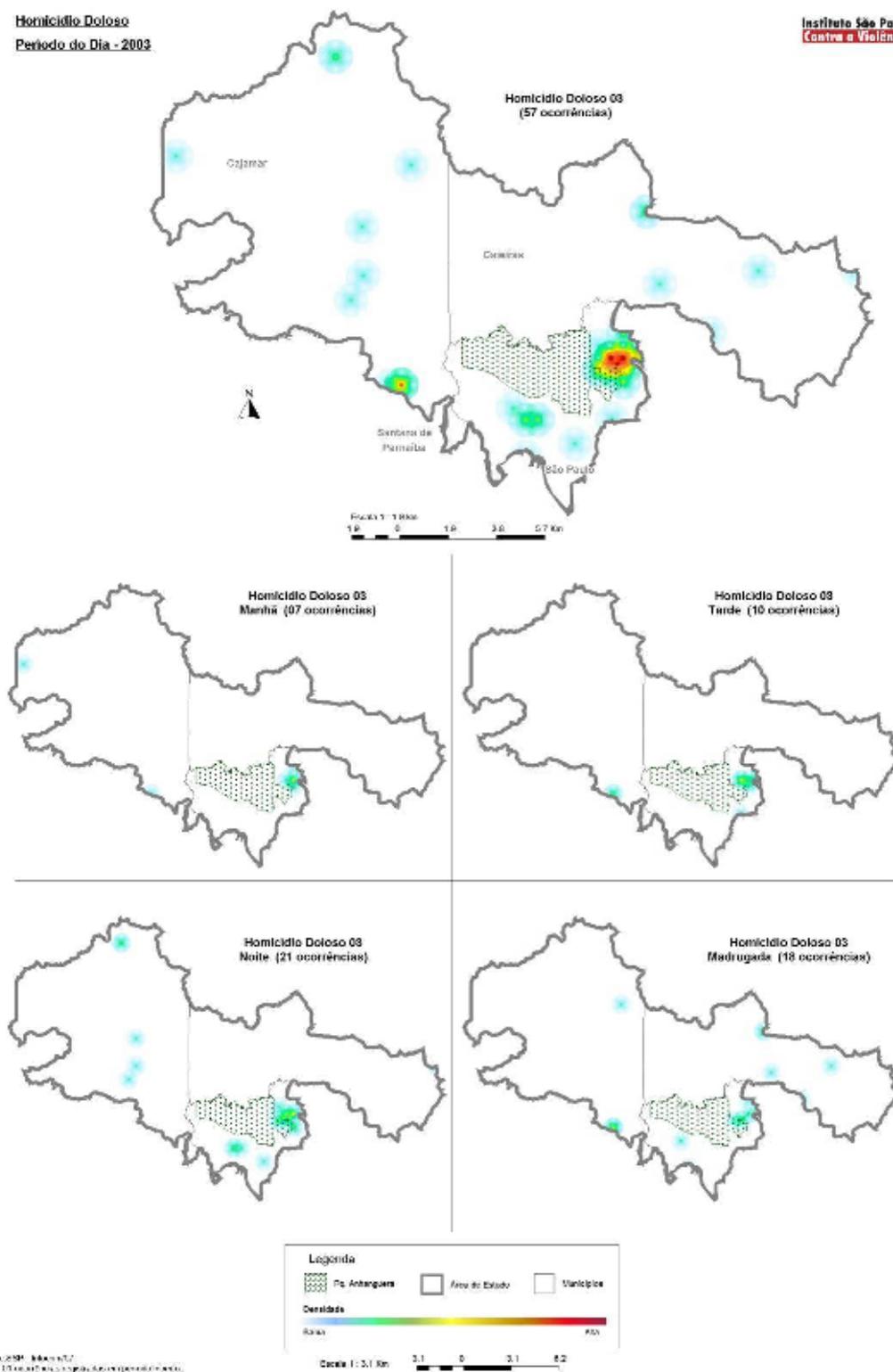


Figura 13 – Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2003.

Homicídio Doloso
 Período do Dia - 2004

Instituto São Paulo
 Contra a Violência

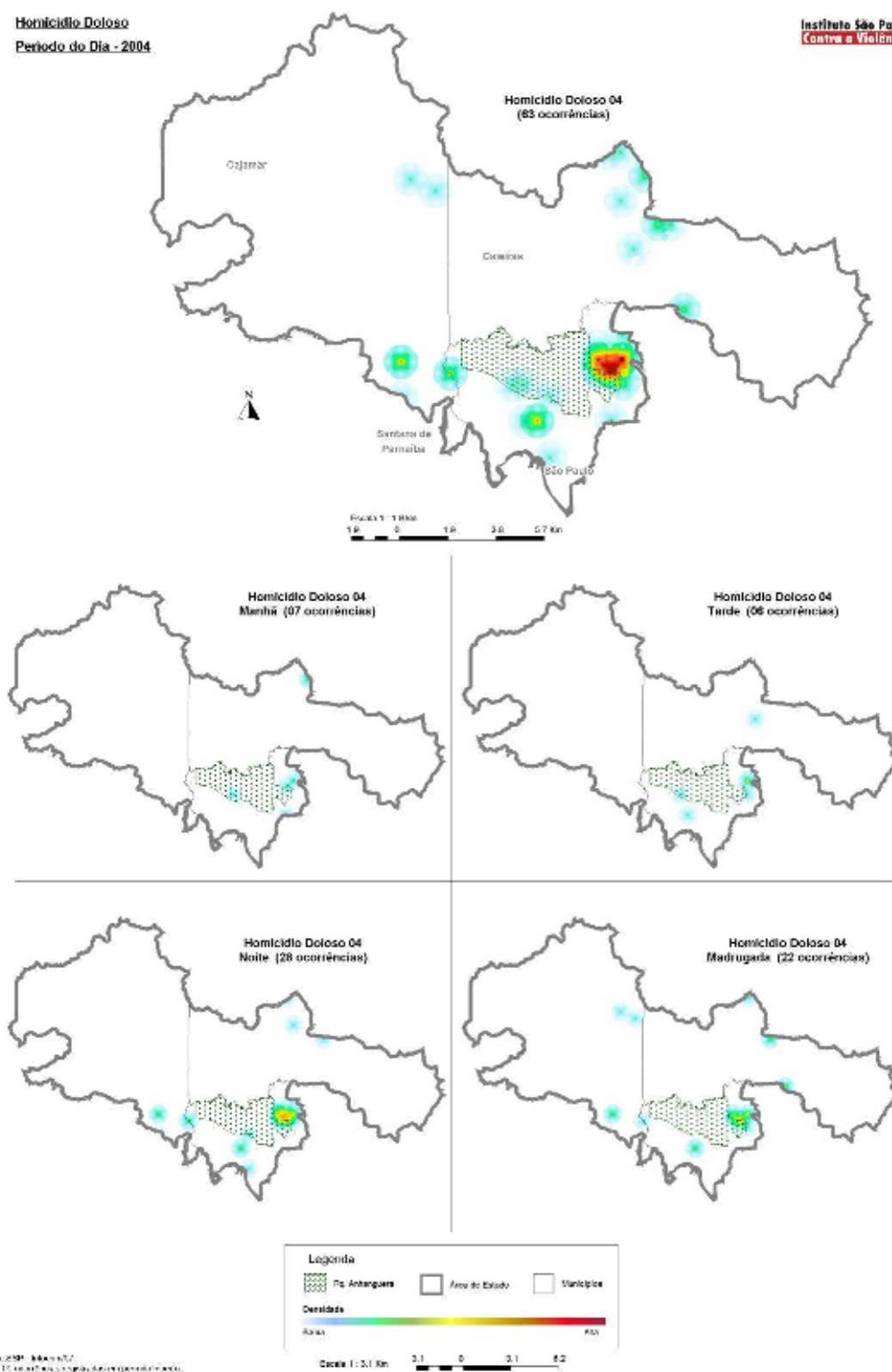


Figura 14 – Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2004.

Homicídio Doloso
 Período do Dia - 2005

Instituto São Paulo
 Contra a Violência

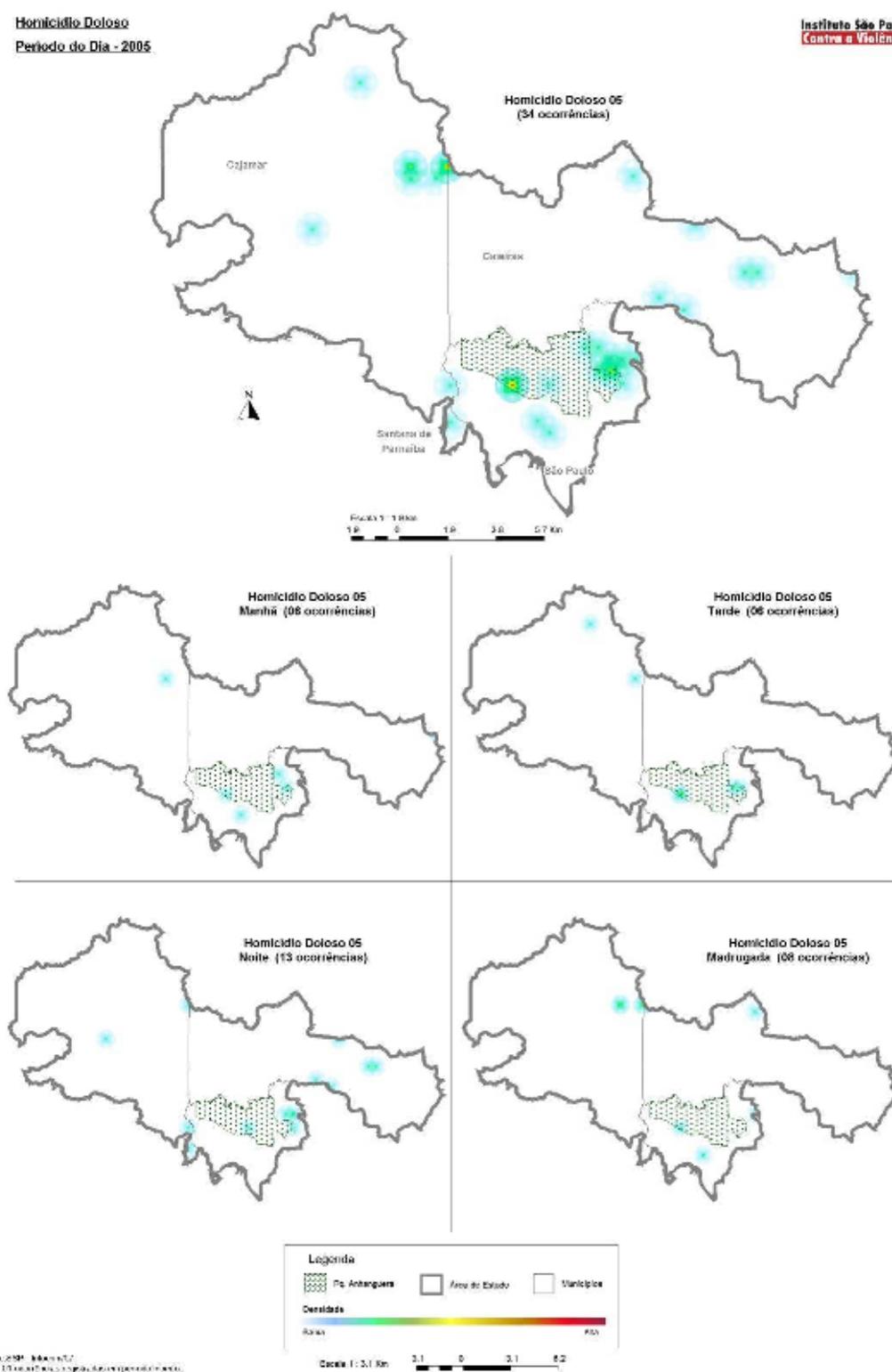


Figura 15 – Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2005.

Homicídio Doloso
 Período do Dia - 2006

Instituto São Paulo
 Contra a Violência

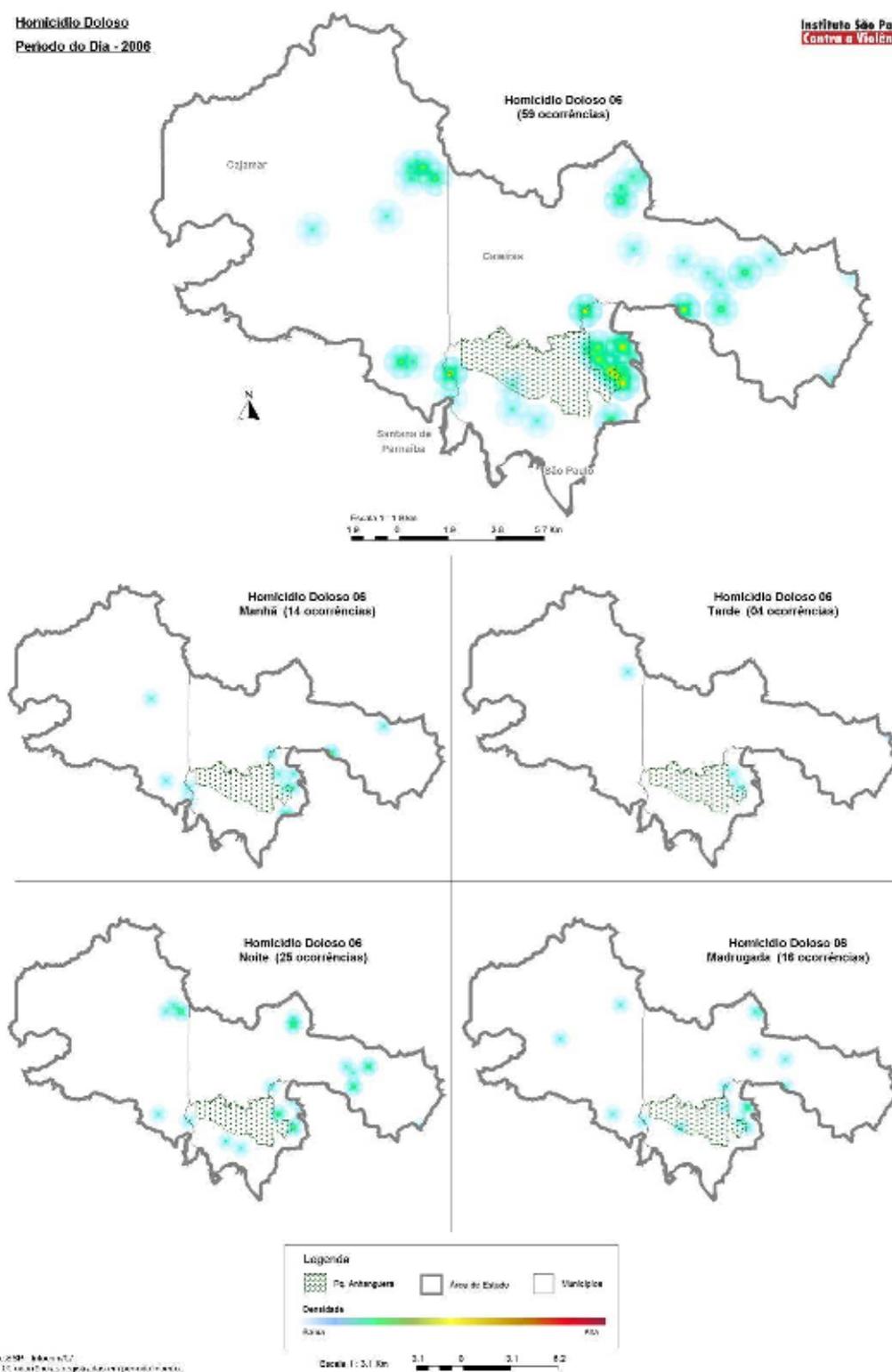


Figura 16 – Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2006.

Homicídio Doloso
 Período do Dia - 2007

Instituto São Paulo
 Contra a Violência

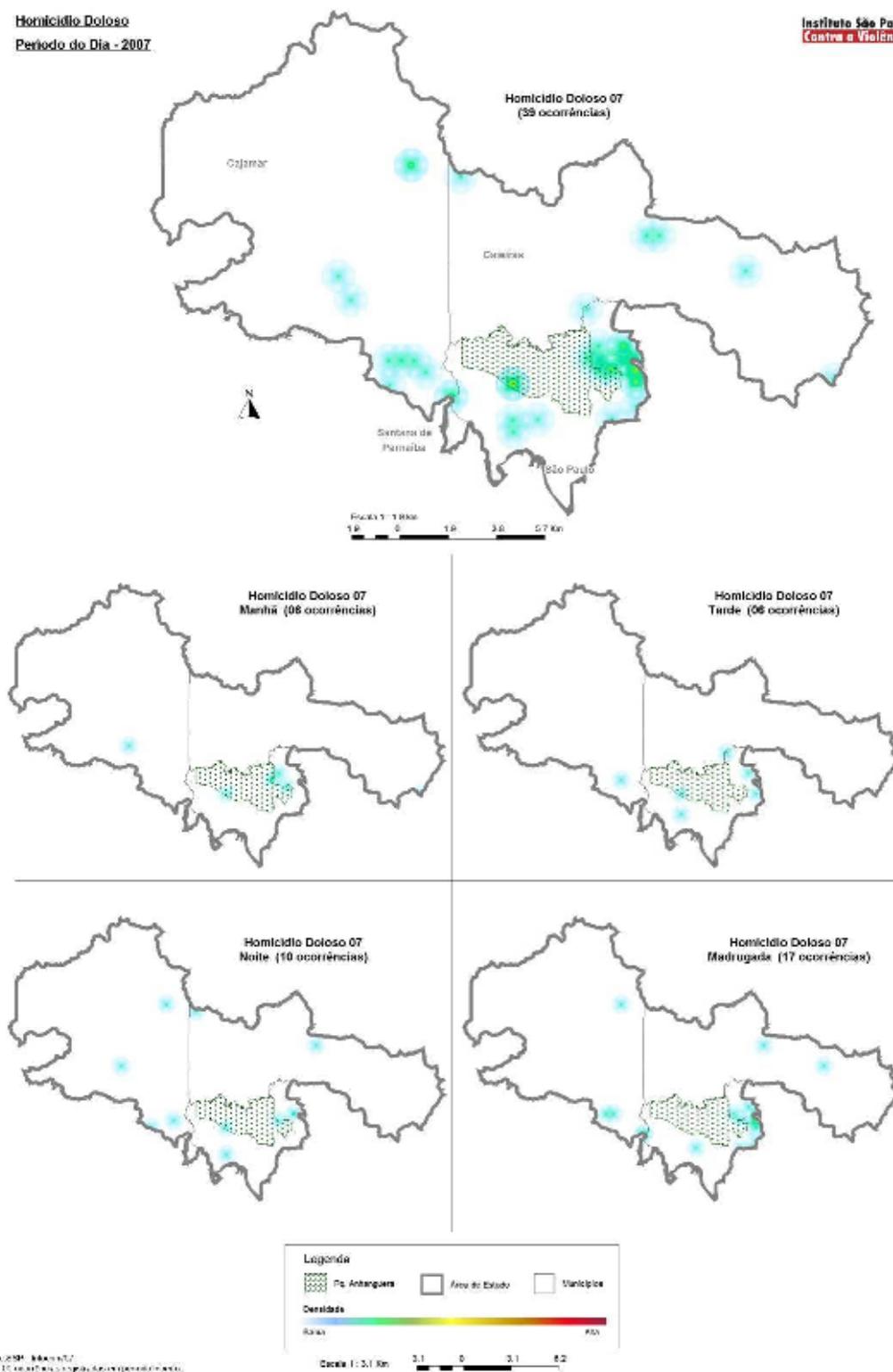


Figura 17 – Densidade de homicídios por período do dia. Área de estudo, 2007.

5.2 Tentativas de homicídios

Conexo a análise do aspecto temporal dos homicídios, se entende a pertinência de examinar que a densidade dos homicídios tentados (Figura 10). Isso porque se os homicídios são cometidos sobretudo por armas de fogo, as tentativas de homicídios são principalmente causadas por arma branca. Assim, a observação sucessiva dos homicídios consumados e tentados serve como um indicativo do acesso a armas de fogo por parte da população e, indiretamente, dos mecanismos de resolução de conflitos.

Para o ano de 2000, o principal foco das tentativas de homicídios é na Avenida Dr. Sylvio de Campos e, em 2001, além dessa via, surge uma nova concentração na Rua Mogeiro. Nota-se no ano de 2002 uma diminuição de casos, na mesma Avenida, que irá cessar completamente em 2003. Ainda neste ano e em 2004, a maioria dos casos foi registrada nas proximidades dos bairros Recanto da Alegria e Bamburral.

Em 2005, praticamente todos os casos ocorreram na Rua Mogeiro e, no ano seguinte, se dispersam pela extensão dessa rua. Em 2007, uma grande redução é notada, no entanto três casos são registrados em locais muito próximos, nos bairros Recanto dos Humildes e do Paraíso. Nos focos localizados em Perus, é notável uma alta concentração de tentativas de homicídios a partir de 2002, que irá dispersar novamente em 2005, diminuir em 2006 e aumentar em densidade e dispersão no ano seguinte. Além disso, não houve concentração significativa de ocorrências – a não ser em 2002, quando foram registradas três ocorrências muito próximas na Rua Abel Lucas, perto da Rodovia Anhangüera.

O ano de 2006 registra apenas um caso na Rua Alberto Gentili. A grande maioria dos homicídios tentados, em Perus e Anhangüera, ocorre nos períodos da noite e madrugada. À noroeste, nos mapas, pode-se acompanhar uma dispersão no foco de ocorrências para o Município de Cajamar. À oeste do Parque, na divisa entre Anhangüera e Cajamar, tem-se dois focos que se concentram em 2004 e diminuem a partir de 2006. Neste ano de maior concentração, é possível centralizar um dos pontos nas Avenidas Alto Alegre e Ten. Marques e nos arredores da Rua Americana, que não mais aparecem nos próximos anos. Em Caieiras, especificamente, pode-se observar uma diminuição de ocorrências apenas em 2004, e um leve aumento em 2007. Apesar disso, os pontos são dispersos em todos os anos.

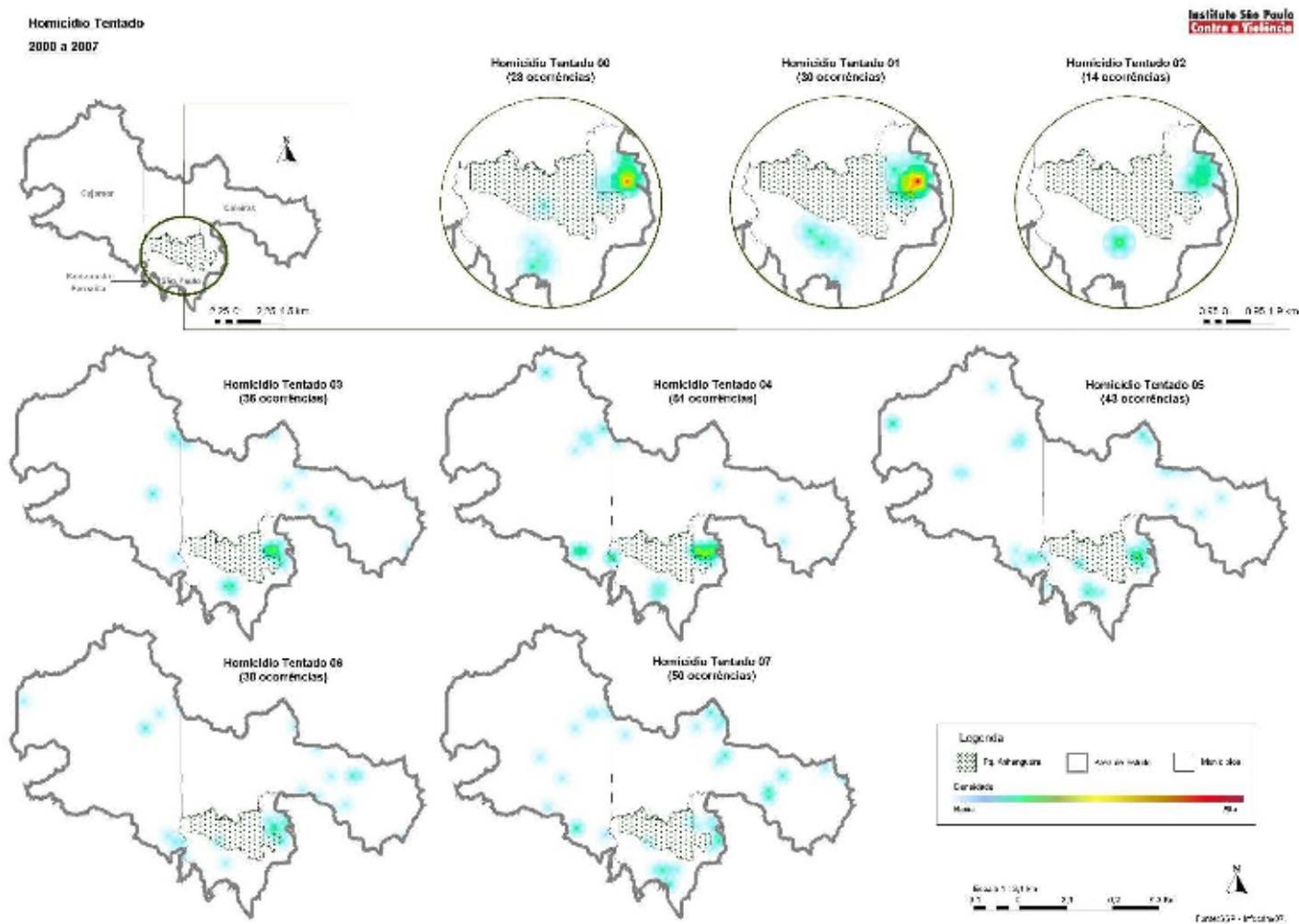


Figura 18 – Densidade de tentativa de homicídios. Área de estudo, 2000-2007.

5.3 Furtos

Segundo informações obtidas por representantes das entidades sociais, haveria em algumas localidades uma sucessão de crimes como estupros e agressões físicas, esses últimos relacionados a brigas em bares e lanchonetes envolvendo jovens. O bairro Morro Doce (em Anhangüera) e Recantos dos Humildes (em Perus) serviriam como exemplo desse contexto. Nesses locais, existiriam lugares reconhecidamente perigosos, com estabelecimentos que não controlam a venda de bebidas alcoólicas a jovens e a pessoas já demasiadamente embriagadas. Os crimes como furtos e roubos, tanto a veículos como a estabelecimentos comerciais e a transeuntes, também seriam recorrentes.

Os crimes de motivação econômica, como os furtos, estão condicionados à existência de algumas variáveis como equipamentos sociais (escolas, universidades, *shoppings* e hospitais, por exemplo), facilidade de acesso, fluxo e aglomeração de pessoas e o grau de policiamento. Trata-se de aspectos que oferecem ao ambiente o cenário favorável para a ocorrência de delitos.

No mapa que representa a evolução de furto e furto qualificado na área de estudo do Parque Anhangüera, no período de 2000 a 2007 (Figura 19), pode-se observar que os três primeiros anos – 2000, 2001 e 2002 – contam com informações apenas dos distritos de Anhangüera e Perus. Em Anhangüera, nota-se inicialmente que a principal concentração de ocorrências é observada num perímetro que abrange as ruas Leopoldo Passos, Abel Lucas e Adelaide Amaral, onde a principal incidência é de furtos a residências. Em 2001, a concentração de roubos se dispersa um pouco, e parece se distanciar da entrada do bairro, ou seja, da Rodovia Anhangüera. A maior incidência acontece, principalmente, ao longo das ruas Leopoldo Passo de Lima e Floriano Alves da Costa.

O ano de 2002 apresenta duas concentrações de ocorrências de furtos em diferentes densidades: a primeira, mais densa, a leste do Parque Anhangüera (Distrito de Perus); a segunda, pouco densa, a sul do Parque (Distrito de Anhangüera), próxima à Rodovia Anhangüera.

A primeira concentração de ocorrências localiza-se no Distrito de Perus, onde se tem como foco central os arredores da Avenida Dr. Sylvio de Campos – local de

grande circulação de pessoas e grande concentração de estabelecimentos comerciais – e a Estação Ferroviária de Perus. Um segundo foco, de menor intensidade, é percebido ao longo da Rua Fiorelli Peccicacco. Esses dois pontos registram ocorrências de diversas espécies: furtos a transeuntes, residências, documentos, estabelecimentos e interior de veículos. O segundo foco, a sul do Parque, é fruto, principalmente, de ocorrências de furtos a residências, interior de veículos, documentos, transeuntes e a estabelecimentos comerciais.

A distribuição espacial dos furtos mantém-se nas mesmas áreas, onde também são identificados os maiores aglomerados urbanos. Dentro do perímetro do Parque observa-se o surgimento de um ponto relevante a partir do ano de 2004 e que segue a evolução do fenômeno na área durante o período analisado. Em 2001, um novo foco é notado na Rua Fiorelli Peccicacco, próximo à Rua Demifonte. Nesta área fica localizada a sede do 46º Distrito Policial de Perus, o 4º Batalhão de Polícia Militar e também um posto de gasolina. Neste ano, observa-se uma grande quantidade de registros na Rua Crispim do Amaral e Travessa Cambaratiba, próximas ao Viaduto Dep. Ulysses Guimarães.

A partir de 2003, tornam-se disponíveis os dados para os outros municípios da área de estudo, Caieiras e Cajamar. Com base nestas novas informações, é possível detectar outros focos notáveis: a norte do Parque, no mapa, os pontos de Caieiras, que se mantêm consideravelmente constantes no período dado, e onde é registrada uma grande quantidade de casos de furto a residências e a transeuntes – este último ocorre mais próximo à estação de trem. Nesses municípios as áreas de maior incidência criminal estão também ajustadas às áreas mais urbanizadas e com maior concentração de pessoas e atividades humanas, onde se observa a presença de escolas municipais, estaduais e particulares, unidades de saúde, igrejas, órgãos públicos e centros de esporte, considerando ainda o fato da proximidade de estradas e grandes avenidas e da linha férrea. A noroeste, nos arredores da Rodovia Anhangüera, o foco em Cajamar, também constante tanto espacialmente quanto em densidade, apresenta um aumento apenas no ano de 2004, sendo que a maioria das ocorrências contempla casos de furtos a residências, interior de veículos e a estabelecimentos comerciais.

Em 2003 e 2004 não há registros de variações significativas em dispersão, quantidade nem em natureza das ocorrências. A partir de 2004, pode-se perceber um foco de ocorrências em constante crescimento na Estrada de Ligação, via que margeia o Parque Anhangüera. Em 2005, aparece um novo foco com densidade consideravelmente alta, um pouco mais a sudoeste dos focos anteriores, que não mais ocorrerá nos próximos anos, cuja região apresenta a presença de duas favelas, e registra a mesma natureza de ocorrências que as anteriores. Nesse período, apesar de mantida a dispersão espacial, uma série de eventos pode ser observada durante todo o ano na Estrada de Pirapora, localizada no extremo oeste do bairro.

De maneira geral, uma diminuição gradativa da concentração pode ser observada a partir de 2005. As áreas de maior incidência continuam sendo as mesmas que as dos anos anteriores, e, além delas, um novo foco é observado na área das ruas Joaquim de Sousa Aranha, Rosa do Japão e Mogeiro (próxima à Praça Vigário João Gonçalves de Lima). Em 2006 e 2007, observa-se que o foco da Avenida Dr. Sylvio de Campos começa a se distanciar da Estação Perus e diminuir em concentração; na Rua Fiorelli Peccicacco há uma redução de ocorrências; ao longo da Rua Mogeiro, elas se distribuem espacialmente.

O ano de 2006 registra uma diminuição de ocorrências, que irá dispersar em direção sul no ano de 2007. Na divisa entre o Distrito de Anhangüera e o Município de Cajamar, a oeste do Parque, surgem dois focos: o primeiro começa a aumentar em tamanho e densidade a partir de 2004 e, em 2006, diminui até praticamente sumir em 2007; porém, é considerável o surgimento de um novo ponto pouco mais a leste deste primeiro a partir de 2006, que cresce gradativamente em tamanho e densidade proporcionalmente à diminuição do outro. Isso sugere que houve um deslocamento espacial das ocorrências ao longo do tempo.

Furto
2000 a 2007

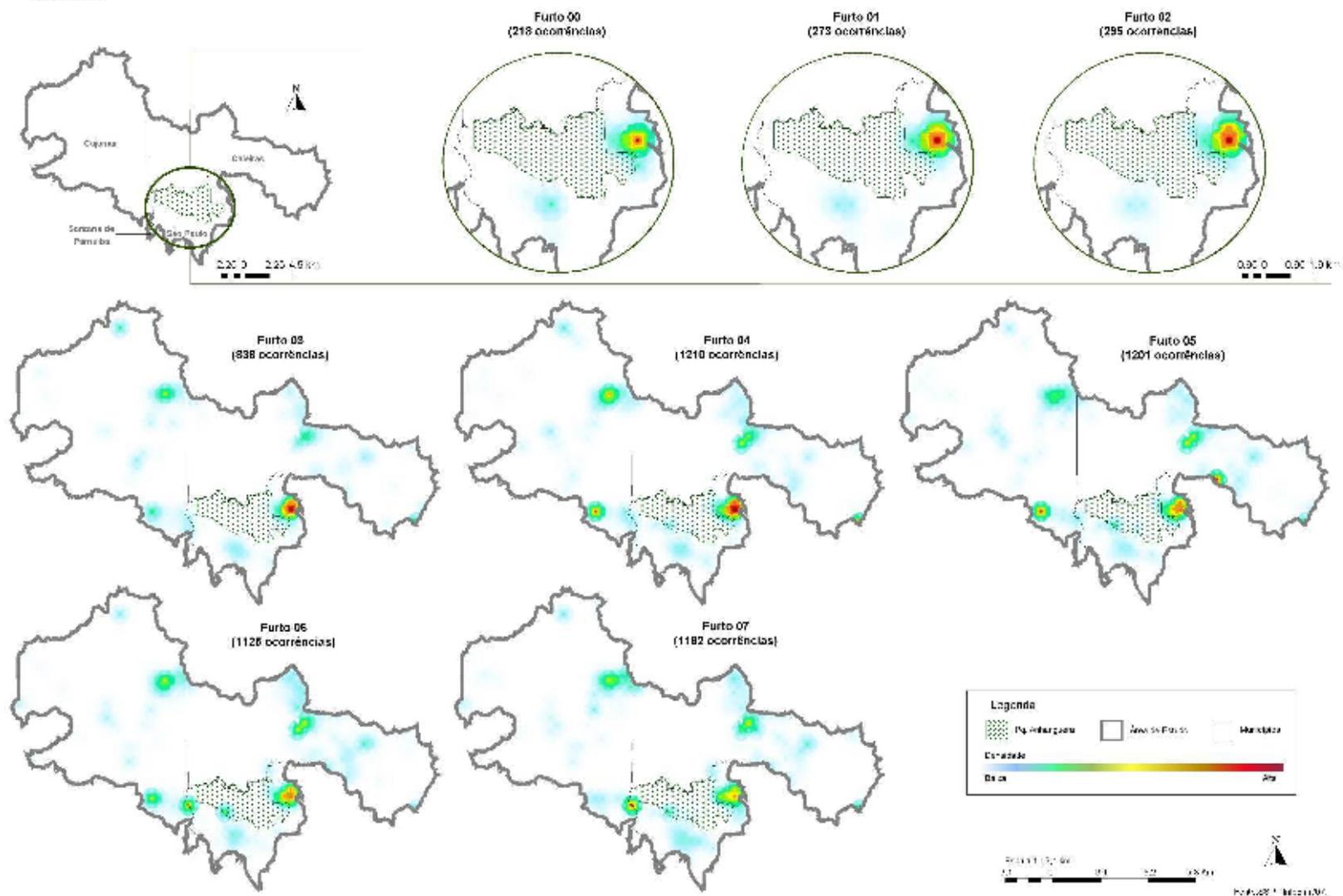


Figura 19 – Densidade de furtos. Área de estudo, 2008.

5.4 Roubos

Assim como o furto, o roubo também é um crime contra o patrimônio com motivação econômica, manifestando-se, em grande parte, atrelado a algumas variáveis específicas que influenciam direta e indiretamente a oferta de bens e oportunidades criminais. Equipamentos públicos, facilidade de acesso, atividade policial e comercial são alguns fatores que interferem no volume de ocorrências registradas no local.

O foco principal deste tipo de crime corresponde à área leste do Parque Anhangüera nas proximidades da estação de trem de Perus, onde estão localizadas diversas favelas, dentre as quais os Recantos dos Humildes e do Paraíso. E também, a oeste do Parque nas imediações da Via Anhangüera (altura do km 28), no limite dos municípios de São Paulo e Cajamar, área que envolve escolas, favelas e várias linhas de transporte coletivo. E segue pela extensão da Avenida Ten. Marques em direção a Santana de Parnaíba, bem como, mais ao norte, ainda no Município de Cajamar, entre a Avenida Antônio Candido Machado e a Rodovia dos Bandeirantes.

Na série de mapas (Figura 20), atenta-se a um foco de alta densidade de roubos em Perus, a leste do Parque. Pode-se ver, durante os três primeiros anos, certa constância na densidade de ocorrências, com um leve aumento em 2001. Para os três anos, os principais locais de roubos são as ruas Mogeiro, Fiorelli Peccicacco e a Avenida Dr. Sylvio de Campos. Em 2001, aparecem dois novos focos notáveis nas ruas Crispim do Amaral e Julio Maciel, próxima ao Recanto dos Humildes.

Os anos de 2003 e 2004 mostram focos constantes em densidade. Os principais pontos para estes anos continuam sendo os citados anteriormente – com certa concentração notável de roubos na esquina entre as ruas Mogeiro e Dr. Sylvio de Campos, em especial nos arredores do Instituto de Educação Global São Paulo. Além deles, pode-se notar um novo foco na Rua Demifonte, próxima à Rua Fiorelli Peccicacco. A partir de 2005, percebe-se uma acentuada diminuição na densidade das ocorrências. Em 2006, a Rua Fiorelli Peccicacco apresenta uma redução de casos. Em 2007, ocorrem alguns registros no Recanto dos Humildes, local de poucas ou quase nenhuma ocorrência nos anos anteriores. A principal

natureza dos crimes para todos os locais e anos é de roubos a transeuntes, estabelecimentos comerciais e a interior de veículos, em todos os períodos do dia.

A sul do Parque, no Distrito de Anhangüera, verifica-se uma pequena concentração de ocorrências, que se mantém consideravelmente constante durante o período em estudo. No período de 2000 até 2005, registram-se casos principalmente nas ruas Abreu Medeiros e Leopoldo Passos Lima, sempre próximos à Rodovia Anhangüera. A partir de 2006, pode-se notar que o foco caminha sentido sul, principalmente ao longo da Estrada Cel. José Gladiador, chegando ao Morro Doce.

A partir de 2003, pode-se contar com as informações referentes aos municípios de Caieiras e Cajamar. A norte do Parque, o principal foco ocorre nas proximidades da Estação da CPTM, na Avenida Prof. Carvalho Pinto e na Estrada Velha de Campinas. Um aumento de densidade acontece a partir de 2004. Em 2005, novo foco aparece mais a sudeste deste primeiro, nas proximidades da divisa com Perus e do cemitério Dom Bosco. A noroeste existe um foco em Cajamar, que apresenta leve aumento durante o período observado. Neste local, os pontos principais de ocorrências acontecem nas Avenidas Pedro Celestino Leite Penteado e Ipê.

Nota-se, a partir desse momento, uma redução gradativa das densidades de roubos até 2007. Enquanto observamos essa diminuição significativa na região de Perus, nos limites do lado oeste do Parque, margeando a rodovia Anhangüera e no limite do Município de Caieiras com Franco da Rocha, onde se localizam as estações da CPTM de Caieiras na Avenida Prof. Carvalho Pinto e Rodovia SSP-332 (Presidente Tancredo de Almeida Neves) podemos notar uma ampliação da “área de risco” e aumento no volume de delitos, indicando uma tendência aparentemente crescente destes.

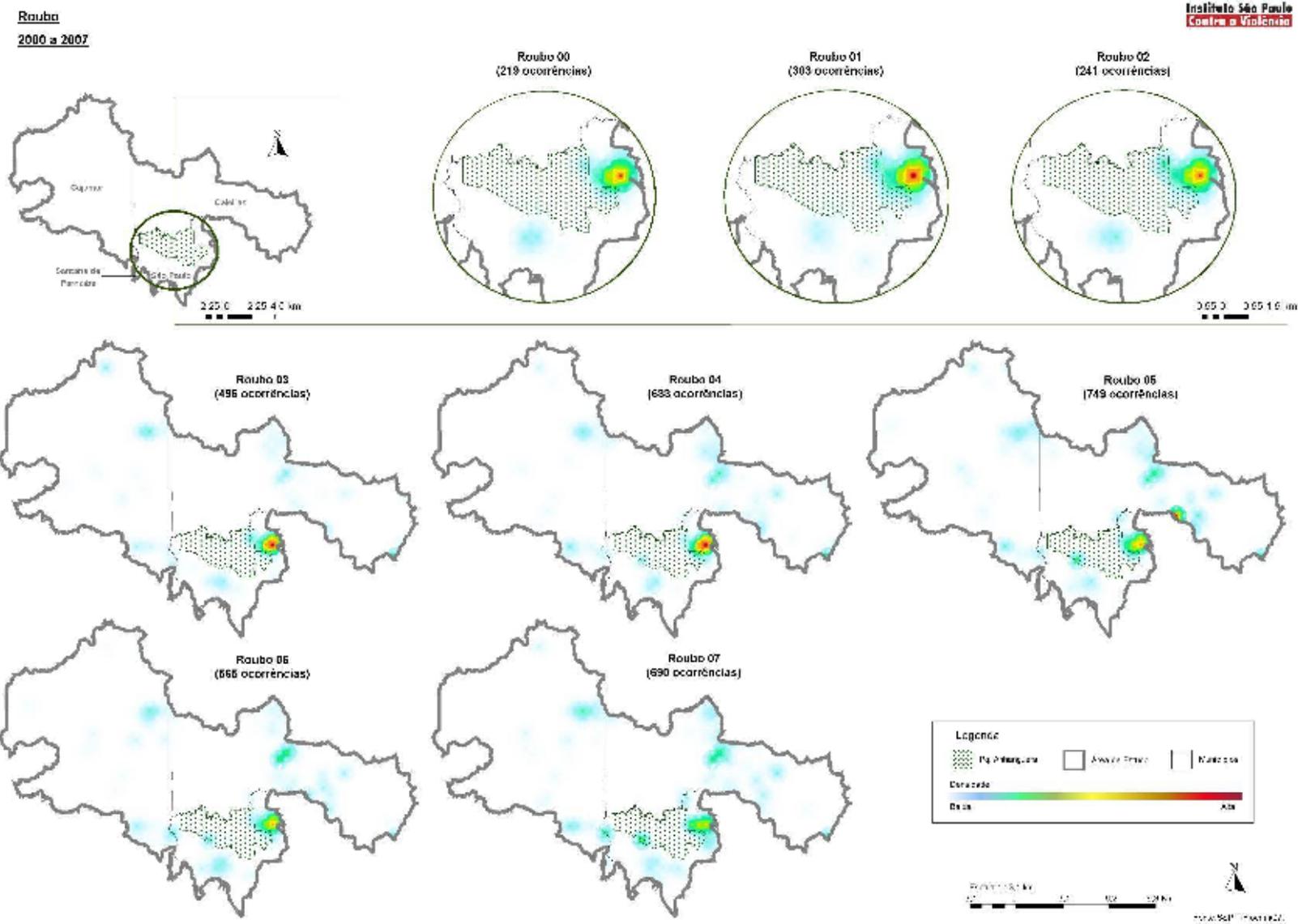


Figura 20 – Densidade de roubos. Área de estudo, 2000-2007.

5.5 Furtos de veículos

Entre os entrevistados para a elaboração deste diagnóstico, há certo consenso de que os jovens são também os principais responsáveis pelo elevado índice do uso de drogas, condição esta que estaria levando alguns deles a praticar roubos e furtos, principalmente de veículos. Vale lembrar que, para que o furto seja consumado, o automóvel deve estar estacionado e sem a presença do condutor. Sendo assim estes locais acabam sendo os mais procurados pelos infratores dada a condição favorável que oferecem para que o delito seja cometido.

Na Figura 21 são claras duas concentrações de ocorrências de furtos de veículos de diferentes densidades: a primeira, densa, a leste do Parque, no Distrito de Perus; a segunda, pouco densa, a sul do Parque, no Distrito de Anhangüera, próxima à Rodovia Anhangüera. Os números para estes três anos mantêm-se extremamente constantes (71, 75 e 69 ocorrências registradas, respectivamente).

No foco leste, em Perus, na Avenida Dr. Sylvio de Campos, tem-se a maior concentração de furtos consumados de veículos, que se dispersa por uma área quadrada que vai da Rua Pe. Manuel Campello até a Rua Gonçalves de Andrade (sentido norte-sul) e da Rua Salles Gomes até a Rua Francisco José de Barros (sentido leste-oeste). Registram-se também algumas ocorrências ao longo da Rua Fiorelli Peccicacco, que diminuem ligeiramente em 2001. Em 2002, é visível uma redução desses crimes nas vias Dr. Sylvio de Campos e Fiorelli Peccicacco.

Em 2003, observa-se um aumento da concentração deste foco, que se mantém estável até 2005, e tem como principal causa as ocorrências do mesmo quadrilátero citado acima (ruas Padre Manuel Campello, Gonçalves de Andrade, Salles Gomes e Francisco José de Barros). O próximo ano, 2006, registra uma queda na densidade, que volta a aumentar em 2007, com uma concentração considerável de ocorrências nas ruas Antonio Maia e Juvêncio de Araújo Figueiredo, registradas, principalmente, nos períodos da manhã e da tarde.

No foco a sul, tem-se poucos registros para os três primeiros anos – principalmente no ano de 2002, que assinala apenas cinco casos. Nestes anos, as ocorrências se dão, principalmente, mais próximas à Rodovia Anhangüera.

A partir de 2003 até 2005, observa-se um aumento constante de densidade e expansão deste foco. Além do aumento de casos, é possível verificar que os furtos passam a ser praticados nas áreas mais periféricas dos bairros. Em 2006, há uma diminuição da concentração que, de modo semelhante a Perus, aumenta em 2007.

Agora com base nos dados de outros municípios da área de estudo, observa-se nos mapas, a noroeste, alguns pontos de concentração de ocorrências, localizados principalmente em regiões de alta quantidade de arruamento em Cajamar. Este foco é pouco denso no ano de 2003, mas aumenta em tamanho e densidade em 2004. Em 2005, diminui novamente, e é possível constatar uma pequena concentração de casos entre as ruas Osvaldo de Lorenzi e Bauru. No mapa de 2006, é registrada uma dispersão espacial dos furtos, que passam a ocorrer em áreas periféricas da cidade. Além disso, alguns registros são visíveis nos arredores da Rodovia SP – 354. Em 2007, há um novo aumento da densidade de ocorrências.

Outros dois focos, neste mesmo município, são vistos na sua divisa com o Distrito de Anhangüera, a oeste do Parque. Estes pontos revelam-se muito pequenos e de pouca densidade em 2003; porém, começam a crescer já a partir de 2004, continuando até 2007. Neste ano, pode-se observar que um deles, mais a este, encontra-se bem menor do que o outro, localizado exatamente em cima da divisa (área da Avenida Dep. Marques), o que sugere um provável deslocamento destes crimes.

Já a nordeste observa-se uma concentração constante, localizada também onde existe maior arruamento em Caieiras. A partir de 2004, expande-se no sentido norte, gerando uma configuração espacial que se mantém constante até 2007. Sobre sua densidade, pode-se afirmar que ela permanece inalterável, com exceção do ano de 2006, quando diminui. Uma grande concentração de ocorrências acontece na Avenida Prof. Carvalho Pinto e, em 2006, nos arredores da Rodovia SP – 332.

Furto de Veículos
2000 a 2007

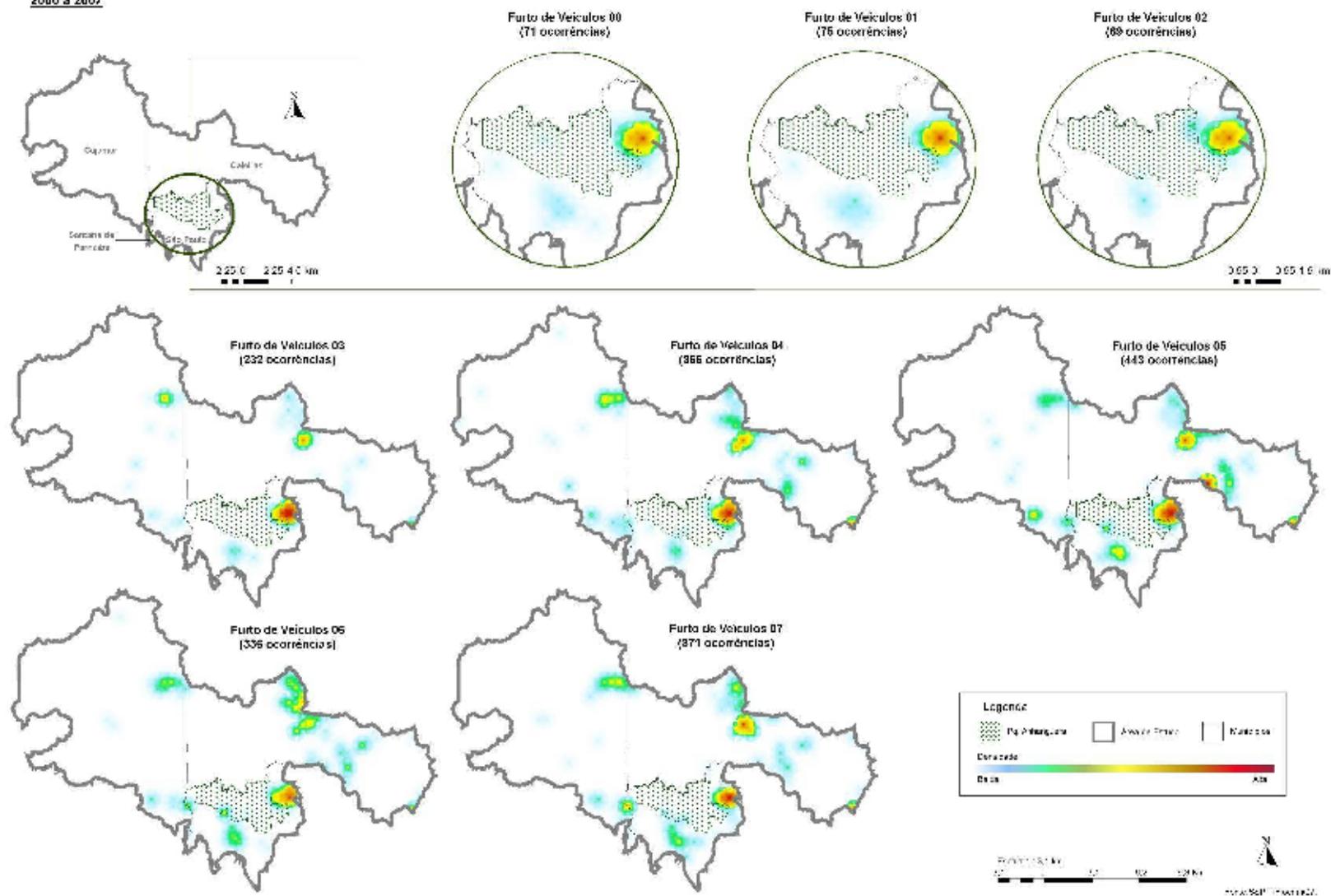


Figura 21 – Densidade de furtos de veículos. Área de estudo, 2000-2007.

5.6 Roubos de Veículos

Diferente do furto, o crime de roubo inclui a existência de grave ameaça ou emprego de violência contra a pessoa. Isto acaba influenciando inclusive o perfil dos locais de ocorrência destes, envolvendo áreas que facilitem a abordagem da vítima, que por sua vez tem que estar parada em algum lugar.

Apesar de o furto e roubo de veículos compartilharem do mesmo grupo de crime que mais são registrados em São Paulo, os dados da Secretaria de Segurança Pública (SSP), apontam também para a diferença da 'intenção' entre ambos. Enquanto no furto de veículos os desmanches e venda de peças aparecem como os grandes motivadores para que o crime seja cometido, no roubo, o cometimento de outros delitos integra sua causa principal, sendo os carros utilizados apenas como meio para tal e logo após abandonados pelos infratores. É em função desta motivação que se pode chegar a uma das justificativas da grande quantidade de veículos furtados que não são mais encontrados e da quantidade de veículos roubados que, na maioria das vezes, são localizados logo em seguida.

O roubo de veículos também ocorre em áreas com maior movimentação de pessoas e infraestrutura urbana, envolvendo, pelo menos em sua grande parte, praças, grandes avenidas, postos de gasolina e escolas principalmente de ensino fundamental e infantil, como mostram os mapas de densidade.

É perceptível a diminuição progressiva das ocorrências de roubo de veículos para o Distrito de Perus (leste do Parque), porém ela vem acompanhada por certa dispersão do foco. O ano de 2000 apresenta como pontos principais de registros as ruas Mogeiro e Antônio Maia e a Avenida Dr. Sylvio de Campos, próxima à estação de Perus.

Além da diminuição da densidade a partir de 2001, vê-se a presença de um foco no limite do Parque, que persiste até 2004. Este ponto corresponde à região da Rodovia dos Bandeirantes e do final Estrada de Perus, já próxima ao bairro.

O ano de 2002 vai apresentar mais uma diminuição do foco, que se dispersa um pouco mais no espaço. O ponto principal de ocorrências é, novamente, a Rua

Mogeiro. No ano seguinte, elas continuam neste local, mas parecem se distanciar um pouco do Centro, em direção ao Recanto do Paraíso.

Em 2004, registra-se um leve aumento de eventos, e pode-se traçar alguns perímetros principais: o primeiro se faz entre as ruas Antônio Maia, Mogeiro, Gonçalves de Andrade e Rafael di Sandro; o segundo, na Avenida Dr. Sylvio de Campos, próxima à Rua Ylídio Figueiredo e o terceiro, ainda nesta Avenida, mas nas proximidades do Bairro Beija-Flor. Neste mesmo ano, surge um foco no limite Leste do Parque, na Rodovia Anhangüera, próximo ao pedágio. Este mesmo foco irá aumentar em 2005, e diminuir a partir de 2006.

A sul do Parque, tem-se o foco no Distrito de Anhangüera. É possível notar que ele diminui em densidade nos anos de 2001 e 2002 e volta a aumentar em 2003; reduz novamente em 2006, e expande no ano seguinte. Até 2002, os principais pontos de ocorrências estão ao longo das ruas Leopoldo de Passos Lima e Pompeu Bertini, Avenida Chica Luisa (no Bairro Sol Nascente). Em 2003, elas dispersam em direção ao Morro Doce, com alguns casos registrados na Estrada Cel. José Gladiador. Nos dois anos seguintes, voltam a se concentrar, em sua totalidade, ao longo da Rua Leopoldo de Passos Lima.

Nos outros municípios, observam-se distribuições de ocorrências parecidas em 2003 e 2004 – com um pequeno foco mais denso em Caieiras, a norte do Parque, no segundo ano, próximo à Avenida Prof. Carvalho Pinto e Estação Ferroviária. Neste ano também se observa o aumento de um foco em Cajamar, a oeste do Parque, próximo à divisa com o Distrito de Anhangüera. Ali, as ocorrências acontecem, principalmente, na Avenida Ten. Marques. Em 2005, o foco denso que aparece a nordeste do Parque, em Caieiras é fruto de ocorrências na Estrada Velha de Campinas, próximo à Rua Laura. Em 2007, esse ponto de concentração de roubos de veículos praticamente não apresenta registro destes crimes.

Roubo de Veículos
2000 a 2007

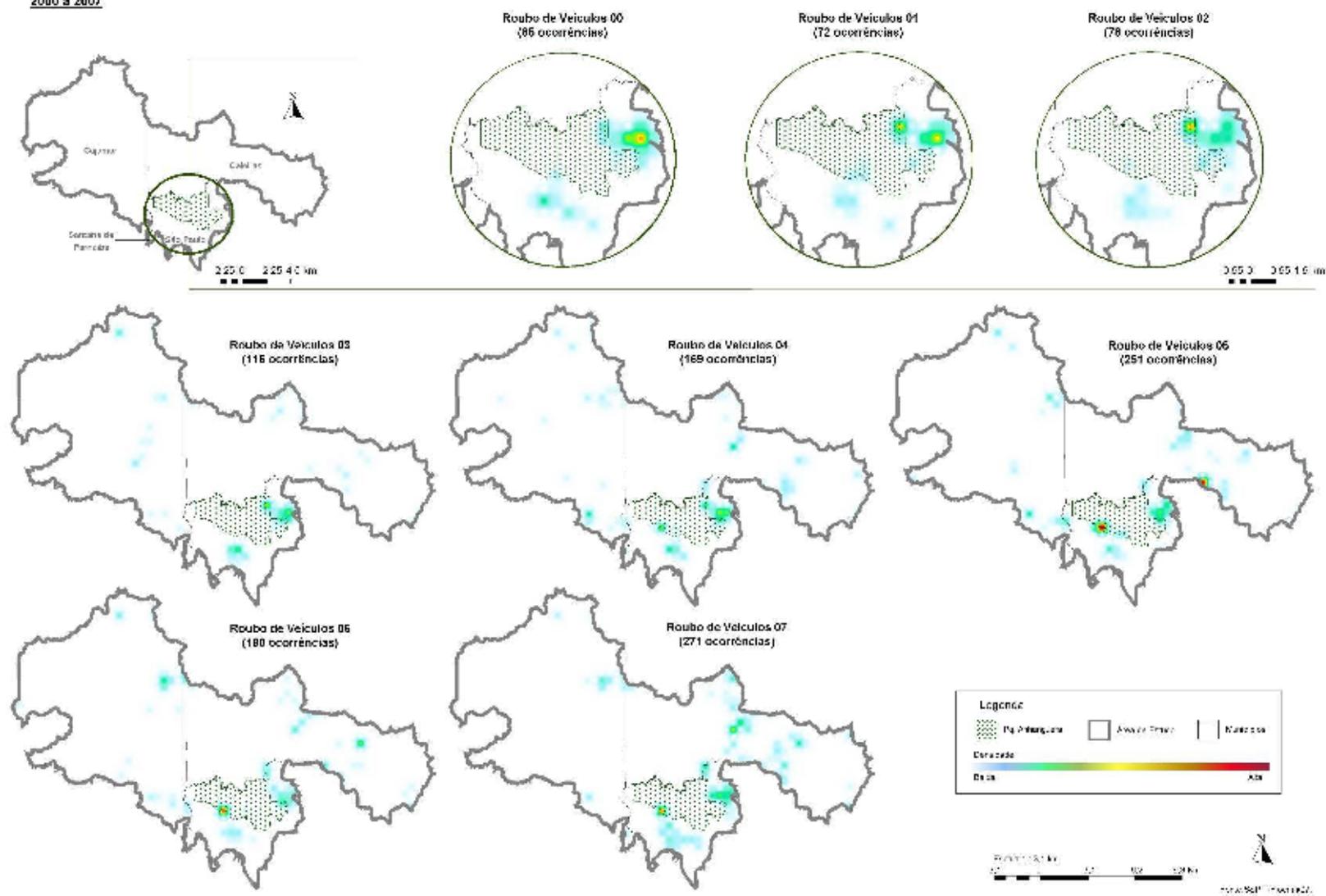


Figura 22 – Densidade de roubos de veículos. Área de estudo, 2000- 2007.

Ainda com relação aos jovens, os que frequentam a escola não apresentariam melhor condição. Há a concordância sobre um alto índice de violência no cotidiano escolar. As habituais agressões e depredações são entendidas como uma das maneiras por eles encontradas para expressar e exteriorizar a fúria contida, oriunda de suas insatisfações diante da realidade que os envolve.

Em geral, são recorrentes os relatos de assaltos a residências e a estabelecimentos comerciais, ocorrências as quais a polícia atenderia tardiamente aos chamados e cometeria falhas na atuação, com uma agressividade desproporcional ao esperado pela comunidade. Um exemplo dessa afirmação seria o caso de um assalto a um estabelecimento comercial no qual a polícia teria chegado atirando e matado três pessoas que estavam esperando a chegada de um entregador de pizza perto de um bar, enquanto os responsáveis pelo roubo conseguiram fugir ilesos.

Os representantes dos poderes públicos vinculam esse quadro de violência, especialmente, à alta vulnerabilidade social nos distritos de Perus e Anhangüera. Os bairros novos teriam sido ocupados por loteamentos irregulares, muitos estão em área de proteção ambiental ou de risco, o que dificultaria a formulação e execução das ações de órgãos da Prefeitura relacionadas a melhorias na instalação de equipamentos públicos, saneamento básico e outros serviços necessários para atender as demandas dos moradores.

Segundo os entrevistados da segurança pública, nota-se uma concentração da violência nos bairros novos, como no Recanto dos Humildes, por exemplo. Tal condição estaria relacionada ao processo de ocupação desordenada desses bairros que teria gerado diversos problemas de ordem socioeconômica, planejamento urbano, saúde, educação, saneamento básico, infraestrutura e segurança pública. Ocorre que, para que a gestão pública pudesse realizar tais obras de melhorias, seria preponderante a regularização de lotes, o que vem sendo feito, mas demanda muito tempo, devido aos trâmites da legislação em vigor.

Destaca-se a falta de saneamento básico, iluminação e postos de saúde, concentração de pessoas com pouca renda ou nenhuma e frequentes casos de violência urbana. A maioria da população teria empregos informais, seja no comércio ilegal (camelôs) e/ou “bicos”, situação que, em certas circunstâncias,

levaria algumas pessoas a cometerem delitos, roubos e furtos. Além disso, os agentes de segurança pública afirmam que os mais envolvidos seriam os jovens que, no mais das vezes, vislumbrariam a posse de roupas de marca, produtos eletroeletrônicos, etc., e terminariam se enveredando pelo mundo do crime. Os delitos relacionados a uso de entorpecentes também seriam muito expressivos no entorno do Parque Anhangüera, o que seria consequência da ingestão de álcool e das frequentes brigas em bares e violência doméstica.

5.7 Denúncias

Os mapas de denúncias gerais e de denúncias de maus tratos são um importante indicativo da condição de abuso e violência familiar descrita por muitos entrevistados como sendo o retrato da área de estudo (Figura 23). Neles pode-se notar uma grande quantidade de denúncias nos Recantos do Paraíso e dos Humildes, em Perus; em Anhangüera, nos bairros Elisa Dina e Morro Doce. Com relação os maus tratos contra a criança destacam-se os já citados bairros de Perus.

Além disso, análises das denúncias oferecem informações a respeito da confiabilidade que os cidadãos têm no poder público e do grau de zelo que as pessoas têm com as questões que tangem a violação de direitos, o abuso e o crime.

Denúncias com Sucesso
 Maus Tratos, Maus Tratos contra a Criança,
 contra a Mulher, contra o Idoso
 Agosto07 a Fevereiro08

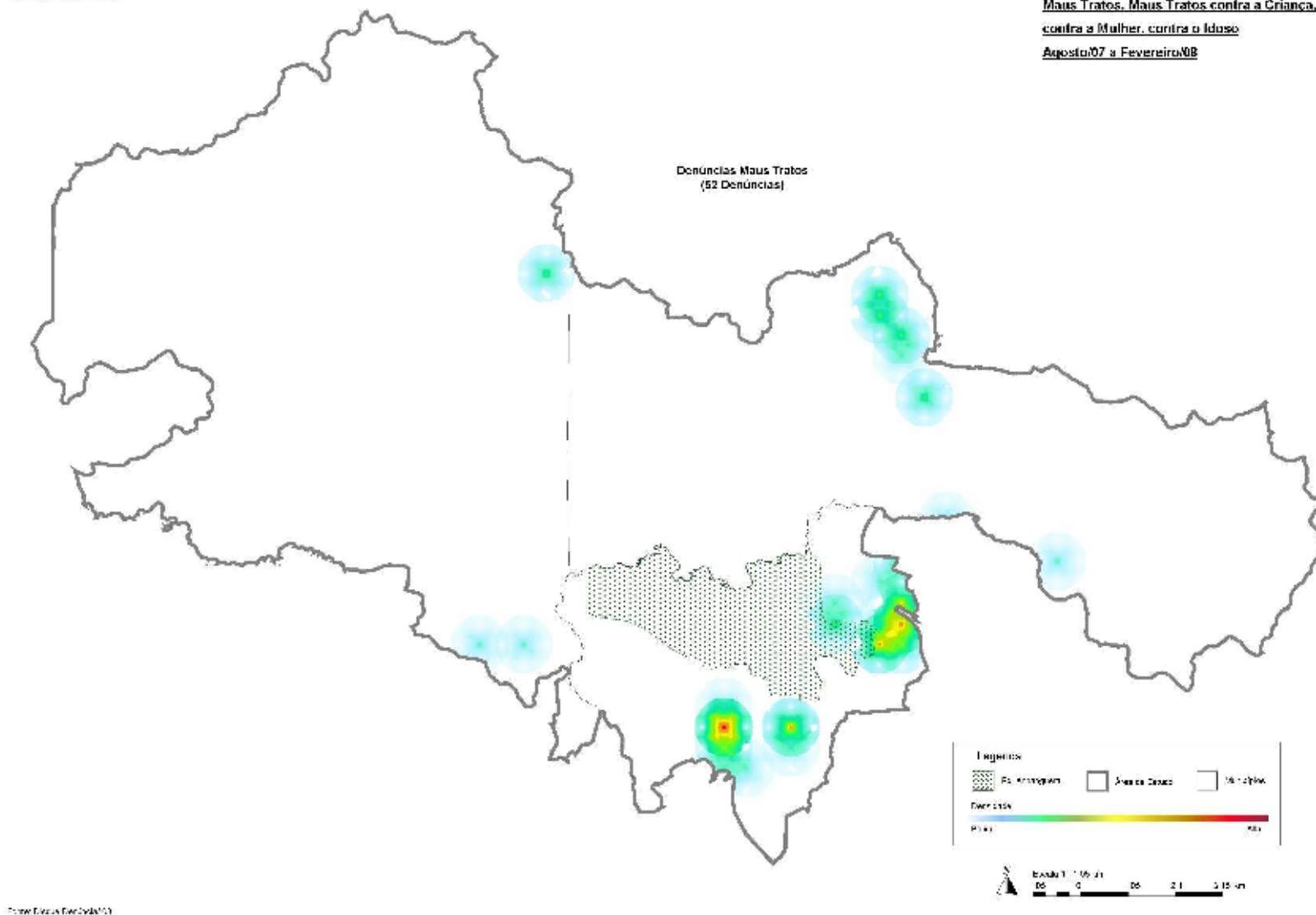


Figura 23 – Densidade de denúncias de maus tratos. Área de estudo, 2000- 2007.

Denúncias com Sucesso
 Maus Tratos, Maus Tratos contra Criança/ Mulher/ Idoso
 Roubo e Tráfico de Entorpecentes
 Agosto/07 a Fevereiro/08

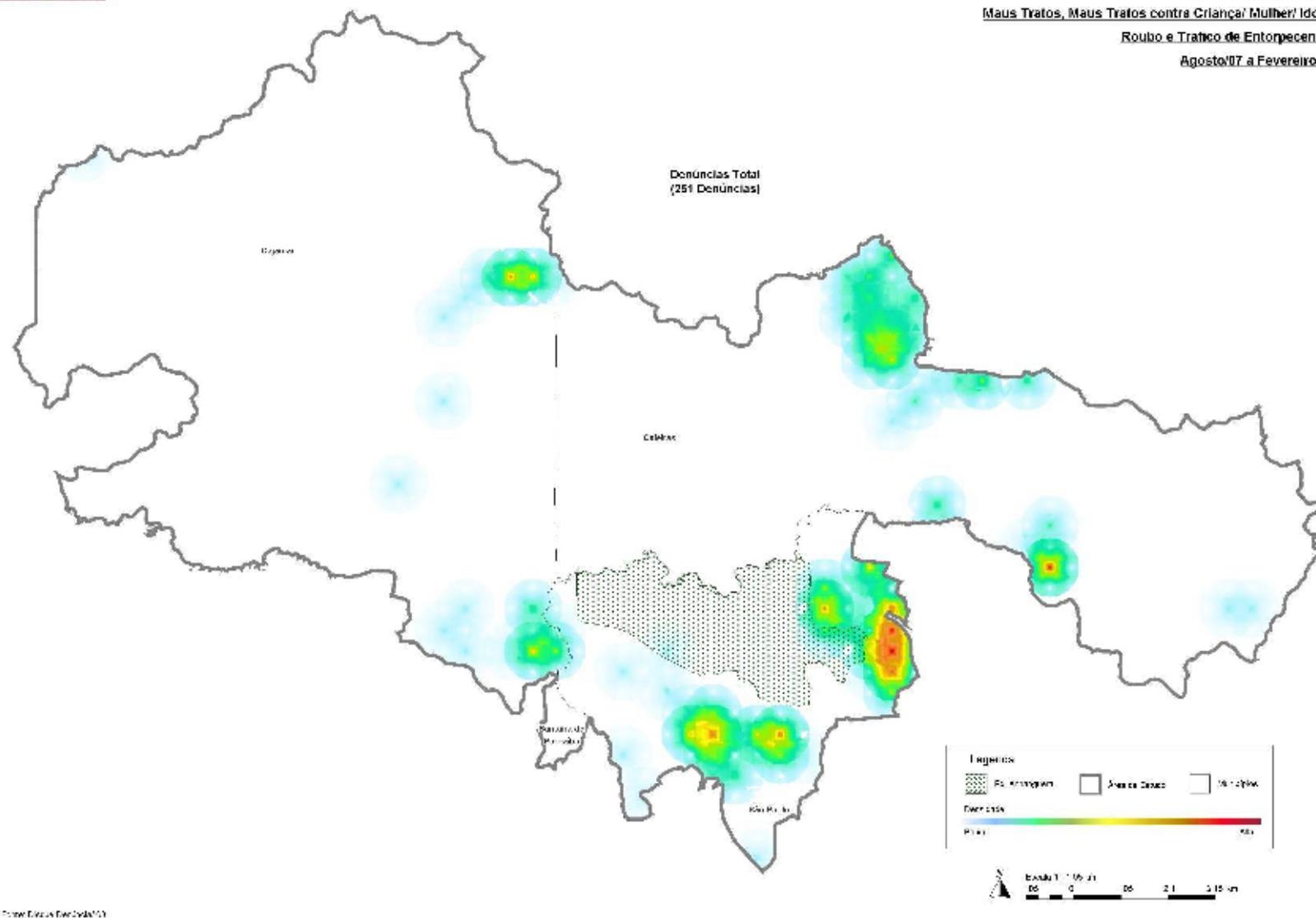


Figura 24 – Densidade de denúncias. Área de estudo, 2000- 2007.

5.8 O desenvolvimento das práticas

Segundo informações levantadas junto a representantes do poder público, até o início 2008 teria sido frequente em escolas públicas o roubo de equipamentos de informática, merenda escolar, quebra de janelas e pichações. Contudo, os relatos defendem que houve uma redução devido à intensificação das investigações.

Quando perguntado às entidades sociais os principais avanços que teriam contribuído para a prevenção e combate à violência no Parque Anhangüera nos últimos 12 meses, percebe-se a imprecisão sobre o período em que ocorreram. Entretanto, ressalta-se que no passado só havia a sede da administração e que atualmente o parque está mais cuidado e com maior segurança. A atuação da GCM, que buscava a interação com os frequentadores, estaria inviabilizando a ocorrência de eventos violentos.

Embora a segurança do Parque do Anhangüera seja também feita pela GCM, a atuação mais assídua é realizada por vigias de uma empresa de segurança privada contratada para zelar pelo Parque.

Tanto os representantes da segurança pública como do poder público apresentam maior entendimento dessa situação. Os primeiros dizem que a criação da Guarda Ambiental e a contratação da empresa de segurança privada foram responsáveis por “regras claras e respeitadas para que todos possam desfrutar do parque”. Além disso, a ação preventiva da Polícia Militar Rodoviária e o policiamento ostensivo estariam colaborando para a prevenção e combate à violência no Parque.

No poder público parece haver o consenso de que a contratação da empresa de segurança privada contribuiu muito com a melhora hoje percebida. Atualmente, as crianças estariam acostumadas a brincar à vontade nas áreas de circulação, chegando a dispensar um monitoramento sistemático por parte dos pais ou responsáveis. De tal modo, outros fatores teriam sido igualmente importantes segundo os representantes do poder público: o manejo frequente, limpeza e manutenção das instalações; a oferta de espaços para lazer e práticas esportivas; o Projeto de Construção da Unidade Fauna; os eventos de confraternização das famílias; as atividades do Projeto Bosque da Leitura.

6 A percepção local em áreas de vulnerabilidade

Uma visita feita aos arredores do Parque Anhangüera possibilitou o reconhecimento das áreas referidas nas análises dos mapas de crimes, mortalidade e denúncias (Capítulos 5 e 6), além de permitir a coleta das opiniões de seus residentes e de imagens da infraestrutura habitacional e urbana do entorno.

6.1 Jardim do Russo

O primeiro lugar escolhido para o trabalho de campo foi o Jardim do Russo. A visita contou com o apoio da Subprefeitura de Perus, que estabeleceu contato com algumas lideranças da região. Desse modo, garantiu-se que a aproximação com a comunidade seria realizada da maneira mais natural e objetiva possível.

Desde o início, procurou-se esclarecer que o objetivo da visita era registrar a condição do entorno do Parque para um diagnóstico que iria abordar a ocorrência de atos violentos. Apesar disso, em muitos momentos a conversa com os moradores tendia para diferentes assuntos, em especial sobre uma possível intenção do poder público local em remanejar as áreas de moradia.

Certamente, o acesso informal ao solo e, conseqüentemente, às condições de moradia é um dos maiores problemas identificados. Dois dos muitos problemas diagnosticados no Jardim do Russo, o esgoto e a precariedade dos domicílios, podem ser vistos nas figuras 25 e 26.



a



b

Figura 25 – Esgoto a céu aberto em viela no Jd. do Russo (a) e percurso de esgoto em área de passagem no Jd. do Russo (b)



a



b

Figura 26 – Vista de casas no Jd. do Russo (a) e esgoto próximo à casa no Jd. do Russo (b)

Além do esgoto exposto, as moradias praticamente dividem espaço com o aterro dos Bandeirantes. A exposição dessas pessoas a este local as torna vulneráveis a vetores de doenças e coloca-as em contato com o chorume decorrente da decomposição dos elementos orgânicos encontrados no lixo. Em períodos de chuvas, as casas enchem-se de água contaminada que também invade os lençóis freáticos.

6.2 Bamburral

Após o Jardim do Russo, examinou-se a Favela do Bamburral, visita que contou com a presença do representante de uma ONG local, cujo auxílio facilitou o trânsito pelas vielas e becos que se ramificam irregularmente, sem qualquer padrão definido (Figura 27).



Figura 27 – Casas na favela do Bamburral.

Nesse momento, foi possível identificar moradias construídas ao redor dos córregos próximos ao aterro dos Bandeirantes. Novamente, a situação habitacional, na qual as redes de água e esgoto e sistemas de coleta de lixo não se encontram implantados adequadamente, merecem destaque.

Há grande volume de entulho e lixo jogado nos morros no entorno da favela. O registro visual do fato pode ser visto na figura 28.



Figura 28 – Entulho e lixo em morro da favela do Bumburral (a e b).

No curso do córrego existem diversas pontes precárias que permitem a passagem para as moradias. As casas da área estão em sua maioria inacabadas, condição comum a assentamentos urbanos onde, em particular nas zonas periféricas, a população, utilizando os seus próprios recursos, inicia um processo de autoconstrução de novas casas, utilizando os materiais que tem acesso, em alguns casos os de alvenaria, no momento em que estão disponíveis (Figura 29).



Figura 29 – Córrego na favela do Bumburral (a) e moradia próxima ao córrego (b).

E, seguindo o córrego, volta-se ao aterro (Figura 30).

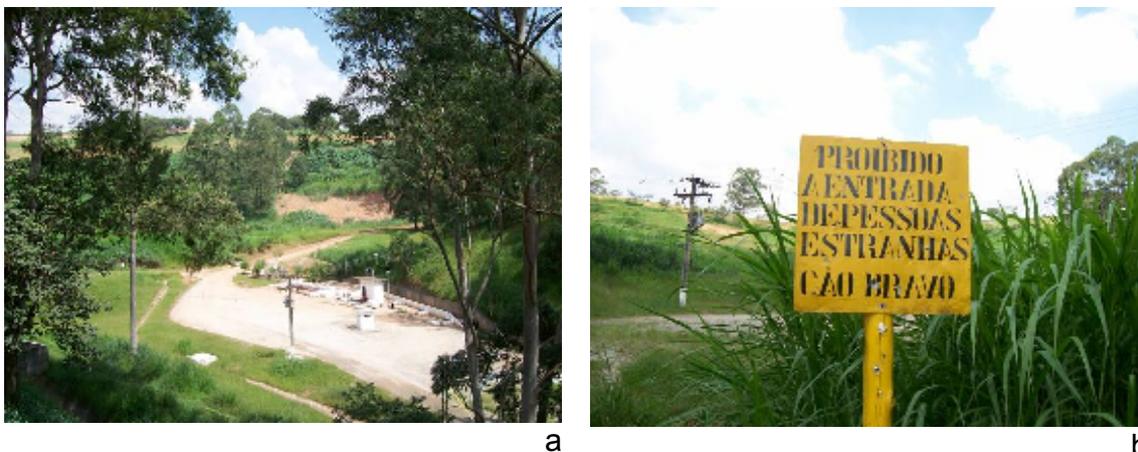


Figura 30 – Vista do aterro Bandeirante (a) e Advertência do aterro Bandeirante (b).

6.3 Recanto dos Humildes

Após a visita à favela do Bamburral, o destino foi o bairro Recanto dos Humildes, que se consolidou rápida e espontaneamente há pouco tempo. Essa nova comunidade e as moradias nela construídas não excedem 12 anos de existência, e vêm sendo conquistadas por meio de movimentos sociais, porém ainda não-legalizadas. Apesar desta condição, o local já apresenta uma expressiva densidade demográfica.



Figura 31 – Vista de casas no Recanto dos Humildes.

Adentrando neste bairro, percebe-se que há uma quantidade imensa de vielas cujos espaços dificultam a passagem de carros, mesmo assim são bem mais largas do que as do Jardim do Russo. As casas, apesar de também estarem superpostas, são mais bem divididas pelas vielas.



Figura 32 – Vial do Recato dos humildes (a) e projetos de Urbanização no bairro (b).

Diante de tudo que foi visto, pode-se compreender melhor as razões que condicionam os altos graus de violência registrados no entorno do Parque Anhangüera. A condição encontrada nos bairros visitados traz consigo uma lista extensa de problemas sociais e econômicos, tendo como consequências a exclusão e a desigualdade social que propicia a discriminação, a perpetuação da pobreza, a ausência do exercício da cidadania e a violência.

7 Avanços que contribuíram para a prevenção e combate à violência no Entorno do Parque Anhangüera

Ao questionar os representantes do poder público sobre quais os avanços que teriam contribuído para a prevenção e combate à violência no entorno do Parque Anhangüera, as respostas remeteram a ações articuladas entre subprefeitura, Polícia Militar e GCM para fechar bares em situação irregular que funcionavam após as 22h00; a substituição das escolas de “latinha” no bairro Jardim Monte Belo (em Anhangüera); o projeto Plano de Bairro (que promove a criação de unidades ambientais de moradia com o objetivo de oferecer sustentabilidade econômica à comunidade da região); regularização de lotes em bairros com alta vulnerabilidade social; a revitalização das praças; e a implantação de Praças Vale do Saber, áreas de lazer e convivência com projetos paisagísticos voltadas à melhora da qualidade de vida e do meio ambiente, tais áreas, desgastadas por fatores como os aterros sanitários. Algumas dessas obras foram executadas com recursos obtidos com a venda de créditos de carbono.

Quando se fez a mesma pergunta às entidades, foram destacadas melhorias em infraestrutura, principalmente nos transportes públicos e nos serviços prestados à comunidade por algumas entidades sociais, que oferecem atividades socioeducativas, de lazer, cultura e entretenimento. Também foi citado o investimento público na revitalização das praças e na arborização da região. Todavia, o progresso não se estenderia muito mais.

Especificamente com relação às políticas públicas de segurança pública, um importante avanço foi indicado. Como dito anteriormente, o poder público investiu em áreas verdes, e isso teria transformado alguns lugares que anteriormente eram utilizados para o uso de drogas em espaços de lazer. Nessa atual condição, a polícia estaria mais atuante em bairros perto destas novas praças e parques, inclusive no Parque Anhangüera.

Os agentes de segurança limitaram-se a destacar cinco ações pontuais: a realização de obras de infraestrutura urbana (asfalto, iluminação, esgoto e canalização de córregos); a regularização e a contenção da expansão de loteamentos clandestinos; as reuniões do Conselho de Segurança (Conseg) – a maior agilidade na investigação de furtos ou degradação ao patrimônio das escolas; e a criação do 49º Batalhão da Polícia Militar, em 2009, para atender especificamente às ocorrências dos distritos policiais da região.

8 Principais desafios a serem enfrentados para redução da violência e promoção de uma cultura de paz no Parque Anhangüera

Os entrevistados do poder público e da segurança pública estão coesos no entendimento dos principais desafios a serem enfrentados para redução da violência e promoção de uma cultura de paz no Parque Anhangüera. Para ambos, seria imprescindível a melhora das condições gerais para a prestação dos serviços de atendimento, transporte e segurança para a população.

Constituem-se como principais desafios a aquisição de equipamentos para a área administrativa e operacional; a criação de uma infraestrutura do Parque para atender a demanda de usuários, como lanchonetes, cantinas e restaurante; uma maior acessibilidade ao parque para os usuários que não possuem automóveis, criando linhas de ônibus inter-bairros; a ampliação do quadro de funcionários, principalmente o número de vigias e seguranças; a instalação de câmeras de monitoramento na área interna e arredores do parque; o investimento em veículos e equipamentos adequados para as atividades de ronda “no meio do mato”, uniformes, equipamentos de segurança e um sistema de comunicação com maior alcance e armamentos de maior porte.

Para as entidades sociais, os desafios envolvem o acesso a transportes gratuitos para os moradores de baixa renda dos bairros próximos ao Parque, a ampliação do número de quiosques com churrasqueiras, quadras poliesportivas e parquinhos e a implantação de novos ramais de ciclovias, pistas para caminhada e novos espaços de leitura e entretenimento (bibliotecas, casa de cultura etc.). Além disso, seria importante o aumento do efetivo de guardas e vigias e de seus equipamentos como, por exemplo, de viaturas.

Mas, ao mesmo tempo, questões mais amplas foram apontadas, como a mobilização da comunidade e a implementação de projetos culturais, socioeducativos e de educação ambiental. Diante disso, seria fundamental a criação de mecanismos que promovam a interlocução entre os agentes de segurança, os usuários, os gestores e a comunidade do entorno do Parque, e o fortalecimento do Conselho Gestor, ao obter o apoio de membros das comunidades locais que trabalhem com o objetivo de estabelecer ações que contemplem tanto a conservação ambiental como o desenvolvimento socioeconômico de toda a região.

9 Principais desafios a serem enfrentados para redução da violência e promoção de uma cultura de paz no entorno do Parque Anhangüera

As entidades defendem que os principais desafios a serem enfrentados para redução da violência e promoção de uma cultura de paz envolveriam ações nas áreas de habitação, educação e segurança pública. É recorrente a demanda pela melhoria dos serviços de segurança para os moradores, comerciantes e entidades. Esta questão poderia ser atendida por uma ação efetiva contra o tráfico e o consumo de drogas, especialmente nas escolas públicas. O poder público deve ainda ter controle sobre estabelecimentos comerciais que servem bebidas alcoólicas.

O investimento no treinamento, capacitação e em equipamentos policiais também foi lembrado, tal qual o fortalecimento dos vínculos de confiança entre os moradores e os agentes de segurança (bombeiros, guardas civis, agentes penitenciários e policiais civis e militares, principalmente aqueles envolvidos com as rondas nas ruas e escolas). Igualmente se recomenda a união dos moradores para debater a violência em seus bairros, em uma parceria entre a comunidade e segurança pública, para que juntos trilhem caminhos rumo a uma verdadeira cultura de paz, superando a violência. De acordo com os representantes das entidades, a sensação de insegurança é elevada. A polícia só se torna atuante quando atos com alto grau de violência já foram consumados, não havendo ações preventivas ou ostensivas contra a criminalidade, sobretudo nas favelas.

Nesse contexto, também são retomadas as recomendações dirigidas às soluções de problemas socioambientais, como a canalização de córregos, para a prevenção de enchentes, a revitalização de praças (como a Praça Inácio Dias localizada em Perus) e a promoção de uma política pública de educação ambiental, para criar hábitos de reciclagem de resíduos e de uso consciente dos recursos naturais.

A prevenção para impedir novos loteamentos e construções irregulares em áreas de proteção ambiental (APAs e APPs) e a regularização de favelas e ocupações irregulares são pontos fundamentais das políticas públicas, tanto para as entidades como para os representantes da segurança pública e poder público. Dois outros assuntos são consensos: o problema do lixo e da educação.

O lixo, que é um dos principais problemas de saneamento da maioria das cidades brasileiras, também é um problema nestes distritos. Madeiras, metais, móveis, pneus velhos, lixos domiciliares, entulho, material de jardim e poda, resíduos industriais e hospitalares são facilmente encontrados nas calçadas em frente às residências, e com mais facilidade ainda em áreas inabitadas, como no entorno do Parque Anhangüera. É frequente o despejo de entulho e lixo nos arredores do Parque, principalmente em áreas de pouca circulação de pessoas e veículos, o que torna prioritária uma política pública de reaproveitamento do lixo, ensejando melhoria da qualidade de vida para os moradores.

O investimento na construção de escolas, creches, espaços para atividades de lazer, equipamentos culturais é sempre lembrado. Segundo a maioria dos entrevistados, nos distritos de Perus e Anhangüera haveria somente uma escola pública de ensino médio, e muitos jovens que deveriam estar cursando não o fazem, devido à falta de vagas. É repetidamente indicada a implantação de cursos de formação profissional e de programas socioeducacionais para jovens e crianças, que tenham propostas lúdicas e prazerosas, capazes de despertar o interesse pela educação. Para a terceira idade, promover encontros que propiciem maior interação entre eles.

Do mesmo modo, seriam prioritárias a conservação e instalação de novos pontos de iluminação, a construção de albergues, a criação de espaços públicos para realização de eventos, a construção de escolas, faculdades e centros profissionalizantes e a existência de programas para geração de emprego e renda para os moradores de Perus e Anhangüera, assim como o investimento na construção de ao menos mais um hospital, um centro psicossocial e de equipamentos públicos de lazer e cultura na região.

Por fim, é lembrada a urgência de estabelecer diálogo entre o poder público e a comunidade, a fim de gerar uma discussão sobre “a realidade” e definir ações e estratégias para a melhoria socioeconômica e ambiental no entorno.

10 Opinião pública sobre insegurança no Parque Anhangüera e entorno

Uma pesquisa de opinião sobre sentimento de insegurança foi aplicada pelo **ISPCV** entre a segunda quinzena de fevereiro e a primeira quinzena de março de 2009, quando foram ouvidos 73 frequentadores do Parque Anhangüera.

Esse número de entrevistas foi proporcional às características de gênero e idade dos distritos de Perus e Anhangüera para permitir análise regionalizada¹¹. Para efeito de tabulação, foram consideradas as variáveis residência no entorno, sexo e faixa etária (Tabela 1 do anexo).

Semelhante investigação foi realizada com representantes das entidades sociais e funcionários do Parque Anhangüera. Mas, além da aplicação dos questionários, para esse grupo estabeleceu-se também uma abordagem qualitativa, centrada no diálogo. Nesta perspectiva, a percepção da violência e os principais avanços e desafios para o seu enfrentamento se constituiriam em lócus para o exercício de uma práxis comunicativa por parte dos entrevistados e dos pesquisadores e em qualificador dos dados quantitativos.

Para viabilizar esse trabalho, o **ISPCV** buscou apoio e estabeleceu parceria com a Subprefeitura de Perus e a administração do Parque Anhangüera, por intermédio dos quais foi possível mobilizar dez entidades sociais da região (cada uma representando uma área de atuação específica) e 50 funcionários que desenvolvem funções vinculadas direta ou diretamente às atividades do Parque Anhangüera.

10.1 Entrevistas no Parque Anhangüera

A coleta de dados estendeu-se de 14 de fevereiro a 03 de março de 2009. As entrevistas ocorreram em dias e períodos esparsos, uma vez que os frequentadores utilizam o Parque para vários eventos e atividades nos mais diversos momentos.

¹¹ O intervalo de confiança estimado é de 95% e a margem de erro máxima é de três pontos percentuais para mais ou para menos.

10.1.1 Dinâmica de segunda à sexta-feira

Durante a semana, a faixa etária da maioria dos frequentadores é acima de 40 anos, principalmente homens e mulheres com 55 anos e mais. Esse público mantém vínculos de profundo respeito pelo Parque e suas instalações, e cuidam dele como se fosse uma extensão de suas casas. Nesse cotidiano, eles encontram os amigos e parentes, construindo assim um ambiente propício a novas amizades, bem como o fortalecimento dos vínculos afetivos. Todavia, a maior parte desse público não frequenta o Parque durante os finais de semana e demonstram certa aversão em relação aos hábitos e práticas de lazer das pessoas que o frequentam nesse período.

Em dias úteis, as atividades têm início pela manhã, e, segundo relatos, aproximadamente 70 pessoas regularmente utilizam a ciclovia, as áreas para caminhada e outros espaços para exercícios. No período das 06h00 às 09h00 há um expressivo número de frequentadores, após esse horário é raro encontrá-los. Eventualmente, algumas escolas de educação infantil ou núcleos socioeducativos utilizam o espaço para suas atividades.

10.1.2 Dinâmica nos sábados, domingos e feriados

Nos finais de semana, os frequentadores do Parque são as famílias, grupos de jovens e agremiações de futebol e outros esportes de quadra. Também aparecem pessoas oriundas de várias localidades, uma vez que é comum, por exemplo, a presença de moradores dos municípios de Caieiras, Franco da Rocha e Francisco Morato, Osasco, Jundiaí e outros. Toda a infraestrutura da área é utilizada, como quiosques e churrasqueiras, banheiros, quadras, parquinhos, campos gramado e de areia, ciclovia, estacionamento etc. A quantidade de quiosques e quadras não é suficiente para atender a tantas pessoas nos finais de semana. Além disso, existe a demanda pela construção de área para abrigar os serviços de alimentação – atualmente há na entrada do parque algumas barracas que vendem sanduíches, refrigerante e bebidas alcoólicas.

10.2 Percepção sobre o Parque Anhangüera

A despeito de o Parque existir há cerca de 30 anos (fundado em 1979), é raro encontrar pessoas que declaram utilizá-lo por muito tempo. Somente no grupo de funcionários é possível localizar quem mantenha algum tipo de vínculo com o Parque por mais de dez anos (Tabela 2 do anexo).

Não obstante a relação com o Parque existir há pouco tempo para a maior parte dos frequentadores, a percepção de 49% dos entrevistados é de que ele não mudou e sempre foi um bom lugar para se conviver; e para 44% tornou-se um lugar melhor (Tabela 3 do anexo). A maioria deles acha que não há relação de conhecimento entre os pais das crianças e comentam ainda que, embora não haja conhecimento entre as pessoas adultas que vão ao Parque, eles se preocupam com segurança das crianças, mesmo aquelas que não são seus filhos ou netos (Tabelas 4, 5 e 6 do anexo).

De forma controversa, o bom ambiente de convivência atribuído ao Parque não é considerado como motivo para a ativa participação comunitária dos frequentadores. Em geral, os entrevistados desconhecem a existência do Conselho Gestor – eleito em setembro 2008 – ou sequer sabem se lá ocorrem ou não reuniões, seja para tratar de assuntos relacionados ao Parque, seja para debater problemas coletivos (Tabelas 7 a 12 do anexo).

10.2.1 Segurança

As entrevistas revelam que os serviços prestados pela segurança¹² do Parque são eficazes. Principalmente na área destinada aos frequentadores (quiosques, ciclovias, quadras poli esportivas, parquinhos, etc.), a segurança é muito bem avaliada. Nos últimos três meses, mais de 90% informaram não ter assistido ou ouvido falar que polícia prendeu alguém, de brigas de gangues, tiroteios, pessoa sendo ameaçada com uma faca, recebendo tiro, assassinada ou agredida. E 81% informaram não ter assistido alguém sendo assaltado, enquanto apenas 12% ouviram falar (Tabelas 13 a 20 do anexo).

¹² Atualmente, o serviço de segurança nos parques do município de São Paulo é terceirizado.

Entre os frequentadores, 64% dos entrevistados não viram jovens menores de idade beberem álcool em local público; porém, 25% viram e 7% ouviram falar a respeito de tal episódio. Situação semelhante ocorre para o item “alguém usando drogas no parque”: 74% afirmaram não ter assistido, 15% assistiram e 8% ouviram falar no consumo de entorpecentes (Tabelas 21 e 22 do anexo).

Outro dado que deve ser evidenciado é o pequeno percentual de frequentadores que ouviram falar que alguém tenha sido assassinado no Parque e que tenha sido agredido, respectivamente 3% e 1% (Tabela 18 do anexo).

10.3 Percepção dos grupos em relação ao entorno do Parque

Dos frequentadores que residem no entorno do Parque Anhangüera, um número expressivo, aproximadamente 55%, declara que o local onde vivem é apenas um lugar para se morar. Dentre os que responderam se sentir parte de uma comunidade (45%), mais de 60% dos respondentes possuíam mais de 50 anos. Diversamente, os representantes das entidades sociais e funcionários se sentem fazendo parte de uma comunidade (Tabelas 23, 24 e 25 do anexo).

A qualidade e a quantidade da maioria dos serviços prestados na região não satisfazem às necessidades dos frequentadores. A maior insatisfação está vinculada aos serviços de policiamento, cinemas/teatros (somente no CEU/Perus e Anhangüera existem esses serviços), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), hospitais/prontos socorros, clubes esportivos e escolas de treinamento de jovens.

No que diz respeito aos serviços de policiamento, existe uma clara discordância entre frequentadores do Parque e representantes de entidades sociais, por um lado, e funcionários, pelo outro. Dentre os frequentadores, 78% estão insatisfeitos ou muito insatisfeitos; para as entidades sociais esse percentual sobe para 89%. Contrariamente, a opinião dos funcionários indica 47% de satisfação.

Quanto à educação e formação profissional dos jovens, é necessário ponderar que existe na região somente uma escola pública para atender a demanda do ensino médio. Conseqüentemente, muitos jovens são encaminhados para outro

estabelecimento de ensino, a Escola Estadual Pereira Barreto, localizada na Avenida Nossa Senhora da Lapa, a 12 km da estação ferroviária de Perus (Tabelas 26 a 31 do anexo).

Por fim, a qualidade e quantidade dos serviços oferecidos por supermercados/mercearias, áreas de esportes, creches e parques foram avaliadas como satisfatórias pela maioria dos frequentadores (Tabelas 32 a 35 do anexo).

Os entrevistados (com ênfase no público masculino entre 16 a 24 e 35 a 49 anos) avaliam que hoje o bairro tornou-se um lugar melhor para se viver. Entretanto, quase 45% das entidades sociais opinaram o contrário, que o bairro transformou-se num lugar pior (Tabelas 36 e 37 do anexo). Curiosamente, a maioria os respondentes que consideram melhora no bairro, sentem-se seguros para andar nos bairros apenas durante o dia (Tabela 38 do anexo). Desemprego, violência familiar, consumo de álcool e uso de drogas são apontados como os problemas mais frequentes onde residem. Do mesmo modo, citam a expansão de organizações criminosas e o envolvimento de menores com elas (Tabelas 39 a 44 do anexo).

Em várias dimensões e abordagens, foram registrados indícios de violências, como os crimes contra pessoa, a degradação do patrimônio (público ou privado), roubos ou furtos de bens. Nos últimos anos, houve redução dos acontecimentos violentos, entretanto, permanece principalmente a ocorrência de crimes contra a pessoa, tais como ameaças com armas letais, estupros, assassinatos e/ou agressões (Tabelas 45 a 54 do anexo).

10.3.1 Relacionamentos na comunidade

Mais de 38% dos frequentadores concordaram que os adultos se conhecem, bem como conhecem as crianças do entorno e se preocupam com a sua segurança – mesmo aquelas que não são seus filhos ou netos (Tabelas 55, 56 e 57 do anexo). Contudo, os principais problemas que impactam negativamente a vida das pessoas que moram no entorno envolvem jovens, entre os quais se destacam:

- 42% citaram a gravidez de adolescentes como muito grave e 41% como grave.
- 45% citaram o desemprego como grave e 38% como muito grave.

- 47% citaram a falta de ter o que fazer como muito grave e 37% como grave.
- 47% citaram menores envolvidos com organizações criminosas como grave e 40% como muito grave.
- 48% citaram o alcoolismo como muito grave e 42% como grave.
- 49% citaram a violência familiar como grave e 15% como muito grave.
- 64% citaram o uso de drogas, como muito grave e 29% como grave.

Deve-se ressaltar ainda o expressivo uso de drogas e consumo de álcool em espaços públicos: 75% citaram uso de drogas; 66% consumo de álcool; e 64% acham que existe muita venda de drogas em local público (Tabelas 39 a 44, 58 e 59 do anexo).

Não obstante o impacto dos problemas no entorno, existe um contexto de precariedade que potencializa a violência. Tal situação está relacionada diretamente às condições de infraestrutura e limpeza de vias e espaços públicos, além da pouca oferta e a baixa qualidade dos serviços de educação, saúde e segurança pública, que não atendem às necessidades da população. Quanto à estrutura urbana (residências, limpeza e manutenção das áreas públicas), identificou-se nas tabelas 48, 60 e 61 do anexo:

- Lixo/ entulho nas calçadas, 64% dos frequentadores.
- Pichações de muros, 63% dos frequentadores.
- Bagunças noturnas, 62% dos frequentadores.

Também existem avaliações positivas para alguns aspectos. Pertinente aos serviços de saneamento básico, iluminação, ocupação do espaço urbano e segurança patrimonial, informaram haver pouco (Tabelas 45 e 46, 62 a 66 do anexo):

- Ruas sem asfalto e iluminação, 64% dos frequentadores.
- Poucos carros abandonados, 56% dos frequentadores.
- Roubo de carro, 53% dos frequentadores.

- Lotes vazios e abandonadores, 55% dos frequentadores.
- Construções abandonadas, 52% dos frequentadores.
- Roubo de casas, 53% dos frequentadores.

Mas os problemas parecem superar em muito as benesses. Mesmo assim, mais de 30% dos entrevistados responderam que os moradores nunca se reúnem para discutir problemas coletivos relacionados a seu bairro, no que diz respeito à segurança pública, violência, saúde, educação, lazer e meio ambiente. Destes, aproximadamente 23% informaram que às vezes ocorrem reuniões para discutir tais questões. Dadas as proporções, a opinião tanto de funcionários quanto de representantes das entidades converge com a dos frequentadores (Tabelas 67 a 72 do anexo).

Segundo os entrevistados, nos últimos anos a sucessão de acontecimentos violentos diminuiu; contudo, nos últimos três meses, aparecem com proeminência, com destaque para os eventos de jovens menores de idade consumindo álcool em local público e pessoas usando drogas na rua. 38% dos frequentadores responderam ter assistido a polícia prendendo alguém (Tabelas 52,53 e 54; 73 a 76 do anexo). Dentre os eventos assistidos estão:

- Jovens menores de idade beber álcool em local público: 74% afirmaram ter assistido; apenas 21% informaram não ter assistido, mas ter ouvido falar.
- Alguém usando drogas na rua: 62% assistiram e 18% não assistiram, mas ouviram falar.
- A polícia prendendo alguém: 38% assistiram, 30% não assistiram, mas ouviram falar que aconteceu.
- Alguém sendo agredido: 38% assistiram e 30% não assistiram, mas ouviram falar.
- Alguém sendo assaltado: 51% ouviram falar e 19% assistiram.
- Brigas de gangues: 47% não assistiram, 32% não assistiram, mas ouviram falar que aconteceu e 16% assistiram.
- Alguém que foi assassinado: 51% não assistiram, mas ouviram falar e 10% assistiram.

10.3.2 Segurança e instituições de direitos que servem à comunidade

Na avaliação dos serviços prestados pela polícia à comunidade, indagou-se se houve melhorias em 2008, e quais eram as expectativas até o final de 2009. Também, solicitou-se que avaliassem a atuação dos policiais e a percepção quanto à eficácia das instituições em assuntos de direitos do cidadão.

Na opinião de 49% dos frequentadores não houve melhorias nos serviços prestados. Em 2008, os serviços prestados “estavam iguais, mas eram ruins”. Dentre esse público, compartilham dessa opinião mais de 55% das pessoas na idade de 16-24 e 35-49 anos; no que se refere ao gênero, apenas 14% dos entrevistados responderam que houve alguma melhoria.

Percebe-se que a concepção sobre a debilidade dos serviços de segurança, da infraestrutura urbana e a capilaridade e eficácia das políticas públicas de bem-estar social reduzem as expectativas dos frequentadores em melhorias nos serviços e atuação das entidades ou representantes policiais.

Para 30% dos entrevistados, ao final de 2009 os serviços de segurança estarão melhores, e 21% acham que eles estarão iguais, mas bons. Há que se observar que compartilham de tal expectativa 44% de moradores que não residem no entorno; 42% das pessoas com idade entre 25-34 anos. Entretanto, 25% acham que a prestação dos serviços estará igual, mas ruim – principalmente as pessoas em idade de 16-24 anos (31%), e 32% do público feminino (Tabelas 77 e 78 do anexo).

10.3.3 Avaliação da atuação da polícia

A percepção da atuação da polícia é controversa. Para 30% dos entrevistados, a polícia sempre atende prontamente aos chamados da comunidade; somando-se às opiniões similares (16% quase sempre e 26% às vezes), é possível conjecturar que de fato existe o atendimento aos chamados. Contudo, no que se refere a manter a tranquilidade nas ruas e se as abordagens feitas pela polícia ocorrem de forma educada, cerca de 30% informaram que às vezes isso ocorre (Tabelas 79, 80 e 81 do anexo).

Nota-se que 60% dos frequentadores informaram não saber se os policiais do bairro aceitam suborno e que 16% responderam que isso nunca ocorre, todavia 49% declararam não saber se os policiais protegem o tráfico de drogas. Por outro lado, ao somar o percentual das respostas similares – 18% acham que os policiais sempre protegem o tráfico, 10% acham que quase sempre protegem e 11% acham que protegem às vezes – obtém-se um resultado parcial de 39% de pessoas que compartilham da existência de alguma proteção ao tráfico de drogas. E completando, 37% não sabem se os policiais têm medo dos traficantes de drogas, enquanto 26% acham que às vezes e 23% que sempre (Tabelas 82,83 e 84 do anexo).

10.3.4 Avaliação das instituições

A avaliação das instituições que servem à comunidade em assuntos de direitos dos cidadãos – os Bombeiros e a Polícia Militar, que pertencem à mesma categoria – apresenta resultados díspares. Para 55% dos respondentes, os primeiros realizam um trabalho muito bom; já os segundos têm um desempenho bom ou regular para 36% dos entrevistados (Tabelas 85 e 86 do anexo).

Ao comparar com outro estudo realizado na zona sul do município (Ibope, JOB643/2008), verifica-se que há consonância entre os resultados. O desempenho da Polícia Militar obteve os seguintes resultados: 29% boa, 43% regular, 11% ruim e 13% muito ruim; os Bombeiros destacam-se na avaliação com 58% muito boa e 35% boa, para os distritos de Capão Redondo, Jardim Ângela e Jardim São Luis.

A segunda instituição mais bem avaliada é a Guarda Civil Municipal (GCM): 53% acham que ela é boa, seguida pelo Exército (48% boa). No estudo citado, ambos foram avaliados em: 40% regular e 41% boa. As demais alcançaram índices pouco significativos, variando entre boa ou regular. Nas categorias “ruim e muito ruim”, o maior indicador é 21%, dentre os quais constam as seguintes instituições: a Justiça, com 21% muito ruim e 22% ruim; o Ministério Público, com 19% muito ruim e 16% ruim; e a Polícia Civil, com 18% ruim e 8% muito ruim (Tabelas 87 a 91 do anexo).

10.3.5 Percepção quanto a comentários de acontecimentos violentos no Parque Anhangüera e entorno

Ao apresentar quinze situações relacionadas à violência e solicitar que os frequentadores respondessem se acaso ouviram falar do assunto, ao menos alguma vez na vida e nos últimos 12 meses, aparecem os seguintes resultados:

Tabela 4

Percentual de frequentadores que ouviram falar de situações violentas no Parque Anhangüera

Alguma vez na vida	Nos últimos 12 meses
8% Alguém foi assassinado	4% Alguém foi assassinado
8% Alguém foi estuprado	3% Alguém foi estuprado
7% Alguém ameaça com revólver para roubar algo	1% Alguém ameaça com revólver para roubar algo
10% Alguém ameaça com palavras de baixo calão	7% Alguém ameaça com palavras de baixo calão
5% Alguém oferece drogas	5% Alguém oferece drogas

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

No Parque Anhangüera, tanto nos últimos 12 meses como alguma vez na vida, é pouco relevante a indicação de acontecimentos violentos, não ultrapassando 10%. Além disso, as principais ocorrências diminuem quando se referem a um período mais recente, exceção feita ao item “alguém oferece drogas”, que se manteve em 5%, conforme quadro anterior.

Entretanto, o mesmo não ocorre no entorno. A maioria dos entrevistados já ouviu falar ao menos uma vez de um dos eventos citados. Ademais, nos últimos 12 meses tais eventos diminuiriam cerca de 6%, sendo que para alguns a redução não chega ser expressiva. Destaca-se que na região permanece a insegurança, uma vez que nos 12 últimos meses ainda existem estes rumores, principalmente sobre haver a necessidade de andar armado; também sobre pessoas que sofreram ameaças para roubar algo – seja por faca ou revólver – e outras que foram feridas com arma branca.

Tabela 5

Percentual de freqüentadores que ouviram falar de situações violentas no entorno do Parque Anhangüera

Alguma vez na vida	Nos últimos 12 meses
53% Alguém ameaça com revólver para roubar algo	47% Alguém ameaça com revólver para roubar algo
62% Alguém ameaça com palavras de baixo calão	56% Alguém ameaça com palavras de baixo calão
19% Alguém ameaça com uma faca para roubar algo	18% Alguém ameaça com uma faca para roubar algo
8% Algum policial ou autoridade ameaça para tirar algum dinheiro	10% Algum policial ou autoridade ameaça para tirar algum dinheiro
47% Alguém muda de casa por medo ou ameaça de violência	38% Alguém muda de casa por medo ou ameaça de violência
62% Alguém oferece drogas	51% Alguém oferece drogas
66% Alguém sofreu alguma agressão física (tapa, soco, pontapé, etc.)	56% Alguém sofreu alguma agressão física (tapa, soco, pontapé, etc.)
14% Alguém sofreu algum tipo de agressão ou maus tratos policiais	11% Alguém sofreu algum tipo de agressão ou maus tratos policiais
49% Alguém foi ferido por arma de fogo, como revólver	44% Alguém foi ferido por arma de fogo, como revólver
21% Há a necessidade de andar armado	18% Há a necessidade de andar armado
37% Alguém foi ameaçado de morte	29% Alguém foi ameaçado de morte
18% Alguém foi ferido por arma branca, como faca	16% Alguém foi ferido por arma branca, como faca
15% Alguém foi sequestrado	10% Alguém foi sequestrado
30% Alguém foi estuprado	23% Alguém foi estuprado
63% Alguém foi assassinado	56% Alguém foi assassinado

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

A conduta e atuação de policiais merecem especial deferência. Aumentaram de 8% para 10% os rumores sobre ter ouvido falar de algum policial ou autoridade que ameaça para tirar algum dinheiro. Também a aparente manutenção do percentual de pessoas que afirmam ter sofrido algum tipo de agressão ou maus tratos policiais, que reduz de 14% para 11%.

10.3.6 Expressão sobre os direitos humanos

Nos três grupos – frequentadores, funcionários e representantes da sociedade civil – são controversas as respostas sobre o que pensam os entrevistados a respeito da expressão direitos humanos.

A maioria (60%) dos frequentadores acha que os direitos humanos norteiam o trabalho da polícia, não impedem ou prejudicam o trabalho dela e que não representam os direitos dos bandidos (Tabelas 92, 93 e 94 do anexo).

Não obstante, os representantes das entidades sociais têm opinião diversa. A maioria deles (67%) acha que os direitos humanos não norteiam o trabalho da polícia e impedem ou prejudicam o trabalho dela. A concepção desse grupo sobre o tema apenas se divide quando questionados se direitos humanos são direitos de bandidos; exatamente 50% acham que representam e 50% acham que não (Tabelas 95, 96 e 97 do anexo).

A opinião dos funcionários corrobora a ideia expressa anteriormente de que são “direitos que impedem ou prejudicam o trabalho da polícia”; 44% responderam que sim; quanto aos demais itens, eles não podem ser considerados, devido ao grande número de não resposta para esta variável (Tabela 98 do anexo).

A visão negativa sobre os direitos humanos captada nas pesquisas de opinião vincula-se a duas questões que medeiam a maior parte das respostas obtidas na entrevistas: a falta de confiança nas instituições públicas e a sensação de insegurança. A dificuldade da justiça penal em punir os violadores está na memória dessas pessoas e cada crime que ocorre sem punição reduz a confiança nas instituições encarregadas da segurança pública. Uma situação favorece o conceito de que algo precisa ser feito, mesmo que normas e direitos sejam violados.

11 Mobilização da comunidade

Com o objetivo de apresentar o projeto e integrar a sociedade no processo de análise da violência no Parque Anhangüera e entorno, a versão preliminar do diagnóstico foi apresentada e discutida em uma audiência pública na subprefeitura de Perus, em 07 de abril de 2009. Nesse evento, compareceram representantes da sociedade civil organizada que debateram as informações levantadas e compartilharam os seus conhecimentos sobre os problemas mais relevantes que afetam a população local. Ação essa que influenciou a elaboração deste diagnóstico.

11.1 Sobre a redução da violência

Sobre formas eficazes de redução da violência no Parque Anhangüera e entorno, os pontos mais citados foram as questões educacionais e as que envolviam o trabalho policial. Primeiramente, pode-se notar a importância levantada pela população da supressão da evasão escolar. Uma educação que trabalhe com a autoestima e os valores dos jovens também foi mencionada como importante; por outro lado, também é necessária a educação voltada para o mercado de trabalho, com cursos profissionalizantes para os jovens desde o ensino fundamental e formas de incentivo de geração de renda para eles.

Ainda no que tange ao tema educação, foi citada a importância de conhecer os interesses destes mesmos jovens e adolescentes, a fim de promover ações mais eficientes e direcionadas. Em busca destes objetivos educacionais, escolas municipais e estaduais deveriam estar unidas.

Em segundo lugar, foi lembrada a importância de melhorar a polícia, em busca de mais atuação e melhor preparação para atender às necessidades da população. Outras possibilidades levantadas foram: a atuação em vários fatores que geram a violência e a divulgação de medidas preventivas para que a população evite sofrê-la; projetos de agregação das comunidades entre si, com as organizações não-

governamentais e com o poder público; finalmente, a importância do investimento em espaços públicos destinados ao desenvolvimento de atividades culturais e poliesportivas, bem como sua divulgação junto ao público em geral.

11.2 Sobre o diagnóstico

Os dados apresentados no projeto sobre a região foram tidos como corretos por moradores da região, e, de maneira semelhante, muitos se mostraram satisfeitos com o tipo de recorte feito na pesquisa, com uma análise detalhada da violência (a separação dos “tipos” de violência) e as descrições espacial e histórica dela; os objetivos de intervenção (cursos de formação) também foram levantados como eficientes e importantes.

A possibilidade de um projeto que motive e possibilite a participação da população também foi tida como significativo. A compreensão dos problemas da região pela comunidade é vista como fundamental para gerar um olhar crítico entre seus atores, motivando uma efetiva ação contra a violência. Esta aproximação também foi elogiada por associações que mantêm ações e projetos com temática e objetivos semelhantes.

Por outro lado, muitas pessoas citaram como negativa a falta de união da comunidade para discussão dos fatores apresentados, assim como o alto índice de vulnerabilidade da região, ambos diagnosticados no estudo de campo. A falta de atuação do poder público nos temas em estudo também foi citada.

Sobre a metodologia, opinaram que a abordagem por meio de mapas pode ser superficial se não confrontada com acuidade com as opiniões contidas nas entrevistas. Além disso, questionou-se a inclusão dos municípios de Caieiras e Cajamar na área de estudo definida neste trabalho. Essa inserção, inicialmente vista como negativa, foi acolhida após a explicação que não se pode limitar os estudos e as ações *a priori* por limites político-administrativos.

12 Segurança no Parque

Embora o controle de entrada e saída não seja feito de forma rigorosa – trata-se afinal de espaços públicos – e a despeito do fato de ser possível entrar nos parques por diversos caminhos, as entradas e saídas oficiais dos parques de São Paulo são limitadas e sujeitas a algum controle, quer da Guarda Civil, quer da Polícia Militar, ou ainda por funcionários contratados de empresas de vigilância privada.

Normalmente, existe também um horário específico de funcionamento, limitando as atividades internas a um determinado número de horas durante o dia e a certos espaços delimitados. A entrada e circulação de automóveis costuma ser também limitada, com exceção de áreas reservadas para estacionamento, que em geral contam com algum tipo de fiscalização. Alguns parques públicos, como o Parque da Luz na região central, contam ainda com sistema de monitoramento por vídeo. Finalmente, a existência de regras limitando o uso de bebidas alcoólicas e/ou a inexistência de estabelecimentos que vendam estas bebidas contribuem para a remoção de fatores criminógenos no ambiente. Estas características tornam o cometimento de crimes dentro dos parques mais arriscado e funcionam como “bloqueadores de oportunidade”.

Por outro lado, a existência de locais ermos e pouco iluminados ou vigiados dentro do parque, a baixa frequência, a possibilidade de “encurrallamento” das vítimas em potencial, tornam-no em local propício para o cometimento de crimes.

12.1 Sugestões para promoção de uma política de desenvolvimento socioambiental

Para a promoção de uma política de desenvolvimento socioambiental no Parque Anhangüera, os agentes de segurança recomendaram maior investimento de recursos do governo federal na área de segurança ambiental, para a formação e qualificação profissional dos guardas ambientais, e a promoção de uma educação ambiental com eixo formativo que fomente a sensibilização cidadã para as crianças e adolescentes, como medida preventiva de combate à violência. Ademais, a população, as autoridades e os presidentes de entidades associativas

sociais deveriam participar mais dos Consegs e das discussões e planejamento de ações para a redução da violência.

Por sua vez, as entidades sociais assinalaram a importância de ampliar a diversidade da flora e a de utilizar uma área do Parque para centro de recuperação para jovens dependentes químicos, com projetos diversificados envolvendo questões relativas ao meio ambiente. A gestão do Parque precisaria dar maior atenção à realidade dos jovens que fazem uso de entorpecentes e promover atividades específicas de entretenimento, lazer, esportes para que eles permaneçam menos tempo “à mercê do tráfico de drogas”.

Elas acreditam que essas ações redundariam em maior incentivo para frequentar o Parque, um melhor aproveitamento dos espaços destinados às atividades de lazer e recreação e a diversificação de atividades que manteriam frequentadores interessados em se integrar às atividades do parque. As entidades ainda enfatizaram os projetos socioeducativos, com atividades e palestras sobre direitos e deveres sociais e ambientais. Projetos que compreendam a urgência de construir estratégias para preservação de áreas verdes, bem como a reciclagem de resíduos sólidos, para o desenvolvimento de uma cidadania ativa.

Destacou-se também a preocupação com o envolvimento de técnicos que dominem plenamente o assunto e propaguem as ideias expostas anteriormente por meio de cursos formativos com didática acessível que dissemine os conhecimentos de forma lúdica; atividades dirigidas (cultura, oficinas, vivências, etc.) que promovam a interação entre a gestão do Parque, usuários e membros das comunidades do entorno; e de eventos, como espetáculos teatrais, com a temática ambiental; almoços ou churrascos comunitários para confraternizações.

Os representantes dos poderes públicos acreditam que uma política de desenvolvimento socioambiental deveria estar vinculada a projetos culturais e ações que articulem e integrem ações do Parque com a comunidade do entorno, abordando temas como “o reaproveitar e despejar adequadamente o lixo para a coleta e o promover ações para conscientização ambiental”. Do mesmo modo, teria o comprometimento ao estímulo de eventos de confraternização das famílias, o que consideram relevante para a promoção de uma cultura de paz e boa convivência, e a manutenção de atividades proporcionadas pelo Projeto Bosque da Leitura da Secretaria Municipal de Cultura (SMC).

12.2 Prevenção criminal através do desenho ambiental

O ambiente urbano imediato e o tipo de mobiliário urbano influenciam os fatores de risco associados à violência e à criminalidade. Embora o conceito seja bastante antigo, como se pode ver facilmente na concepção arquitetônica dos castelos, com seus fossos, muralhas, janelas estreitas, etc. várias teorias, com os mais diversos nomes, foram desenvolvidas nos últimos anos baseadas nestes pressupostos: daí derivaram-se conceitos, por ordem cronológica, como “espaço defensável”¹³, prevenção criminal através do desenho ambiental *Crime Prevention through Enviromental Design* (CPTED), prevenção criminal situacional e criminologia ambiental, cada uma aperfeiçoando um pouco a anterior.

Entre outras descobertas das pesquisas baseadas nestas teorias estão, conforme elenca Zahm, as de que crimes são situacionais; a distribuição dos crimes está relacionada com o uso do solo e a rede de transportes; criminosos são oportunistas e cometem crimes em locais que eles conhecem bem; as oportunidades surgem muitas vezes durante as atividades e rotinas diárias do criminoso; locais com crime são frequentemente também locais sem observadores ou vigilância (Zahm, 2007).

Na prática, os esforços preventivos derivados destas teorias situacionais ou ambientais implicam tentativas de manipular o zoneamento urbano e o uso do espaço, o traçado das ruas, o alargamento de avenidas, o desenho físico de prédios e equipamentos, o planejamento do sistema de transporte com suas rotas e pontos de parada, a iluminação, a limpeza, o calendário de atividades de parques e área públicas, o mobiliário urbano, como caixas automáticos, bancos e guaritas, os tipos de materiais utilizados nas construções, etc. com o intuito de diminuir os riscos criminais. Em áreas espacialmente delimitadas, implica ainda pensar na segurança perimetral, nos pontos de entrada e saída, na vigilância

¹³ All "Defensible Space" programs have a common purpose: they restructure the physical layout of communities to allow residents to control the areas around their homes. This includes the streets and grounds outside their buildings and the lobbies and corridors within them. The programs help people preserve those areas in which they can realize their commonly held values and life styles. "Defensible Space" relies on self-help rather than on government intervention, and so is not vulnerable to government's withdrawal of support. It depends on residents' involvement to reduce crime and remove the presence of criminals. It has the ability to bring people together of different incomes and race in mutually beneficial union.

interna, na localização das janelas e câmeras, na limpeza e visibilidade de todos os recantos, bem como nos usos e atividades que ocorrem dentro do espaço.

As propostas aqui alinhavadas estão baseadas na perspectiva do (CPTED) ou Prevenção Criminal através do Desenho Ambiental, desenvolvida por C. Ray Jeffrey em 1971, e por Oscar Newman, no ano seguinte. A teoria busca responder em última instância, quando observa a concentração de crime num determinado local, à pergunta: “por que precisamente aqui?”. O que existe de específico neste local que aumenta o risco de vitimização? De acordo com Zahm, resolver um problema criminal, deste modo, requer uma compreensão detalhada tanto do crime quanto do local onde ele ocorre e a resposta deve levar em consideração o uso de elementos ambientais para conseguir três objetivos básicos: 1) controlar o acesso; 2) providenciar oportunidades de ver e ser visto; 3) definir a “propriedade” do local e encorajar a manutenção do território. (Zahm, 2007).

Complementarmente, o relatório do Centro Internacional de Prevenção Criminal (ICPC) propõe que a Prevenção Criminal através do Desenho Ambiental se baseie em quatro princípios orientadores:

- 1) Vigilância natural e visibilidade dos espaços públicos por meio de um planejamento adequado (ver e ser visto). Vigilância Natural é baseada na teoria dos “Olhos na Rua” e parte do princípio de que aprimorar a visibilidade do local encoraja os usuários legítimos a interagir e assegurar sua segurança mútua. Ao contrário, os criminosos são afastados se os olhos da comunidade estão vigiando o espaço. Exemplos são a melhoria da iluminação ou a criação de janelas voltadas para o espaço. Ou ainda a remoção de camelôs de uma área comercial para aumentar a visibilidade da polícia.
- 2) Imagem e estética, manutenção dos elementos de um determinado espaço público e eliminação de imagens negativas de uma área; exemplos podem ser melhorias na pintura, na jardinagem, colocação de lixeiras, melhor sinalização, etc.
- 3) Territorialidade e espaços defensáveis (propriedade do local), com o fortalecimento de laços afetivos nas comunidades através do desenho ambiental como facilitador de relações sociais e gerador de sentimentos de apropriação; trata-se aqui fundamentalmente de gestão (*management*) para

incentivar diversos grupos a utilizarem o local de forma compartilhada, criando assim “capital social”; esta atração de diferentes atividades para o local está relacionada ao item 1, pois incrementa a vigilância dos espaços.

- 4) Vigilância de rotas de acesso e de fuga, entradas e saídas, em pontos estratégicos, (controle de acesso) “reforçando o alvo”, o fortalecimento físico de um alvo para reduzir sua vulnerabilidade ou atratividade para um possível agressor. Uso de estratégias preventivas do tipo “bloqueamento de oportunidades” (*blocking opportunities*) e de “dificultamento do alvo” (*target hardening*). (Gartner, Anika, 2008; ICPC, 2008)¹⁴

Na prática estes princípios e estratégias concretizam-se por meio das seguintes possíveis ações, que podem ser aplicadas em todos os parques da cidade ou ainda em escolas públicas, hospitais e outros equipamentos públicos:

- instalação de telefones públicos em áreas estratégicas;
- instalação de câmeras de vídeo em locais estratégicos, como o estacionamento, entradas e saídas do Parque;
- melhoria da limpeza (instalação de cestos de lixo) e da iluminação, especialmente de áreas que trazem percepção de insegurança. Um projeto interessante de ser replicado é o “Adote um Poste” utilizado em Nairobi, onde patrocinadores adotam um poste de luz (ou outro mobiliário urbano) e em troca têm o direito de colocar um anúncio no mesmo. (Global Report on Human Settlements 2007, p. 248);
- poda das árvores e jardinagem, para aumentar a visibilidade e passar a sensação de que alguém cuida da área;
- aumento das rondas dos vigilantes;
- melhora na sinalização interna, alertando os usuários sobre onde se pode ou não entrar, o que é permitido ou proibido fazer em cada lugar, seguindo a lógica de controle de acesso e criação de barreiras físicas e subjetivas;

¹⁴ O entendimento do Departamento de Justiça norteamericano é de que o CPTED cuida exclusivamente do *design* e seu uso e que características do *design* podem ser reforçadas por fechaduras, guardas, alarmes (*target hardening*), mas que não são da essência do CPTED. CPTED também não é de responsabilidade exclusiva da polícia, mas um trabalho de equipe, no qual policiais também participam com outros atores. (Zahm, 2007, p. 10)

- limitação dos acessos e maior controle de entradas e saídas, reduzindo as possibilidades de fuga dos ofensores, colocando por exemplo catracas e portas giratórias, cartão de controle no estacionamento, etc.;
- mapeamento dos locais críticos dentro do Parque;
- banimento da venda de bebidas alcoólicas dentro e nas imediações;
- banimento dos comerciantes irregulares dentro e nas mediações do Parque;
- material impresso orientando os usuários sobre os eventuais riscos e com dicas de prevenção;
- divulgação junto aos usuários do regulamento interno do Parque, deixando claro o que é ou não permitido fazer, em que dias e horários, em que locais, por quem, etc.
- estímulo do uso “sadio” do Parque, com atividades monitoradas, para diversos tipos de usuários. Um bom exemplo são as “festas da vizinhança”, que tiveram início na França e depois se espalharam pela Europa onde vizinhos compartilham comida e realizam atividades conjuntas, reforçando assim os laços comunitários (ICPC, 2008, p. 115);
- estímulo à permanência maior no Parque. A construção de equipamentos para churrasco incentiva a vinda de famílias e grupos que chegam para passar o dia (*Safer Canterbury: creating safer communities*);
- discussão da situação do Parque junto ao Conseg local;
- mudanças no mobiliário urbano, como bancos desenhados para impedir que usuários durmam neles, trocas de muros fechados por grades abertas que aumentem a visibilidade;
- retirada, ou remoção para áreas vigiadas, de atrativos como caixas eletrônicos e máquinas que operem com moedas;
- vigilância e limpeza de áreas sensíveis, como banheiros. Como sugere a teoria das “janelas quebradas”, um ambiente limpo e bem cuidado mostra que as pessoas se importam e estão atentas ao que ocorre no local.

Alguns departamentos de polícia têm criado áreas e equipes especializadas em orientar os arquitetos, a população e outras áreas do governo responsáveis por grandes projetos de construção, sobre como levar em consideração os princípios de prevenção ambiental, durante a concepção mesma dos projetos e não apenas como um elemento adicional, depois que o projeto foi concluído. Estas equipes fazem visitas aos locais e emitem “certificados de segurança” quando a edificação obedece aos parâmetros estipulados. A intenção é que num futuro próximo todos os grandes projetos de construção tenham obrigação legal de obter um certificado de segurança para que o projeto seja aprovado. Na França, avaliações de segurança já são obrigatórias para todos os empreendimentos maiores de 100 mil metros, em comunidades com mais de 100 mil habitantes (ICPC, 2008, p. 114).

Estima-se que a criminalidade aumente entre 10 e 15% em sua magnitude por conta de componentes ambientais mal desenhados, de onde se infere que uma redução de criminalidade desta ordem pode ser obtida com bons projetos de prevenção ambiental (*Global Report on Human Settlements*, 2007, p. 69).

Um bom exemplo de uso policial destas estratégias é o guia desenvolvido pela polícia de Bradford. Nas recomendações do Departamento de Polícia de Bradford, na Inglaterra, sugere-se, por exemplo, aos construtores que prestem atenção às seguintes questões, baseadas nas melhores tradições do CPTED:

- Vigilância natural dos espaços, especialmente em relação às entradas, caminhos, áreas de lazer, espaços abertos e estacionamentos.
- Espaços defensíveis, que devem ser criados com definições claras, diferenciações e separações entre espaços públicos, semipúblicos e privados, de tal forma que todos sejam claramente definidos e adequadamente protegidos em termos de uso e propriedade (de cada local).
- Iluminação do empreendimento, em particular das ruas e caminhos.
- Desenho e aparência das rotas para pedestres, ciclistas e motoristas, em torno e dentro do empreendimento, integrados com a padronização já existente.
- Decoração e jardinagem, especialmente para evitar a criação de espaços escondidos, escuros ou áreas isoladas ou sem saída (*Global Report on Human Settlements*, 2007).

Um risco apontado pela literatura e que portanto deve ser evitado é o de tornar a área tão fechada e controlada que iniba seu uso pela comunidade, ou ainda propicie seu uso exclusivo por apenas um tipo de grupo, ou, pior ainda, gangue. Adotar uma política de exclusão é uma maneira fácil de reduzir a criminalidade nos parques, mas é uma política que “joga o bebê com a água do banho”, como diz o dito. É preciso conciliar uma política de inclusão com um nível tolerável de contravenção e criminalidade, que nunca será zero. O espaço precisa estar aberto para a comunidade a maior parte do tempo possível e diversos grupos da comunidade devem ser convidados e incentivados a frequentar os parques da cidade de forma pacífica e compartilhada. Assim, o nível de segurança aumenta, pois o senso de propriedade enseja respeito e promove o zelo pelo local (ICPC, 2008).¹⁵

12.3 Avaliação do Parque Anhangüera

Segundo os princípios do CPTED, o Parque Anhangüera apresenta pontos positivos e negativos. Com relação às características adequadas, destacam-se:

- Boa sinalização e regras claras sobre o que é permitido ou proibido fazer no Parque, antes da área de acesso.



Figura 33 – Placas de sinalização e informações na entrada do Parque.

¹⁵ Public spaces can be managed through a policy of exclusion and segregation which entails “cleaning up”, denying access (curfews and other prohibitive measures), installing equipment to dissuade certain populations from occupying the spaces (such as public benches on which it is impossible to lie down), and even criminalizing certain behaviors. As a result, some residential and commercial zones have become closed (gated communities). On the other hand, a more inclusive approach has been developed, which take account of the complexity of these issues and resources are invested to facilitate integrated and coherent responses. (International Center for the Prevention of Crime, 2008, p. 112).

- Equipamento para guardar bicicletas localizado em área segura e com boa vigilância natural.



Figura 34 – Bicicletário do Parque.

- Telefone público localizado próximo à administração do Parque, que permite tanto a fiscalização evitando a depredação do equipamento, quanto a segurança do usuário. Escadas com apoio para as mãos e clara delimitação de áreas de circulação dos automóveis; Corretamente, o telefone público está longe do banheiro (área de risco), pois o telefone pode funcionar como “desculpa” para a permanência indesejada.



Figura 35 – Administração do Parque e telefones públicos.

- Banheiros públicos são equipamentos considerados de “alto risco” e foram corretamente instalados em ambiente de grande visibilidade e circulação, próximo à entrada e administração do Parque.



Figura 36 – Banheiros públicos do Parque.

- Boa limpeza dá a sensação de “domínio territorial” pela comunidade e aumenta sensação de segurança;



Figura 37 – Área de lazer infanto-juvenil do Parque.

- Remoção da pichação da parede do banheiro: mostra que o local não está abandonado e que administração se importa com o espaço. Boa visibilidade, boa manutenção externa e interna e área de estacionamento para deficiente (embora o local seja inacessível para carros em geral).



Figura 38 – Paredes dos banheiros públicos do Parque sem pichações.

- Boa sinalização na ciclovia orienta o usuário sobre a finalidade do espaço e direção a seguir, evitando que ele seja orientado para áreas ermas e inseguras dentro do Parque. Caneleta lateral para água das chuvas e vegetação baixa e bem aparada nas laterais.



Figura 39 – Ciclovia.

- Altura adequada da copa das árvores (entre 0,7 e 2,4 metros) facilita visualização e vigilância natural, equipamentos públicos bem conservados e lixeiras para manter a limpeza do local.



Figura 40 – Área de eventos no Parque.

- Caminhos bem definidos e demarcados pela vegetação e guia lateral orientam o usuário com relação ao espaço onde ele deve se manter na ciclovia, embora a utilização do espaço além não seja vedada.



Figura 41 – Ciclovia e vegetação lateral da via.

- Na entrada, uma corrente impede a circulação de veículos não autorizados e a guarita, o que sugere que a área de acesso ao Parque é monitorada¹⁶.



Figura 42 – Guarita e Bebedouro no Parque

No que diz respeito aos fatores negativos, foram observados:

- De um modo geral, o Parque é subutilizado nos dias de semana. A reduzida frequência de atividades em certos dias e horários diminui a “vigilância natural” nos espaços e aumenta a sensação de insegurança. Assim, a administração deve encorajar atividades para aumentar a presença de atividades nestes dias e horários que apresentam menor frequência de público;



Figura 43 – Áreas afastadas no Parque.

¹⁶ Note o garrafão de água substituindo o bebedouro, cuja água não está potável no momento de execução desse diagnóstico, garantindo fornecimento de água aos usuários.

- Transporte público: o ponto de ônibus fica longe da entrada do Parque, o que reduz a possibilidade de sua utilização por usuários sem veículo próprio.
- Veículo aparentemente abandonado na entrada do estacionamento sugere degradação do local¹⁷.



Figura 44 – Carro estacionado na entrada do Parque.

- Efetivo da vigilância local conta com apenas quatro funcionários por turno, quantidade suficiente para dias de semana, mas insuficiente nos finais de semana.
- Diversos cães são abandonados e andam soltos pelo parque e, ainda que em sua maioria mansos, podem passar insegurança e incomodar usuários.

12.4 Programas para a comunidade

Existe alguma evidência na literatura criminológica de que programas de recreação comunitários podem ajudar a prevenir a criminalidade, tais como os programas de recreação pós-escola citados por Sherman: programas intensivos de recreação contribuíram aparentemente para reduzir a porcentagem de jovens detidos, diminuir o uso de drogas e o vandalismo (Sherman, 1997).

¹⁷ Consultado, o administrador do Parque Anhangüera afirmou que não se trata de veículo abandonado, mas de veículo em funcionamento, utilizado por frequentador do Parque.

É fundamental que haja um lugar para atuar contra o sentimento subjetivo de insegurança que fomenta preconceitos e políticas de segurança que investe em ações repressivas que só faz aumentar a intensidade de um medo que, muitas vezes, é até irracional e desproporcional. Mas cabe registrar que as reuniões para discutir problemas coletivos, tanto no parque como no entorno, praticamente inexistem.

Assim, o Parque pode ser o local onde atividades de debate e recreação comunitários podem ser exercidas, aumentando assim a sua segurança e do entorno. No entanto, ressalta-se, o Parque em si mesmo, como mero espaço físico, não traz garantia alguma de que a criminalidade e a delinquência serão diminuídas na comunidade. Ao contrário, existem casos em que a criação de uma área pública nova foi o estopim para a violência entre gangues, que passaram a disputar o controle do novo local. Mais do que simplesmente criar os espaços, é preciso ordenar o seu uso, investindo em programas bem delimitados e supervisionados por profissionais.

No caso de Parque Anhangüera, localizado próximo a um dos grandes *hot spots* de homicídio na Capital, uma sugestão é de se levar a cabo um projeto de mediação de conflitos na comunidade, voltado para casos de ameaças e agressões domésticas identificados pelas autoridades policiais da região.

Uma vez que o perfil epidemiológico dos envolvidos nos homicídios – tanto como vítima quanto como autores – é jovem, do sexo masculino, com baixo nível de instrução e renda, proveniente de famílias desestruturadas, etc. – o Parque pode oferecer programas de recreação, qualificação profissional e outros para a população que se encaixa neste perfil. Como o poder público nem sempre conta com os recursos financeiros e conhecimento para o desenvolvimento destas atividades, é possível pensar em parcerias com ONGs, entidades privadas como o Sesc, empresas do entorno, etc. para que administrem em conjunto as atividades.

Podem-se identificar projetos na comunidade que tenham potencial preventivo, organizá-los e trazê-los para dentro dos limites do Parque, potencializando seus resultados. Para tanto, seria necessário um levantamento prévio das lideranças e das atividades desenvolvidas na vizinhança e levar ao Parque uma administração pró-ativa que procure incentivar o uso do espaço em benefício da comunidade.

13 Considerações finais

Desde o início dos trabalhos, dois fatos chamaram a atenção da equipe envolvida no diagnóstico. Dois contextos, igualmente adversos e similares, que posteriormente iriam ser evidenciados nas pesquisas e análises. Primeiramente, um parque aparentemente pacífico no qual o consumo elevado de álcool em locais públicos (inclusive nos parquinhos e quadras) por adultos e menores de idade transformou-se em algo banal. A segunda ocorrência, um entorno do parque violento onde acontecimentos de violação de direitos e o uso de drogas são narrados de forma corriqueira.

Especificamente, foram observadas melhorias na região estudada e muitos empreendimentos sociais estão sendo desenvolvidos. Além disso, importantes instituições para o contexto local foram muito bem avaliadas, com destaque aos Bombeiros e a Guarda Civil Metropolitana.

Mas, no cômputo geral, há pouco emprego na região, os equipamentos públicos são insuficientes e o problema habitacional torna-se dramático. E é fundamental que saibamos que as crianças e os jovens emergem como o grupo mais vulnerável.

A ausência de espaços de formação, educação e cultura evidencia-se como um dos principais temas que afetam diretamente a vida dos jovens. Devido a isso, há o consenso na região de que os mais graves problemas são a falta de ter o que fazer, o consumo de álcool em local público e o envolvimento de menores com organizações criminosas, que estariam em expansão.

Na região, mostra-se fundamental a ampliação da capilaridade de políticas públicas para avaliar a sustentabilidade na região, assim como a oferta de novas unidades escolares e espaços para treinamentos técnicos destinados a atender aos jovens do ensino médio. Trata-se de atitudes capazes de garantir o acesso e estimular a permanência nas escolas, bem como despertar o sentimento de pertencimento à região.

Além disso, urge a necessidade de criar espaços para diálogo entre população, gestores públicos, serviços de segurança pública, a fim de atender a demandas

específicas de seus moradores. Também promover ações específicas para resgatar ou construir laços de confiança entre todos, especialmente entre as instituições responsáveis, segurança pública e a população.

Portanto, acreditamos que as informações e indicações contidas nesse diagnóstico possam contribuir com o planejamento, elaboração e promoções de ações concretas para prevenção e enfrentamento da violência e da criminalidade. Também desejamos que os poderes públicos e a sociedade civil se apropriem dos conhecimentos aqui apresentados. Isso não somente pelos problemas identificados e expostos, mas porque não acreditamos ser possível conservar uma porção de terra de tranquilidade com pontos de inebriação e cercada por violência por todos os lados.

Referências bibliográficas

ANDRE, Carmen Diva Saldiva de; PERES, Clovis de Araújo; LIMA, Antonio Carlos Pedroso de. **Avaliação nutricional da dieta fornecida em duas creches municipais da área de Pirituba-Perus**. São Paulo : Ime-Usp, 1987. 16 p.

ATENCIO, Daniel. **Furcalita e outros minerais uraníferos secundários de Perus, SP**. São Paulo, 1991. 147p.

_____. **Weeksita rica em bario de Perus, Município de São Paulo**. São Paulo : Instituto de Geociências-Universidade de São Paulo, 1990. p.1-6.

_____. **Novos dados sobre minerais uraníferos secundários do pegmatito de Perus , Município de São Paulo**. 1990. p.338.

AZEVEDO, Mônica de Abreu. **Avaliação do risco à saúde da população vizinha às áreas de disposição final de resíduos sólidos urbanos: o aterro sanitário como cenário de exposição ambiental**. São Carlos, 2004. 197 p.

BAILEY, Thomas; GATRELL, Anthony. **Interactive spatial data analysis**, Essex, England: Longman Scientific & Technical, 1995.

BERTHO, Marina Paula. **Diagnóstico nutricional e de saúde de crianças institucionalizadas - creche Eliseo Teixeira Leite, Perus, SP**, 1995. p.141-57.

BUENO, Iuri. **Análise comparativa de explosivos industriais na pedreira Embu-Perus / Iuri Bueno**. São Paulo : EPUSP/PMI, 1998. 39 p.

CAMARGO, William Gerson Rolim de. **Minerais uraníferos de Perus (SP)**. São Paulo : S.N., 1965. 216 p.

CHAVES, Marcelo Antonio. **Da periferia ao centro da(o) capital: perfil dos trabalhadores do primeiro complexo cimenteiro do Brasil, São Paulo, 1925-1945**. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

CHIESA, Anna Maria. **Uso de estratégias participativas para o conhecimento das representações sociais de mulheres da região de Pirituba/Perus com resultado Classe III de Papanicolau**. São Paulo, 1994. 163p.

COELHO, Paulino Eduardo Fernandes Pinto. **Reconhecimento radiogeológico da região de Perus (SP)**. São Paulo, 1980.

GADOTTI, Moacir. **Orçamento participativo criança. [Depoimento]**. São Paulo, 2004. 1 fita de videocassete (22 min.) : col. ; VHS/NTSC.

GARTNER, Anika. Desenho do espaço público como ferramenta para a prevenção da violência. In: **Revista Brasileira de Segurança Pública**. Ano 2, Edição 3, Julho/Agosto de 2008.

IBOPE. **Pesquisa de opinião pública sobre violência**. São Paulo: NEV/USP, 2008 (JOB643).

INTERNATIONAL CENTRE FOR THE PREVENTION OF CRIME. **International report on crime prevention and community safety: trends and perspectives**. Montreal: ICPC, 2008. Disponível em: http://www.crime-prevention-intl.org/filebin/Documents%20ajouts%202008/Septembre%202008/Basse_resolution_International_Report_Crime_Prevention_and_Community_Safety.pdf. Acesso em: 17 abr. 2009.

JESUS: Mário Carvalho de. (Org.) **Cimento Perus: 40 anos de ação sindical transformam velha fábrica em centro de cultura municipal**. São Paulo: JMJ, 1992. 111 p. Coleção Cadernos para mudar 2.

MACKAY, Tom. **Behavioral Based Design**. Peel Regional Police, Brampton, Ontário.

_____. **What makes a park safe ?** Peel Regional Police, Brampton, Ontário.

Sherman, Laurence. **Preventing Crime. What Works, What Doesn't, What is Promising**.

MADUREIRA FILHO, José Barbosa. **Granadas dos turmalina-granitoides de Perus, SP: variações morfológicas e químicas.** Goiania: Sociedade Brasileira de Geologia, 1986. p.175-6.

MARQUES, Rinaldo Moreira. **Determinação da concentração de urânio em rochas e minerais da região de Perus-SP.** São Paulo: IAG/USP, 1989. 53p.

MIYAHIRO, Daniela. **População de Trabalhadores Rurais Sem Terra e o Sistema Único de Saúde : acesso de mulheres à prevenção de câncer de colo de útero na Atenção Básica.** Ribeirão Preto: Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, 2005. CD-ROM.

NICHIATA, Lucia Yasuko Izumi. **Sistema de informação em Aids: limites e possibilidades.** São Paulo, 1999. p. 305-312.

PIRES, Paulo Sérgio. **Segmentação x totalidade: paradigma funcionalista de pé-quebrado no governo da reconstrução.** São Paulo, 2005. 199 p + anexos.

PMSP. **Parque Anhangüera: proposta do arquiteto Rogério A. Dorsa Garcia e do historiador Ernani Silva Bruno.** São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1992. 23 p.

REVISTA DOS TRIBUNAIS. A greve da "Perus" nos tribunais: autos parciais do processo da Cia. Brasileira de Cimento Portland Perus. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 1967. 164 p

SANTOS, Maria Mercês. **Contribuição para o estudo do movimento contra o pó de cimento no bairro de Perus, São Paulo:** o significado das questões de saúde e doença. São Paulo, 1984. 150 p.

SÃO PAULO (Cid). Sbes. Dep Habitação e Trabalho. **Estudo sobre as favelas da administração regional Perus-Pirituba.** São Paulo: Sebes, 1974.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. **Meu bairro, minha cidade:** você também faz parte desta história. São Paulo, 2004. (1 caixa: cadernos; mapas ; 8,5 x 29,0 x 22,0 cm + CD ROM.)

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Indicadores ambientais e gestão urbana:** desafios para a construção da sustentabilidade na cidade de São Paulo. São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente; Centro de Estudos da Metrópole, 2008.

_____. **GEO cidade de São Paulo:** panorama do meio ambiente urbano / SVMA, IPT. São Paulo: 2004; Brasília: PNUMA, 2004.

TAYLOR, Ralph. **Crime Prevention through Environmental Design (CPTED):** Yes, No, Maybe, Unknowable, and All the Above. Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo *Notas de Aula da Disciplina "Métodos e Técnicas na Projeção Arquitetônica"*, 2004.

TELESI JÚNIOR, Emílio. **Regional de Saúde Pirituba-Perus (Município de São Paulo):** revisão de modelo assistencial através de processo participativo. Porto Alegre : Abrasco, 1992. p.121

UNITED NATIONS HUMAN SETTLEMENTS PROGRAMME. Global Report on Human Settlements 2007. Enhancing Urban Safety and Security. UN-Habitat, 2008.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência dos municípios brasileiros 2008.** Brasília: RITLA, 2008.

ZAHM, Diane. **Using Crime Prevention through Environmental Design in Problem-Solving.** US Department of Justice, 2007.

Anexo

Tabela 1

Perfil dos entrevistados na pesquisa de opinião pública do projeto em busca de um parque sustentável e pacífico

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Amostra	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
	100%	75%	25%	48%	52%	29%	27%	11%	11%

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 2

Tempo relação dos frequentadores com o Parque Anhangüera

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Tempo de residência na região	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
0 a 5	38,4	34,5	50,0	42,9	34,2	38,1	50,0	30,0	25,0
6 a 11	27,4	29,1	22,2	22,9	31,6	23,8	20,8	35,0	37,5
12 a 17	17,8	14,5	27,8	20,0	15,8	28,6	12,5	15,0	12,5
18 anos e mais	16,4	21,8	0,0	14,3	18,4	9,5	16,7	20,0	25,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 3

Percepção dos frequentadores, quanto a qualidade nas áreas de convivência do parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Um lugar melhor para se conviver	43,8	47,3	33,3	51,4	36,8	38,1	45,8	40,0	62,5
Um lugar pior para se conviver	2,7	1,8	5,6	2,9	2,6	0,0	0,0	10,0	0,0
Não mudou; sempre foi um bom lugar	49,3	50,9	44,4	45,7	52,6	52,4	50,0	50,0	37,5
Não mudou; sempre foi um lugar ruim	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	4,1	0,0	16,7	0,0	7,9	9,5	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 4

Percepção dos frequentadores, quanto aos pais da crianças que visitam o parque se conhecerem Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Um lugar melhor para se conviver	12,3	12,7	11,1	8,6	15,8	9,5	12,5	5,0	37,5
Um lugar pior para se conviver	16,4	16,4	16,7	20,0	13,2	14,3	12,5	20,0	25,0
Não mudou; sempre foi um bom lugar	13,7	16,4	5,6	14,3	13,2	9,5	16,7	20,0	0,0
Não mudou; sempre foi um lugar ruim	34,2	32,7	38,9	28,6	39,5	19,0	41,7	50,0	12,5
Não sabe/ não opinou	23,3	21,8	27,8	28,6	18,4	47,6	16,7	5,0	25,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 5

Percepção dos frequentadores, quanto aos adultos conhecerem as crianças que visitam o parque Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Um lugar melhor para se conviver	9,6	10,9	5,6	2,9	15,8	14,3	4,2	0,0	37,5
Um lugar pior para se conviver	12,3	10,9	16,7	17,1	7,9	0,0	16,7	20,0	12,5
Não mudou; sempre foi um bom lugar	23,3	25,5	16,7	25,7	21,1	14,3	29,2	30,0	12,5
Não mudou; sempre foi um lugar ruim	28,8	27,3	33,3	25,7	31,6	19,0	33,3	45,0	0,0
Não sabe/ não opinou	26,0	25,5	27,8	28,6	23,7	52,4	16,7	5,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 6

Percepção dos frequentadores, quanto aos adultos se preocuparem com todas crianças (1) Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Um lugar melhor para se conviver	42,5	40,0	50,0	48,6	36,8	28,6	41,7	50,0	62,5
Um lugar pior para se conviver	16,4	16,4	16,7	14,3	18,4	23,8	16,7	10,0	12,5
Não mudou; sempre foi um bom lugar	9,6	12,7	0,0	5,7	13,2	4,8	16,7	10,0	0,0
Não mudou; sempre foi um lugar ruim	12,3	12,7	11,1	11,4	13,2	4,8	12,5	20,0	12,5
Não sabe/ não opinou	19,2	18,2	22,2	20,0	18,4	38,1	12,5	10,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

(1) Mesmo aquelas que não são seus filhos ou netos

Tabela 7

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no parque para discutir problemas coletivos como violência
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade de Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	5,5	7,3	0,0	8,6	2,6	9,5	4,2	0,0	12,5
Quase Sempre	4,1	0,0	16,7	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0
Às vezes	4,1	5,5	0,0	0,0	7,9	4,8	4,2	0,0	12,5
Quase nunca	4,1	5,5	0,0	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0
Nunca se reuniu	37,0	40,0	27,8	31,4	42,1	28,6	33,3	50,0	37,5
Não sabe/ não opinou	45,2	41,8	55,6	48,6	42,1	47,6	50,0	40,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 8

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no parque para discutir problemas coletivos como educação
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade de Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	5,5	7,3	0,0	8,6	2,6	9,5	4,2	0,0	12,5
Quase Sempre	4,1	0,0	16,7	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0
Às vezes	2,7	3,6	0,0	0,0	5,3	4,8	4,2	0,0	0,0
Quase nunca	4,1	5,5	0,0	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0
Nunca se reuniu	37,0	40,0	27,8	28,6	44,7	28,6	33,3	45,0	50,0
Não sabe/ não opinou	46,6	43,6	55,6	51,4	42,1	47,6	50,0	45,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 9

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no parque para discutir problemas coletivos como meio ambiente
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade de Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	6,8	9,1	0,0	8,6	5,3	9,5	4,2	0,0	25,0
Quase Sempre	5,5	1,8	16,7	8,6	2,6	4,8	4,2	10,0	0,0
Às vezes	4,1	5,5	0,0	2,9	5,3	4,8	8,3	0,0	0,0
Quase nunca	4,1	5,5	0,0	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0
Nunca se reuniu	32,9	34,5	27,8	22,9	42,1	28,6	29,2	40,0	37,5
Não sabe/ não opinou	46,6	43,6	55,6	51,4	42,1	47,6	50,0	45,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 10

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no parque para discutir problemas coletivos como saúde
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade de Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	5,5	7,3	0,0	8,6	2,6	9,5	4,2	0,0	12,5
Quase Sempre	4,1	0,0	16,7	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0
Às vezes	2,7	3,6	0,0	0,0	5,3	4,8	4,2	0,0	0,0
Quase nunca	4,1	5,5	0,0	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0
Nunca se reuniu	37,0	40,0	27,8	28,6	44,7	28,6	33,3	45,0	50,0
Não sabe/ não opinou	46,6	43,6	55,6	51,4	42,1	47,6	50,0	45,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 11

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no parque para discutir problemas coletivos como lazer
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade de Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	5,5	7,3	0,0	8,6	2,6	9,5	4,2	0,0	12,5
Quase Sempre	4,1	0,0	16,7	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0
Às vezes	2,7	3,6	0,0	0,0	5,3	4,8	4,2	0,0	0,0
Quase nunca	4,1	5,5	0,0	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0
Nunca se reuniu	37,0	40,0	27,8	28,6	44,7	28,6	33,3	45,0	50,0
Não sabe/ não opinou	46,6	43,6	55,6	51,4	42,1	47,6	50,0	45,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 12

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no parque para discutir problemas coletivos como segurança pública
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade de Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	5,5	7,3	0,0	8,6	2,6	9,5	4,2	0,0	12,5
Quase Sempre	4,1	0,0	16,7	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0
Às vezes	2,7	3,6	0,0	0,0	5,3	4,8	4,2	0,0	0,0
Quase nunca	4,1	5,5	0,0	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0
Nunca se reuniu	37,0	40,0	27,8	28,6	44,7	28,6	33,3	45,0	50,0
Não sabe/ não opinou	46,6	43,6	55,6	51,4	42,1	47,6	50,0	45,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 13

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de a polícia prendendo alguém no parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	0,0	5,0	0,0
Não Assistiu	91,8	94,5	83,3	94,3	89,5	95,2	87,5	90,0	100,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	2,7	1,8	5,6	0,0	5,3	0,0	8,3	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	4,1	3,6	5,6	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 14

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de brigas de gangues no parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	2,7	0,0	11,1	2,9	2,6	4,8	0,0	5,0	0,0
Não Assistiu	90,4	92,7	83,3	88,6	92,1	85,7	95,8	85,0	100,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	2,7	3,6	0,0	2,9	2,6	4,8	0,0	5,0	0,0
Não sabe/ não opinou	4,1	3,6	5,6	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 15

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de tiroteios no parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	0,0	5,0	0,0
Não Assistiu	95,9	98,2	88,9	97,1	94,7	95,2	95,8	95,0	100,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	2,7	1,8	5,6	2,9	2,6	4,8	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 16

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de alguém sendo ameaçado no parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não Assistiu	97,3	98,2	94,4	97,1	97,4	95,2	95,8	100,0	100,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	2,7	1,8	5,6	2,9	2,6	4,8	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 17

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de alguém recebendo um tiro no parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	0,0	5,0	0,0
Não Assistiu	94,5	96,4	88,9	97,1	92,1	95,2	91,7	95,0	100,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	1,4	1,8	0,0	0,0	2,6	0,0	4,2	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	2,7	1,8	5,6	2,9	2,6	4,8	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 18

Percepção dos Frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar que alguém foi assassinado no parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não Assistiu	93,2	96,4	83,3	97,1	89,5	95,2	91,7	90,0	100,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	2,7	1,8	5,6	0,0	5,3	0,0	4,2	5,0	0,0
Não sabe/ não opinou	4,1	1,8	11,1	2,9	5,3	4,8	4,2	5,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 19

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de alguém sendo agredido no parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	4,1	3,6	5,6	2,9	5,3	0,0	4,2	10,0	0,0
Não Assistiu	91,8	94,5	83,3	94,3	89,5	95,2	91,7	85,0	100,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	0,0	5,0	0,0
Não sabe/ não opinou	2,7	1,8	5,6	2,9	2,6	4,8	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 20

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de alguém usando drogas no parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	2,7	1,8	5,6	5,7	0,0	4,8	4,2	0,0	0,0
Não Assistiu	80,8	81,8	77,8	77,1	84,2	90,5	79,2	75,0	75,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	12,3	12,7	11,1	11,4	13,2	0,0	12,5	20,0	25,0
Não sabe/ não opinou	4,1	3,6	5,6	5,7	2,6	4,8	4,2	5,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 21

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de jovens menores de idade beberem álcool no parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	24,7	29,1	11,1	22,9	26,3	33,3	20,8	25,0	12,5
Não Assistiu	64,4	61,8	72,2	65,7	63,2	52,4	66,7	75,0	62,5
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	6,8	7,3	5,6	8,6	5,3	9,5	4,2	0,0	25,0
Não sabe/ não opinou	4,1	1,8	11,1	2,9	5,3	4,8	8,3	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 22

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de alguém usando drogas no parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	15,1	16,4	11,1	20,0	10,5	9,5	12,5	25,0	12,5
Não Assistiu	74,0	74,5	72,2	77,1	71,1	85,7	70,8	65,0	75,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	8,2	7,3	11,1	0,0	15,8	0,0	12,5	10,0	12,5
Não sabe/ não opinou	2,7	1,8	5,6	2,9	2,6	4,8	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 23

Percepção dos frequentadores, em relação ao bairro onde moram

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Se sente parte de uma comunidade	45,5	45,5	0,0	50,0	40,7	43,8	35,3	50,0	62,5
É apenas um lugar para se morar	54,5	54,5	0,0	50,0	59,3	56,3	64,7	50,0	37,5
Não sabe/ não opinou	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 24

Percepção dos representantes das entidades sociais, em relação ao bairro onde moram

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção de Pertencimento	Total	Residência no entorno		Sexo	
		Sim	Não	Masc.	Fem.
TOTAL	100,0	100,0	0,0	1,0	1,0
Se sente parte de uma comunidade	1,0	1,0	0,0	1,0	1,0
É apenas um lugar para se morar	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 25

Percepção dos funcionários e prestadores de serviços públicos, em relação ao bairro onde moram
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção de Pertencimento	Total	Residência no entorno		Sexo	
		Sim	Não	Masc.	Fem.
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0
Se sente parte de uma comunidade	60,0	60,0	0,0	63,6	55,6
É apenas um lugar para se morar	35,0	35,0	0,0	27,3	44,4
Não sabe/ não opinou	5,0	5,0	0,0	9,1	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 26

Percepção dos frequentadores, quanto a satisfação e a qualidade dos serviços de policiamento nos distritos de Anhangüera e Perus

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito satisfeito	1,8	1,8	0,0	0,0	3,7	0,0	0,0	0,0	12,5
Satisfeito	20,0	20,0	0,0	21,4	18,5	6,3	17,6	28,6	37,5
Insatisfeito	58,2	58,2	0,0	60,7	55,6	75,0	58,8	57,1	25,0
Muito insatisfeito	18,2	18,2	0,0	14,3	22,2	18,8	17,6	14,3	25,0
Não tem (espontâneo)	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	1,8	1,8	0,0	3,6	0,0	0,0	5,9	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 27

Percepção dos frequentadores, quanto a satisfação e a qualidade dos cinemas/ teatros nos distritos de Anhangüera e Perus

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito satisfeito	3,6	3,6	0,0	0,0	7,4	0,0	5,9	7,1	0,0
Satisfeito	7,3	7,3	0,0	3,6	11,1	12,5	11,8	0,0	0,0
Insatisfeito	23,6	23,6	0,0	35,7	11,1	25,0	23,5	28,6	12,5
Muito insatisfeito	41,8	41,8	0,0	50,0	33,3	43,8	35,3	50,0	37,5
Não tem (espontâneo)	20,0	20,0	0,0	7,1	33,3	18,8	17,6	14,3	37,5
Não sabe/ não opinou	3,6	3,6	0,0	3,6	3,7	0,0	5,9	0,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 28

Percepção dos frequentadores, quanto a satisfação e a qualidade dos centro de referência de assistência social nos distritos de Anhangüera e Perus

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito satisfeito	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Satisfeito	14,5	14,5	0,0	14,3	14,8	12,5	5,9	14,3	37,5
Insatisfeito	49,1	49,1	0,0	50,0	48,1	56,3	52,9	50,0	25,0
Muito insatisfeito	18,2	18,2	0,0	21,4	14,8	18,8	23,5	21,4	0,0
Não tem (espontâneo)	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	18,2	18,2	0,0	14,3	22,2	12,5	17,6	14,3	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 29

Percepção dos frequentadores, quanto a satisfação e a qualidade dos hospitais/ prontos socorros nos distritos de Anhangüera e Perus

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito satisfeito	7,3	7,3	0,0	7,1	7,4	12,5	0,0	14,3	0,0
Satisfeito	14,5	14,5	0,0	7,1	22,2	6,3	23,5	7,1	25,0
Insatisfeito	34,5	34,5	0,0	32,1	37,0	31,3	52,9	35,7	0,0
Muito insatisfeito	34,5	34,5	0,0	42,9	25,9	43,8	11,8	35,7	62,5
Não tem (espontâneo)	3,6	3,6	0,0	0,0	7,4	0,0	5,9	7,1	0,0
Não sabe/ não opinou	5,5	5,5	0,0	10,7	0,0	6,3	5,9	0,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 30

Percepção dos frequentadores, quanto a satisfação e a qualidade dos clubes esportivos nos distritos de Anhangüera e Perus

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito satisfeito	1,8	1,8	0,0	0,0	3,7	0,0	0,0	7,1	0,0
Satisfeito	10,9	10,9	0,0	14,3	7,4	25,0	5,9	7,1	0,0
Insatisfeito	43,6	43,6	0,0	46,4	40,7	37,5	58,8	35,7	37,5
Muito insatisfeito	27,3	27,3	0,0	35,7	18,5	31,3	11,8	35,7	37,5
Não tem (espontâneo)	9,1	9,1	0,0	0,0	18,5	6,3	11,8	7,1	12,5
Não sabe/ não opinou	7,3	7,3	0,0	3,6	11,1	0,0	11,8	7,1	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 31

Percepção dos frequentadores, quanto a satisfação e a qualidade das escolas de treinamento para jovens nos distritos de Anhangüera e Perus

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito satisfeito	1,8	1,8	0,0	0,0	3,7	0,0	0,0	7,1	0,0
Satisfeito	21,8	21,8	0,0	21,4	22,2	31,3	17,6	14,3	25,0
Insatisfeito	27,3	27,3	0,0	39,3	14,8	37,5	23,5	35,7	0,0
Muito insatisfeito	21,8	21,8	0,0	21,4	22,2	18,8	17,6	28,6	25,0
Não tem (espontâneo)	16,4	16,4	0,0	10,7	22,2	12,5	29,4	7,1	12,5
Não sabe/ não opinou	10,9	10,9	0,0	7,1	14,8	0,0	11,8	7,1	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 32

Percepção dos frequentadores, quanto a satisfação e a qualidade de supermercados e mercearias nos distritos de Anhangüera e Perus

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito satisfeito	5,5	5,5	0,0	7,1	3,7	12,5	5,9	0,0	0,0
Satisfeito	63,6	63,6	0,0	71,4	55,6	62,5	58,8	64,3	75,0
Insatisfeito	23,6	23,6	0,0	14,3	33,3	25,0	23,5	21,4	25,0
Muito insatisfeito	5,5	5,5	0,0	3,6	7,4	0,0	5,9	14,3	0,0
Não tem (espontâneo)	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	1,8	1,8	0,0	3,6	0,0	0,0	5,9	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 33

Percepção dos frequentadores, quanto a satisfação e a qualidade das áreas de esporte nos distritos de Anhangüera e Perus

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito satisfeito	1,8	1,8	0,0	3,6	0,0	0,0	0,0	7,1	0,0
Satisfeito	25,5	25,5	0,0	25,0	25,9	31,3	35,3	0,0	37,5
Insatisfeito	50,9	50,9	0,0	53,6	48,1	50,0	52,9	57,1	37,5
Muito insatisfeito	12,7	12,7	0,0	14,3	11,1	12,5	0,0	28,6	12,5
Não tem (espontâneo)	3,6	3,6	0,0	0,0	7,4	6,3	0,0	7,1	0,0
Não sabe/ não opinou	5,5	5,5	0,0	3,6	7,4	0,0	11,8	0,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 34

Percepção dos frequentadores, quanto a satisfação e a qualidade de creches nos distritos de Anhangüera e Perus

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito satisfeito	1,8	1,8	0,0	0,0	3,7	0,0	0,0	7,1	0,0
Satisfeito	41,8	41,8	0,0	46,4	37,0	43,8	47,1	28,6	50,0
Insatisfeito	34,5	34,5	0,0	42,9	25,9	43,8	29,4	42,9	12,5
Muito insatisfeito	5,5	5,5	0,0	0,0	11,1	12,5	0,0	7,1	0,0
Não tem (espontâneo)	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	16,4	16,4	0,0	10,7	22,2	0,0	23,5	14,3	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 35

Percepção dos frequentadores, quanto a satisfação e a qualidade de creches nos distritos de Anhangüera e Perus

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito satisfeito	7,3	7,3	0,0	7,1	7,4	0,0	5,9	14,3	12,5
Satisfeito	54,5	54,5	0,0	53,6	55,6	62,5	47,1	57,1	50,0
Insatisfeito	27,3	27,3	0,0	28,6	25,9	25,0	41,2	14,3	25,0
Muito insatisfeito	9,1	9,1	0,0	7,1	11,1	12,5	0,0	14,3	12,5
Não tem (espontâneo)	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	1,8	1,8	0,0	3,6	0,0	0,0	5,9	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 36

Percepção dos frequentadores, quanto a condições de vida nos bairros do entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Um lugar melhor para se viver	47,3	47,3	0,0	50,0	44,4	56,3	29,4	57,1	50,0
Um lugar pior para se viver	9,1	9,1	0,0	10,7	7,4	6,3	11,8	7,1	12,5
Não mudou; sempre foi um bom lugar	29,1	29,1	0,0	25,0	33,3	25,0	35,3	21,4	37,5
Não mudou; sempre foi um lugar ruim	9,1	9,1	0,0	3,6	14,8	6,3	17,6	7,1	0,0
Não sabe/ não opinou	5,5	5,5	0,0	10,7	0,0	6,3	5,9	7,1	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 37

Percepção dos representantes das entidades sociais, quanto a condições de vida nos bairros do entorno Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo	
		Sim	Não	Masc.	Fem.
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0
Um lugar melhor para se viver	55,6	55,6	0,0	100,0	33,3
Um lugar pior para se viver	44,4	44,4	0,0	0,0	66,7
Não mudou; sempre foi um bom lugar	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não mudou; sempre foi um lugar ruim	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 38

Percepção dos frequentadores, se há algum lugar em sua vizinhança onde não se sentem seguro em andar durante o dia

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Há	23,3	25,5	16,7	11,4	34,2	14,3	20,8	30,0	37,5
Não há	75,3	72,7	83,3	85,7	65,8	85,7	79,2	65,0	62,5
Não sabe/ não opinou	1,4	1,8	0,0	2,9	0,0	0,0	0,0	5,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 39

Percepção dos frequentadores, em relação ao impacto dos problemas de desemprego na vida das pessoas residentes no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Grave	38,4	41,8	27,8	37,1	39,5	42,9	33,3	35,0	50,0
Grave	45,2	43,6	50,0	48,6	42,1	52,4	41,7	50,0	25,0
Pouco grave	12,3	12,7	11,1	14,3	10,5	4,8	20,8	10,0	12,5
Nada Grave	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	4,1	1,8	11,1	0,0	7,9	0,0	4,2	5,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 40

Percepção dos frequentadores, em relação ao impacto dos problemas da violência familiar na vida das pessoas residentes no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Grave	15,1	10,9	27,8	17,1	13,2	14,3	25,0	5,0	12,5
Grave	49,3	47,3	55,6	42,9	55,3	71,4	41,7	45,0	25,0
Pouco grave	21,9	27,3	5,6	31,4	13,2	14,3	29,2	30,0	0,0
Nada Grave	6,8	7,3	5,6	5,7	7,9	0,0	0,0	15,0	25,0
Não sabe/ não opinou	6,8	7,3	5,6	2,9	10,5	0,0	4,2	5,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 41

Percepção dos frequentadores, em relação ao impacto dos problemas de alcoolismo na vida das pessoas residentes no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Grave	47,9	47,3	50,0	45,7	50,0	47,6	58,3	40,0	37,5
Grave	42,5	43,6	38,9	45,7	39,5	47,6	37,5	50,0	25,0
Pouco grave	4,1	3,6	5,6	5,7	2,6	4,8	0,0	10,0	0,0
Nada Grave	2,7	3,6	0,0	2,9	2,6	0,0	0,0	0,0	25,0
Não sabe/ não opinou	2,7	1,8	5,6	0,0	5,3	0,0	4,2	0,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 42

Percepção dos frequentadores, em relação ao impacto dos problemas de uso de drogas na vida das pessoas residentes no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Grave	64,4	67,3	55,6	65,7	63,2	81,0	50,0	65,0	62,5
Grave	28,8	27,3	33,3	34,3	23,7	19,0	37,5	30,0	25,0
Pouco grave	2,7	1,8	5,6	0,0	5,3	0,0	4,2	5,0	0,0
Nada Grave	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não sabe/ não opinou	4,1	3,6	5,6	0,0	7,9	0,0	8,3	0,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 43

Percepção dos frequentadores, em relação ao impacto dos problemas da expansão de organizações criminosas na vida das pessoas residentes no entorno
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Grave	41,1	38,2	50,0	40,0	42,1	42,9	50,0	35,0	25,0
Grave	41,1	45,5	27,8	48,6	34,2	57,1	25,0	55,0	12,5
Pouco grave	4,1	5,5	0,0	8,6	0,0	0,0	4,2	5,0	12,5
Nada Grave	5,5	1,8	16,7	2,9	7,9	0,0	8,3	5,0	12,5
Não sabe/ não opinou	8,2	9,1	5,6	0,0	15,8	0,0	12,5	0,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 44

Percepção dos frequentadores, em relação ao impacto dos problemas do envolvimento de pessoas menores de idade com organizações criminosas na vida das pessoas residentes no entorno
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Grave	39,7	40,0	38,9	42,9	36,8	42,9	50,0	30,0	25,0
Grave	46,6	49,1	38,9	51,4	42,1	52,4	33,3	65,0	25,0
Pouco grave	2,7	1,8	5,6	0,0	5,3	0,0	8,3	0,0	0,0
Nada Grave	4,1	3,6	5,6	5,7	2,6	4,8	0,0	5,0	12,5
Não sabe/ não opinou	6,8	5,5	11,1	0,0	13,2	0,0	8,3	0,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 45

Percepção dos frequentadores, do quanto acham que existe de roubo de casa no entorno
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Bastante	27,4	25,5	33,3	20,0	34,2	33,3	20,8	30,0	25,0
Pouco	53,4	56,4	44,4	62,9	44,7	52,4	54,2	50,0	62,5
Nada	16,4	14,5	22,2	14,3	18,4	14,3	16,7	20,0	12,5
Não sabe/ não opinou	2,7	3,6	0,0	2,9	2,6	0,0	8,3	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 46

Percepção dos frequentadores, do quanto acham que existe de roubo de carro no entorno
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Bastante	31,5	29,1	38,9	22,9	39,5	19,0	41,7	35,0	25,0
Pouco	53,4	56,4	44,4	68,6	39,5	71,4	41,7	45,0	62,5
Nada	11,0	9,1	16,7	5,7	15,8	9,5	8,3	15,0	12,5
Não sabe/ não opinou	4,1	5,5	0,0	2,9	5,3	0,0	8,3	5,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 47

Percepção dos frequentadores, sobre o quanto acham que existe de janelas quebradas no entorno
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Bastante	11,0	9,1	16,7	11,4	10,5	14,3	4,2	15,0	12,5
Pouco	50,7	52,7	44,4	57,1	44,7	66,7	62,5	35,0	12,5
Nada	35,6	34,5	38,9	28,6	42,1	19,0	33,3	45,0	62,5
Não sabe/ não opinou	2,7	3,6	0,0	2,9	2,6	0,0	0,0	5,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 48

Percepção dos frequentadores, sobre o quanto acham que existe de pichação de muros/ casas no entorno
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Bastante	63,0	60,0	72,2	60,0	65,8	85,7	62,5	45,0	50,0
Pouco	21,9	25,5	11,1	28,6	15,8	14,3	25,0	35,0	0,0
Nada	15,1	14,5	16,7	11,4	18,4	0,0	12,5	20,0	50,0
Não sabe/ não opinou	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 49

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar que tenha ocorrido tiroteios no entorno do parque

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Assistiu ou Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	17,8	18,2	16,7	17,1	18,4	23,8	16,7	20,0	0,0
Não Assistiu	52,1	47,3	66,7	57,1	47,4	57,1	54,2	40,0	62,5
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	28,8	34,5	11,1	25,7	31,6	19,0	25,0	40,0	37,5
Não sabe/ não opinou	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 50

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar que alguém foi ameaçado com uma faca, no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Assistiu ou Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	13,7	12,7	16,7	8,6	18,4	14,3	20,8	10,0	0,0
Não Assistiu	69,9	76,4	50,0	77,1	63,2	81,0	62,5	55,0	100,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	13,7	9,1	27,8	11,4	15,8	4,8	12,5	30,0	0,0
Não sabe/ não opinou	2,7	1,8	5,6	2,9	2,6	0,0	4,2	5,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 51

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar que alguém foi estupro no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Assistiu ou Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Representa	23,3	23,6	22,2	22,9	23,7	19,0	33,3	15,0	25,0
Não Representa	74,0	76,4	66,7	74,3	73,7	76,2	66,7	80,0	75,0
Não sabe/ não opinou	2,7	0,0	11,1	2,9	2,6	4,8	0,0	5,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 52

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar que alguém foi assassinado no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Assistiu ou Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	9,6	10,9	5,6	8,6	10,5	4,8	4,2	25,0	0,0
Não Assistiu	38,4	41,8	27,8	48,6	28,9	38,1	41,7	30,0	50,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	50,7	47,3	61,1	42,9	57,9	57,1	50,0	45,0	50,0
Não sabe/ não opinou	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 53

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de alguém sendo agredido no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Assistiu ou Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	38,4	38,2	38,9	42,9	34,2	47,6	41,7	40,0	0,0
Não Assistiu	28,8	29,1	27,8	31,4	26,3	23,8	20,8	30,0	62,5
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	30,1	30,9	27,8	25,7	34,2	28,6	33,3	30,0	25,0
Não sabe/ não opinou	2,7	1,8	5,6	0,0	5,3	0,0	4,2	0,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 54

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar que tenha ocorrido brigas de gangues no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Assistiu ou Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	16,4	14,5	22,2	17,1	15,8	14,3	16,7	25,0	0,0
Não Assistiu	46,6	43,6	55,6	48,6	44,7	52,4	50,0	35,0	50,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	31,5	36,4	16,7	28,6	34,2	33,3	25,0	35,0	37,5
Não sabe/ não opinou	5,5	5,5	5,6	5,7	5,3	0,0	8,3	5,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 55

Percepção dos frequentadores, quanto aos pais das crianças do bairro normalmente se conhecerem
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Concorda totalmente	38,4	36,4	44,4	34,3	42,1	33,3	41,7	45,0	25,0
Concorda em parte	26,0	30,9	11,1	28,6	23,7	19,0	25,0	30,0	37,5
Discorda em parte	6,8	3,6	16,7	8,6	5,3	9,5	8,3	0,0	12,5
Discorda totalmente	11,0	10,9	11,1	8,6	13,2	0,0	16,7	15,0	12,5
Não sabe/ não opinou	17,8	18,2	16,7	20,0	15,8	38,1	8,3	10,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 56

Percepção dos frequentadores, quanto aos adultos conhecerem as crianças do entorno
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Concorda totalmente	38,4	34,5	50,0	31,4	44,7	38,1	37,5	45,0	25,0
Concorda em parte	27,4	29,1	22,2	31,4	23,7	14,3	33,3	30,0	37,5
Discorda em parte	2,7	1,8	5,6	5,7	0,0	4,8	4,2	0,0	0,0
Discorda totalmente	13,7	16,4	5,6	14,3	13,2	4,8	16,7	20,0	12,5
Não sabe/ não opinou	17,8	18,2	16,7	17,1	18,4	38,1	8,3	5,0	25,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 57

Percepção dos frequentadores, quanto aos adultos se preocuparem com todas crianças⁽¹⁾ do entorno
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Concorda totalmente	38,4	38,2	38,9	40,0	36,8	38,1	45,8	40,0	12,5
Concorda em parte	30,1	29,1	33,3	22,9	36,8	23,8	37,5	25,0	37,5
Discorda em parte	4,1	3,6	5,6	5,7	2,6	4,8	0,0	5,0	12,5
Discorda totalmente	11,0	12,7	5,6	14,3	7,9	4,8	8,3	25,0	0,0
Não sabe/ não opinou	16,4	16,4	16,7	17,1	15,8	28,6	8,3	5,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

(1) Mesmo aquelas que não são seus filhos ou netos

Tabela 58

Percepção dos frequentadores, em relação ao impacto dos problemas de gravidez de adolescentes na vida das pessoas residentes no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Grave	42,5	41,8	44,4	42,9	42,1	61,9	33,3	30,0	50,0
Grave	41,1	41,8	38,9	51,4	31,6	38,1	45,8	40,0	37,5
Pouco grave	11,0	12,7	5,6	5,7	15,8	0,0	16,7	20,0	0,0
Nada Grave	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	0,0	5,0	0,0
Não sabe/ não opinou	4,1	3,6	5,6	0,0	7,9	0,0	4,2	5,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 59

Percepção dos frequentadores, em relação ao impacto dos problemas de falta de ter o que fazer na vida das pessoas residentes no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Grave	46,6	40,0	66,7	42,9	50,0	61,9	45,8	40,0	25,0
Grave	37,0	41,8	22,2	42,9	31,6	28,6	41,7	40,0	37,5
Pouco grave	6,8	9,1	0,0	5,7	7,9	4,8	8,3	10,0	0,0
Nada Grave	6,8	7,3	5,6	8,6	5,3	4,8	0,0	10,0	25,0
Não sabe/ não opinou	2,7	1,8	5,6	0,0	5,3	0,0	4,2	0,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 60

Percepção dos frequentadores, em relação ao quanto acha que existe de lixo/ entulho nas calçadas

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Bastante	64,4	65,5	61,1	65,7	63,2	85,7	58,3	55,0	50,0
Pouco	20,5	25,5	5,6	28,6	13,2	9,5	25,0	25,0	25,0
Nada	15,1	9,1	33,3	5,7	23,7	4,8	16,7	20,0	25,0
Não sabe/ não opinou	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 61

Percepção dos frequentadores, em relação ao quanto acha que existe de bagunças noturnas nas calçadas Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Bastante	61,6	65,5	50,0	65,7	57,9	66,7	70,8	50,0	50,0
Pouco	23,3	21,8	27,8	25,7	21,1	23,8	20,8	30,0	12,5
Nada	12,3	12,7	11,1	8,6	15,8	9,5	0,0	20,0	37,5
Não sabe/ não opinou	2,7	0,0	11,1	0,0	5,3	0,0	8,3	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 62

Percepção dos frequentadores, em relação ao quanto acha que existe de ruas sem asfalto Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Bastante	16,4	18,2	11,1	20,0	13,2	19,0	8,3	25,0	12,5
Pouco	64,4	69,1	50,0	74,3	55,3	76,2	70,8	50,0	50,0
Nada	19,2	12,7	38,9	5,7	31,6	4,8	20,8	25,0	37,5
Não sabe/ não opinou	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 63

Percepção dos frequentadores, em relação ao quanto acha que existe de ruas sem iluminação pública Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Bastante	12,3	12,7	11,1	14,3	10,5	14,3	12,5	15,0	0,0
Pouco	64,4	69,1	50,0	80,0	50,0	76,2	58,3	60,0	62,5
Nada	19,2	14,5	33,3	2,9	34,2	9,5	20,8	25,0	25,0
Não sabe/ não opinou	4,1	3,6	5,6	2,9	5,3	0,0	8,3	0,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 64

Percepção dos frequentadores, em relação ao quanto acha que existe de carros abandonados
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Bastante	5,5	7,3	0,0	2,9	7,9	4,8	8,3	5,0	0,0
Pouco	56,2	58,2	50,0	71,4	42,1	76,2	54,2	50,0	25,0
Nada	32,9	29,1	44,4	22,9	42,1	19,0	25,0	45,0	62,5
Não sabe/ não opinou	5,5	5,5	5,6	2,9	7,9	0,0	12,5	0,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 65

Percepção dos frequentadores, em relação ao quanto acha que existe de lotes vazios e abandonados
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Bastante	30,1	27,3	38,9	22,9	36,8	23,8	29,2	25,0	62,5
Pouco	54,8	56,4	50,0	62,9	47,4	71,4	54,2	45,0	37,5
Nada	15,1	16,4	11,1	14,3	15,8	4,8	16,7	30,0	0,0
Não sabe/ não opinou	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 66

Percepção dos frequentadores, em relação ao quanto acha que existe de construções abandonadas
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Bastante	15,1	14,5	16,7	14,3	15,8	23,8	12,5	15,0	0,0
Pouco	52,1	52,7	50,0	62,9	42,1	57,1	58,3	45,0	37,5
Nada	31,5	30,9	33,3	22,9	39,5	19,0	29,2	35,0	62,5
Não sabe/ não opinou	1,4	1,8	0,0	0,0	2,6	0,0	0,0	5,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 67

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no entorno para discutir problemas coletivos como segurança pública

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade das Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	6,8	7,3	5,6	11,4	2,6	9,5	8,3	5,0	0,0
Quase Sempre	2,7	1,8	5,6	0,0	5,3	0,0	0,0	10,0	0,0
Às vezes	23,3	23,6	22,2	28,6	18,4	19,0	25,0	25,0	25,0
Quase nunca	13,7	16,4	5,6	20,0	7,9	19,0	16,7	5,0	12,5
Nunca se reuniu	31,5	32,7	27,8	22,9	39,5	23,8	29,2	40,0	37,5
Não sabe/ não opinou	21,9	18,2	33,3	17,1	26,3	28,6	20,8	15,0	25,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 68

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no entorno para discutir problemas coletivos como violência

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade das Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	5,5	5,5	5,6	8,6	2,6	9,5	8,3	0,0	0,0
Quase Sempre	4,1	1,8	11,1	2,9	5,3	0,0	0,0	15,0	0,0
Às vezes	21,9	23,6	16,7	22,9	21,1	14,3	25,0	20,0	37,5
Quase nunca	15,1	18,2	5,6	25,7	5,3	23,8	16,7	10,0	0,0
Nunca se reuniu	31,5	32,7	27,8	22,9	39,5	23,8	29,2	40,0	37,5
Não sabe/ não opinou	21,9	18,2	33,3	17,1	26,3	28,6	20,8	15,0	25,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 69

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no entorno para discutir problemas coletivos como saúde

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade das Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	6,8	5,5	11,1	11,4	2,6	4,8	8,3	10,0	0,0
Quase Sempre	4,1	3,6	5,6	2,9	5,3	4,8	0,0	10,0	0,0
Às vezes	21,9	23,6	16,7	22,9	21,1	14,3	25,0	20,0	37,5
Quase nunca	13,7	16,4	5,6	22,9	5,3	23,8	16,7	5,0	0,0
Nunca se reuniu	31,5	32,7	27,8	22,9	39,5	23,8	29,2	40,0	37,5
Não sabe/ não opinou	21,9	18,2	33,3	17,1	26,3	28,6	20,8	15,0	25,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 70

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no entorno para discutir problemas coletivos como educação

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade das Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	6,8	7,3	5,6	8,6	5,3	4,8	8,3	5,0	12,5
Quase Sempre	4,1	3,6	5,6	2,9	5,3	4,8	0,0	10,0	0,0
Às vezes	23,3	23,6	22,2	28,6	18,4	19,0	25,0	25,0	25,0
Quase nunca	12,3	14,5	5,6	20,0	5,3	19,0	16,7	5,0	0,0
Nunca se reuniu	31,5	32,7	27,8	22,9	39,5	23,8	29,2	40,0	37,5
Não sabe/ não opinou	21,9	18,2	33,3	17,1	26,3	28,6	20,8	15,0	25,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 71

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no entorno para discutir problemas coletivos como lazer

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade das Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	5,5	3,6	11,1	8,6	2,6	4,8	8,3	5,0	0,0
Quase Sempre	4,1	3,6	5,6	2,9	5,3	4,8	0,0	10,0	0,0
Às vezes	23,3	25,5	16,7	25,7	21,1	14,3	25,0	25,0	37,5
Quase nunca	13,7	16,4	5,6	22,9	5,3	23,8	16,7	5,0	0,0
Nunca se reuniu	31,5	32,7	27,8	22,9	39,5	23,8	29,2	40,0	37,5
Não sabe/ não opinou	21,9	18,2	33,3	17,1	26,3	28,6	20,8	15,0	25,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 72

Percepção dos frequentadores, quanto a periodicidade de reuniões no entorno para discutir problemas coletivos como meio ambiente

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Periodicidade das Reuniões	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	4,1	3,6	5,6	5,7	2,6	4,8	8,3	0,0	0,0
Quase Sempre	4,1	3,6	5,6	0,0	7,9	0,0	0,0	10,0	12,5
Às vezes	21,9	23,6	16,7	25,7	18,4	14,3	29,2	20,0	25,0
Quase nunca	17,8	20,0	11,1	31,4	5,3	28,6	16,7	15,0	0,0
Nunca se reuniu	30,1	30,9	27,8	20,0	39,5	23,8	25,0	40,0	37,5
Não sabe/ não opinou	21,9	18,2	33,3	17,1	26,3	28,6	20,8	15,0	25,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 73

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de jovens menores de idade beberem álcool no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Assistiram ou Ouviram Falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	74,0	76,4	66,7	71,4	76,3	90,5	70,8	70,0	50,0
Não Assistiu	20,5	21,8	16,7	25,7	15,8	9,5	20,8	20,0	50,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	4,1	1,8	11,1	2,9	5,3	0,0	4,2	10,0	0,0
Não sabe/ não opinou	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 74

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de alguém usando drogas no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Assistiram ou Ouviram Falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	61,6	61,8	61,1	65,7	57,9	81,0	58,3	60,0	25,0
Não Assistiu	19,2	18,2	22,2	20,0	18,4	9,5	20,8	10,0	62,5
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	17,8	20,0	11,1	14,3	21,1	9,5	16,7	30,0	12,5
Não sabe/ não opinou	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 75

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de a polícia prendendo alguém no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Assistiram ou Ouviram Falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	38,4	41,8	27,8	42,9	34,2	52,4	33,3	40,0	12,5
Não Assistiu	30,1	29,1	33,3	37,1	23,7	28,6	25,0	30,0	50,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	30,1	29,1	33,3	20,0	39,5	19,0	37,5	30,0	37,5
Não sabe/ não opinou	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 76

Percepção dos frequentadores, se nos últimos três meses assistiram ou ouviram falar de alguém sendo assaltado no entorno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Assistiram ou Ouviram Falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assistiu	19,2	18,2	22,2	17,1	21,1	23,8	16,7	25,0	0,0
Não Assistiu	28,8	30,9	22,2	34,3	23,7	33,3	25,0	20,0	50,0
Não Assistiu mas ouviu falar que aconteceu	50,7	50,9	50,0	48,6	52,6	42,9	54,2	55,0	50,0
Não sabe/ não opinou	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 77

Percepção dos frequentadores, em relação aos serviços prestados pela polícia em seu bairro, em 2008

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Melhorou	13,7	16,4	5,6	17,1	10,5	4,8	20,8	10,0	25,0
Piorou	11,0	10,9	11,1	11,4	10,5	0,0	12,5	20,0	12,5
Está igual, mas era bom	24,7	20,0	38,9	25,7	23,7	28,6	25,0	15,0	37,5
Está igual, mas era ruim	47,9	49,1	44,4	40,0	55,3	57,1	41,7	55,0	25,0
Não sabe/ não opinou	2,7	3,6	0,0	5,7	0,0	9,5	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 78

Percepção dos frequentadores, em relação aos serviços prestados pela polícia em seu bairro, até o final de 2009

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Melhorou	30,1	25,5	44,4	34,3	26,3	19,0	41,7	25,0	37,5
Piorou	20,5	18,2	27,8	11,4	28,9	14,3	25,0	25,0	12,5
Está igual, mas era bom	20,5	21,8	16,7	31,4	10,5	19,0	16,7	25,0	25,0
Está igual, mas era ruim	24,7	29,1	11,1	17,1	31,6	38,1	12,5	25,0	25,0
Não sabe/ não opinou	4,1	5,5	0,0	5,7	2,6	9,5	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 79

Percepção dos frequentadores em relação a atuação da polícia no entorno, quanto a atender prontamente aos chamados da comunidade

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	30,1	29,1	33,3	40,0	21,1	28,6	29,2	20,0	62,5
Quase Sempre	16,4	18,2	11,1	17,1	15,8	14,3	16,7	25,0	0,0
Às vezes	26,0	27,3	22,2	25,7	26,3	28,6	16,7	40,0	12,5
Quase nunca	9,6	9,1	11,1	5,7	13,2	19,0	4,2	5,0	12,5
Nunca	13,7	12,7	16,7	2,9	23,7	4,8	25,0	10,0	12,5
Não sabe/ não opinou	4,1	3,6	5,6	8,6	0,0	4,8	8,3	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 80

Percepção dos frequentadores em relação a atuação da polícia no entorno, quanto a polícia conseguir manter as ruas do bairro tranquilas

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	16,4	16,4	16,7	17,1	15,8	14,3	20,8	0,0	50,0
Quase Sempre	20,5	18,2	27,8	25,7	15,8	23,8	12,5	35,0	0,0
Às vezes	28,8	27,3	33,3	22,9	34,2	23,8	29,2	40,0	12,5
Quase nunca	16,4	18,2	11,1	17,1	15,8	19,0	12,5	15,0	25,0
Nunca	16,4	18,2	11,1	14,3	18,4	14,3	25,0	10,0	12,5
Não sabe/ não opinou	1,4	1,8	0,0	2,9	0,0	4,8	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 81

Percepção dos frequentadores em relação a atuação da polícia no entorno, se acontece de a polícia ser educada quando aborda pessoas nas ruas a polícia

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	16,4	18,2	11,1	22,9	10,5	4,8	20,8	10,0	50,0
Quase Sempre	13,7	14,5	11,1	25,7	2,6	23,8	8,3	15,0	0,0
Às vezes	30,1	27,3	38,9	25,7	34,2	28,6	37,5	25,0	25,0
Quase nunca	8,2	9,1	5,6	8,6	7,9	4,8	8,3	15,0	0,0
Nunca	23,3	21,8	27,8	14,3	31,6	33,3	16,7	25,0	12,5
Não sabe/ não opinou	8,2	9,1	5,6	2,9	13,2	4,8	8,3	10,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 82

Percepção dos frequentadores em relação a atuação da polícia no entorno, se acontece de os policiais do bairro aceitarem suborno

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	8,2	9,1	5,6	2,9	13,2	9,5	8,3	5,0	12,5
Quase Sempre	5,5	7,3	0,0	11,4	0,0	4,8	8,3	5,0	0,0
Às vezes	9,6	5,5	22,2	8,6	10,5	14,3	8,3	10,0	0,0
Quase nunca	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Nunca	16,4	12,7	27,8	25,7	7,9	19,0	16,7	15,0	12,5
Não sabe/ não opinou	60,3	65,5	44,4	51,4	68,4	52,4	58,3	65,0	75,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 83

Percepção dos frequentadores em relação a atuação da polícia no entorno, se acontece de policiais protegerem o tráfico de drogas

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	17,8	20,0	11,1	14,3	21,1	19,0	16,7	15,0	25,0
Quase Sempre	9,6	9,1	11,1	8,6	10,5	9,5	12,5	5,0	12,5
Às vezes	11,0	7,3	22,2	11,4	10,5	19,0	8,3	10,0	0,0
Quase nunca	1,4	1,8	0,0	0,0	2,6	0,0	4,2	0,0	0,0
Nunca	11,0	9,1	16,7	17,1	5,3	9,5	8,3	15,0	12,5
Não sabe/ não opinou	49,3	52,7	38,9	48,6	50,0	42,9	50,0	55,0	50,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 84

Percepção dos frequentadores em relação a atuação da polícia no entorno, se acontece de os policiais terem medo dos traficantes de drogas

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sempre	23,3	20,0	33,3	25,7	21,1	23,8	16,7	30,0	25,0
Quase Sempre	9,6	10,9	5,6	5,7	13,2	9,5	12,5	5,0	12,5
Às vezes	16,4	16,4	16,7	20,0	13,2	19,0	20,8	10,0	12,5
Quase nunca	1,4	0,0	5,6	0,0	2,6	0,0	4,2	0,0	0,0
Nunca	12,3	10,9	16,7	20,0	5,3	23,8	8,3	5,0	12,5
Não sabe/ não opinou	37,0	41,8	22,2	28,6	44,7	23,8	37,5	50,0	37,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 85

Percepção dos frequentadores em relação a eficiência das instituições que servem a comunidade em assuntos de direitos do cidadão, como os Bombeiros

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Boa	54,8	54,5	55,6	60,0	50,0	23,8	66,7	70,0	62,5
Boa	39,7	38,2	44,4	34,3	44,7	66,7	33,3	25,0	25,0
Regular	2,7	3,6	0,0	2,9	2,6	4,8	0,0	5,0	0,0
Ruim	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Muito Ruim	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não Conhece/ não sabe	2,7	3,6	0,0	2,9	2,6	4,8	0,0	0,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 86

Percepção dos frequentadores em relação a eficiência das instituições que servem a comunidade em assuntos de direitos do cidadão, como a Polícia Militar

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Boa	4,1	5,5	0,0	5,7	2,6	0,0	4,2	0,0	25,0
Boa	35,6	32,7	44,4	37,1	34,2	28,6	50,0	25,0	37,5
Regular	35,6	38,2	27,8	37,1	34,2	42,9	20,8	50,0	25,0
Ruim	15,1	12,7	22,2	8,6	21,1	19,0	16,7	15,0	0,0
Muito Ruim	8,2	9,1	5,6	8,6	7,9	4,8	8,3	10,0	12,5
Não Conhece/ não sabe	1,4	1,8	0,0	2,9	0,0	4,8	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 87

Percepção dos frequentadores em relação a eficiência das instituições que servem a comunidade em assuntos de direitos do cidadão, como a Guarda Civil Metropolitana

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Boa	2,7	1,8	5,6	2,9	2,6	0,0	0,0	5,0	12,5
Boa	53,4	54,5	50,0	60,0	47,4	42,9	70,8	40,0	62,5
Regular	30,1	29,1	33,3	25,7	34,2	47,6	16,7	35,0	12,5
Ruim	5,5	5,5	5,6	5,7	5,3	4,8	4,2	10,0	0,0
Muito Ruim	4,1	3,6	5,6	2,9	5,3	0,0	0,0	10,0	12,5
Não Conhece/ não sabe	4,1	5,5	0,0	2,9	5,3	4,8	8,3	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 88

Percepção dos frequentadores em relação a eficiência das instituições que servem a comunidade em assuntos de direitos do cidadão, como o Exército
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Boa	8,2	9,1	5,6	8,6	7,9	4,8	8,3	5,0	25,0
Boa	47,9	43,6	61,1	60,0	36,8	66,7	62,5	20,0	25,0
Regular	19,2	16,4	27,8	14,3	23,7	19,0	4,2	35,0	25,0
Ruim	2,7	3,6	0,0	0,0	5,3	0,0	4,2	5,0	0,0
Muito Ruim	5,5	7,3	0,0	8,6	2,6	4,8	4,2	10,0	0,0
Não Conhece/ não sabe	16,4	20,0	5,6	8,6	23,7	4,8	16,7	25,0	25,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 89

Percepção dos frequentadores em relação a eficiência das instituições que servem a comunidade em assuntos de direitos do cidadão, como a Justiça
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Boa	1,4	1,8	0,0	0,0	2,6	0,0	4,2	0,0	0,0
Boa	17,8	18,2	16,7	17,1	18,4	19,0	16,7	20,0	12,5
Regular	37,0	40,0	27,8	34,3	39,5	42,9	41,7	25,0	37,5
Ruim	21,9	21,8	22,2	28,6	15,8	19,0	25,0	20,0	25,0
Muito Ruim	20,5	16,4	33,3	17,1	23,7	14,3	12,5	35,0	25,0
Não Conhece/ não sabe	1,4	1,8	0,0	2,9	0,0	4,8	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 90

Percepção dos frequentadores em relação a eficiência das instituições que servem a comunidade em assuntos de direitos do cidadão, como o Ministério Público
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Boa	4,1	3,6	5,6	2,9	5,3	0,0	8,3	5,0	0,0
Boa	20,5	23,6	11,1	22,9	18,4	23,8	20,8	20,0	12,5
Regular	27,4	23,6	38,9	22,9	31,6	33,3	25,0	25,0	25,0
Ruim	16,4	20,0	5,6	22,9	10,5	14,3	25,0	10,0	12,5
Muito Ruim	19,2	14,5	33,3	17,1	21,1	9,5	16,7	30,0	25,0
Não Conhece/ não sabe	12,3	14,5	5,6	11,4	13,2	19,0	4,2	10,0	25,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 91

Percepção dos frequentadores em relação a eficiência das instituições que servem a comunidade em assuntos de direitos do cidadão, como a Polícia Civil
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Percepção	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Muito Boa	4,1	3,6	5,6	2,9	5,3	0,0	4,2	0,0	25,0
Boa	31,5	32,7	27,8	31,4	31,6	38,1	41,7	10,0	37,5
Regular	32,9	32,7	33,3	37,1	28,9	38,1	20,8	50,0	12,5
Ruim	17,8	18,2	16,7	14,3	21,1	14,3	20,8	25,0	0,0
Muito Ruim	8,2	5,5	16,7	11,4	5,3	4,8	8,3	10,0	12,5
Não Conhece/ não sabe	5,5	7,3	0,0	2,9	7,9	4,8	4,2	5,0	12,5

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 92

Percepção dos frequentadores, se a expressão "direitos humanos" representa direitos que guiam ou norteiam o trabalho da polícia

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Representa	60,3	60,0	61,1	57,1	63,2	71,4	66,7	50,0	37,5
Não Representa	37,0	36,4	38,9	42,9	31,6	28,6	25,0	50,0	62,5
Não sabe/ não opinou	2,7	3,6	0,0	0,0	5,3	0,0	8,3	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 93

Percepção dos frequentadores, se a expressão "direitos humanos" representa direitos que impedem ou prejudicam o trabalho da polícia

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Representa	38,4	43,6	22,2	42,9	34,2	42,9	41,7	25,0	50,0
Não Representa	60,3	54,5	77,8	57,1	63,2	57,1	54,2	75,0	50,0
Não sabe/ não opinou	1,4	1,8	0,0	0,0	2,6	0,0	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 94

Percepção dos frequentadores, se a expressão "direitos humanos" representa direitos que impedem ou prejudicam o trabalho da polícia
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo		Faixa etária			
		Sim	Não	Masc.	Fem.	16 a 24	25 a 34	35 a 49	50 anos e mais
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Representa	38,4	40,0	33,3	34,3	42,1	23,8	41,7	50,0	37,5
Não Representa	60,3	58,2	66,7	62,9	57,9	76,2	54,2	50,0	62,5
Não sabe/ não opinou	1,4	1,8	0,0	2,9	0,0	0,0	4,2	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 95

Percepção dos representantes das entidades sociais, se a expressão "direitos humanos" representa direitos que guiam ou norteiam o trabalho da polícia
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo	
		Sim	Não	Masc.	Fem.
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0
Representa	33,3	33,3	0,0	50,0	25,0
Não Representa	66,7	66,7	0,0	50,0	75,0
Não sabe/ não opinou	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 96

Percepção dos representantes das entidades sociais, se a expressão "direitos humanos" representa direitos que impedem ou prejudicam o trabalho da polícia
Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo	
		Sim	Não	Masc.	Fem.
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0
Representa	33,3	33,3	0,0	50,0	25,0
Não Representa	66,7	66,7	0,0	50,0	75,0
Não sabe/ não opinou	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 97

Percepção dos representantes das entidades sociais, se a expressão "direitos humanos" representa direitos de bandidos

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo	
		Sim	Não	Masc.	Fem.
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0
Representa	33,3	33,3	0,0	50,0	25,0
Não Representa	66,7	66,7	0,0	50,0	75,0
Não sabe/ não opinou	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.

Tabela 98

Percepção dos representantes dos funcionários, se a expressão "direitos humanos" representa direitos de bandidos

Parque Anhangüera – Município de São Paulo

Em porcentagem

Ouviu falar	Total	Residência no entorno		Sexo	
		Sim	Não	Masc.	Fem.
TOTAL	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0
Representa	33,3	33,3	0,0	50,0	25,0
Não Representa	66,7	66,7	0,0	50,0	75,0
Não sabe/ não opinou	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Instituto São Paulo Contra a Violência. Em busca de um parque sustentável e pacífico, 2009.